

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

Regina Barbosa Tristão

A Season in the Wilderness: Ecoativismo, Identidade e Topofilia em *Desert Solitaire*, de Edward Abbey

GOIÁS

2020

Regina Barbosa Tristão

A Season in the Wilderness: Ecoativismo, Identidade e Topofilia em Desert Solitaire, de Edward Abbey

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade para a defesa.

Orientador: Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota

GOIÁS

2020

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

T838s Tristão, Regina Barbosa
“A Season in the Wilderness” : ecoativismo,
identidade e topofilia em “Desert Solitaire”, de
Edward Abbey [manuscrito] / Regina Barbosa
Tristão. – Goiás, GO, 2020.
114f.

Orientador: Prof. Dr. Adolfo José de Souza
Frota.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e
Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina,
Universidade Estadual de Goiás, 2020.

1. Literatura. 2. Ecocrítica e ecoativismo. 2.1.
Deserto - preservação. I. Título. II. Universidade
Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 82:504(817.3)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE
BANCA EXAMINADORA

1) Dr. Adolfo José de Souza Frota – UEG (Presidente)

2) Dra. Patrícia Chanely Silva Ricarte - UFMG (Membro)

3) Dr. Alexandre Bonafim Felizardo – UEG (Membro)

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos, que sempre me apoiaram e torceram pelo meu sucesso. Dedico, especialmente, ao meu pai João, *in memoriam*, à minha mãe Anita, aos meus irmãos Reinaldo, Reginalda, Renato, aos meus sobrinhos Thayná, Caroline, Arthur e ao meu afilhado Faustinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado a oportunidade de realizar esse tão sonhado desejo de retomar a minha formação continuada.

A todos os professores e colegas do mestrado, que sempre colaboraram com o meu conhecimento e com palavras amigas, em momento de estudo, na faculdade ou nas altas horas no recinto de nossos lares e que, tão generosamente, afagaram-me em momentos de descontração nos bares e restaurantes de Goiás.

Ao meu professor e orientador Adolfo Frota que, de forma dedicada, possibilitou que este trabalho se tornasse o projeto que imaginei, pelas observações severas e minuciosas que lapidaram o meu projeto, ajudando-me a torná-lo um trabalho de impacto social como eu esperava que fosse.

Aos professores Alexandre e Rejane pelas colaborações valorosas.

À professora Patrícia Chanely, que, gentil e prontamente, aceitou o convite para participar da minha banca.

Aos amigos e familiares que me deram força e me impulsionaram quando a caminhada se delineou árdua, os obstáculos pareceram intransponíveis e o ponto de chegada se afigurou inatingível.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), que me possibilitou estudar e pesquisar com mais tranquilidade. Aos funcionários da FAPEG, que sempre muito prestativos atenderam a nós, bolsistas, com agilidade e cortesia.

Agradeço, também, aos nossos queridos Snoopy, Sandy, Lassie, Jack e Sara por tornar meus dias mais leves e aprazíveis quando o cansaço escasseava as minhas forças.

“Sem coragem, todas as outras virtudes são inúteis.”

Edward Abbey

RESUMO

TRISTÃO, Regina Barbosa. *A Season in the Wilderness: Ecoativismo, Identidade e Topofilia em Desert Solitaire, de Edward Abbey*, 2020 114 f. Dissertação de Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás.

Este estudo é uma análise das leituras realizadas sob o ponto de vista da ecocrítica e das teorias do espaço sobre o relato autobiográfico *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness* (1968), de Edward Abbey (1927-1989), autor estadunidense, natural de Indiana. O estudo objetiva explorar teorias que abordem a relação entre o homem e a natureza, com base nas experiências do autor durante um período em que esteve mais próximo do *wilderness*, como guarda-florestal do *Arches National Monument*, entre 1956 e 1957. Apesar de o livro ter sido baseado nas experiências provenientes do período citado, o autor sempre esteve em contato com a natureza do sudoeste e oeste americanos, desde os seus primeiros anos de vida. A observação acerca da convivência de Edward Abbey com a natureza, desde cedo, possibilitou algumas reflexões sobre a relação dele com o *wilderness*, percebida como positiva. Foi possível, também, compreender o comportamento ecoativista do autor, em *Desert Solitaire* e no conjunto da sua obra (não estudada no presente trabalho) revelado a partir das pesquisas realizadas para a elaboração deste texto. As reflexões do autor, relativas às suas vivências no deserto, suscitaram o urgente protagonismo do homem frente ao desafio de promover o progresso, compreendendo que o desenvolvimento econômico deve avançar, paralelamente, a um projeto de preservação ambiental factual. Identifica-se, na escrita de Abbey, uma potencial defesa da natureza, além de reflexões filosóficas quanto à necessidade de se preservar a vida do deserto, conseqüentemente, a vida do planeta. *Desert Solitaire* “imortalizou” o ativismo do autor e a sua voz que ecoou no deserto em favor da vida humana e não humana. Nesse livro, há um inventário dos elementos espaciais do deserto, descrições poéticas do espaço, sugestões de práticas de turismo ecológico, sobretudo, o autor faz críticas às ações destrutivas do homem quanto à sua relação com a natureza, por meio de um discurso literário intenso. Esse livro colabora para um debate atual da preservação, que é uma preocupação em nível mundial. O livro de Abbey também encerra um alto valor estético em razão da qualidade artística do seu relato de experiência, o que possibilita, inclusive, uma leitura literária.

PALAVRAS-CHAVE: Ecocrítica. Ecoativismo. Deserto. Preservação. Literatura.

ABSTRACT

This study is an analysis of approaches from the point of view of both ecocriticism and space theories on the autobiographical report *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness* (1968), by Edward Abbey (1927-1989), an US author, born in Indiana. The study aims to focus on the relationship between man and nature based on the author's own experiences during a period of time when he was closer to wilderness, as a ranger at the Arches National Monument, between 1956 and 1957. Although the book had been written based on the experiences from the mentioned period the author has always been in contact with the nature of the American Southwest and West since his early years. The observation about Edward Abbey's coexistence with nature, from an early age, allowed some reflections about his relationship with wilderness perceived by him as positive. It was also possible to understand the author's ecoactivist behavior in *Desert Solitaire* and in the whole of his work (not studied in the present work) revealed from the research carried out for the elaboration of this text. The author's reflections concerning his experiences in the desert aroused the urgent protagonism of man, facing the challenge of promoting progress, understanding that economic development must advance concomitantly to a project of factual environmental preservation. Abbey's writing identifies a potential defense of nature and philosophical reflections on the need to preserve desert life, as also the life of the planet. *Desert Solitaire* "immortalized" the author's activism and his voice that echoed in the desert in favor of human and non-human life. In this book, there is an inventory of the spatial elements of the desert, poetic descriptions of the space, suggestions for ecotourism practices, above all, the author criticizes man's destructive actions in relation to nature, through an intense literary discourse. This book contributes to a current preservation debate, which is a worldwide concern. Abbey's book has also a high aesthetical value due to the artistic quality of his experience report, what makes possible, including, a literary reading.

KEY-WORDS: Ecocritical. Ecoactivism. Wilderness Preservation. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 É POSSÍVEL IMAGINAR UMA IDENTIDADE <i>WILDERNESS</i> ?	16
1.1 Identidades: por quais processos elas são construídas	21
1.2 Do anarquismo ao ambientalismo	25
1.3 A prática aplicada da sustentabilidade como forma de minorar o escasseamento de recursos naturais provocado pela mudança na relação homem/natureza	39
1.4 Ecocrítica: conceitos ecológicos aplicados ao texto literário em defesa da natureza preservada	46
2 A ORIGEM DE <i>DESERT SOLITAIRE</i>	62
2.1 A história de <i>Desert Solitaire</i> : o diário de bordo como projeto literário, filosófico, cultural, religioso, identitário e ecológico.....	67
2.2 Escrita da Natureza: o gênero que justifica <i>Desert Solitaire</i> como literatura ambiental.....	83
2.3 O sentimento topofílico pelo diálogo com o <i>wilderness</i>	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS.....	111

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vincula-se à linha de pesquisa “Estudos Literários e Interculturalidade”, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI, da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Cidade de Goiás, e teve como objetivo fazer uma análise ecocrítica do livro *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness*, de Edward Abbey, investigando a relação do homem com a natureza.

A escolha do tema partiu do desejo de se realizar um trabalho que gerasse um impacto social prático. À vista do debate crescente quanto à preservação do meio ambiente, em nível mundial, nasceu a intenção de colaborar com matéria tão cara à manutenção da vida. A busca por um título que atendesse ao meu interesse e com o qual eu me identificasse trouxe *Desert Solitaire*, que me capturou tão intensamente devido ao fazer literário do autor, além da sua interessante biografia. A realização dessa pesquisa, sobre o referido livro e autor, é uma produção, muito possivelmente, inédita no Brasil, pois desconheço a existência de outros trabalhos a respeito deste autor, no âmbito universitário. É importante, também, salientar que os estudos ecocríticos, que norteiam este trabalho, são relativamente novos e pouco conhecidos, no Brasil, se contrastados à produção de outros países como os Estados Unidos e Espanha, por exemplo.

Edward Abbey (1927-1989) é um importante escritor da natureza do século XX, aclamado pela crítica e pelo público leitor estadunidense, herdeiro de uma tradição do encontro do homem com a sua verdadeira essência na natureza iniciada com Thoreau e Whitman. Abbey é comparado ao escritor, poeta, ativista e naturalista Henry David Thoreau (1817-1862), cujos textos são considerados basilares para a literatura ambiental e para o movimento ambientalista estadunidense. *Desert Solitaire* (doravante, *DS*) é, igualmente, comparado ao trabalho mais popular de Thoreau, *Walden* ou *Vida nos bosques* (1854), texto autobiográfico, que descreve a vida simples na natureza como forma de resistência à civilização industrial. Outro escritor que faz parte das referências de Edward Abbey é Walt Whitman (1819-1892), poeta, ensaísta e jornalista estadunidense, cujo trabalho em constante atualização até a sua morte, *Leaves of Grass* (1855), garantiu a ele o título de pai da poesia norte-americana moderna. Thoreau e Whitman chegaram aos olhos e ouvidos de Abbey pelos seus

pais, que muito frequentemente transitavam no universo literário, inclusive, desses dois autores.

O poema de Whitman “Canção de mim mesmo” exalta os sentidos, apresenta a necessidade de se viver o presente e de sentir e pensar por si próprio. Expressa uma visão panteísta de uma unidade cósmica envolvendo os humanos e todos os outros seres da natureza numa realidade transcendentalista, em que tudo estaria conectado. Na parte 32 desse poema, Whitman (2006, p. 79-80) faz alusão ao materialismo da vida urbana e faz menção à integração do homem com a natureza:

Penso eu que poderia mudar-me para viver com os animais,
Eles são tão plácidos e interdependentes,
De pé, eu olho para eles por muito e muito tempo.

Eles não suam nem se lamentam de sua condição,
Não se deitam e rolam acordados no escuro chorando por seus pecados,
Não me deixam enjoado discutindo seus deveres perante Deus,
Nenhum está insatisfeito, nenhum está ensandecido com a mania de possuir coisas.
Nenhum se ajoelha diante do outro, nem para os da sua espécie que viveram há milhares de anos,
Nenhum é respeitável ou infeliz na terra toda.

Então eles mostram seus laços familiares para mim e eu os aceito,
Eles me trazem sinais de mim mesmo, exibem-nos com clareza em sua posse.

Fico imaginando em que paragens encontraram esses sinais,
Terei passado por lá há muito tempo, terei sido negligente ao deixá-los cair?

Eu sigo adiante como então, como agora e como sempre,
Juntando e mostrando sempre mais e com velocidade,
Infinito e omniforme, e semelhante a esses entre eles,
Não muito exclusivo para com aqueles que alcançam minhas lembranças,
Escolhendo aqui um que eu amo, e agora vou com ele em termos fraternos.

Uma gigantesca beleza de garanhão, jovem e sensível às minhas carícias,
Cabeça com testa alta, orelhas bem separadas
Patas lustrosas e ágeis, cauda arrastando-se no chão,
Olhos cheios de brilhante travessura, orelhas bem talhadas, movendo-se flexivelmente.
Suas narinas se dilatam à medida que meus calcanhares o abraçam,
Seus membros bem modelados tremem de prazer quando corremos e voltamos.

Eu te uso apenas por um momento, e depois te renuncio, garanhão,
Que necessidade tenho de teus passos se eu mesmo galopo com eles?
Mesmo quando estou em pé ou sentado passo mais rápido do que tu.

Whitman expressa a necessidade do homem de se integrar com a natureza para viver uma vida livre, junto aos animais e aprender com eles a importância da unidade dos seres (tão natural nessa espécie), recuperar a essência da vida, uma vez que no homem ela já se encontrava perdida. O homem já não é capaz de viver o simples e o natural. Os animais mantêm a integridade com a natureza da mesma

forma de quando foram criados. Essa integração com o mundo natural é sistemática e apaixonadamente proposta em *DS*: “Sento-me à mesa, tiro minhas botas e meias, enfio meus dedos na areia limpa e áspera. Isso é conforto. Mais, isso é felicidade, pura satisfação animal presunçosa” (ABBEY, s/d, p. 162)¹.

Walden, de Thoreau, é um livro autobiográfico e traduz a independência pessoal, a autossuficiência e a busca pelo autoconhecimento. O autor critica a civilização industrial e apresenta informações sobre história natural e filosofia, e inquietações sobre ecologia e ambientalismo. Thoreau propôs um estilo de vida simples, a negação ao desperdício, e a busca das necessidades reais e essenciais à vida.

Insatisfeito com o modo de vida em sociedade, em 1845, aos 27 anos, Thoreau foi morar na floresta, em frente ao lago Walden. Ele mesmo construiu a casa e produziu o seu próprio sustento, plantando batatas e fazendo o seu pão. Decidiu ir para a floresta para viver as experiências essenciais à vida, servindo-se apenas do que era necessário à subsistência:

Pela expressão *coisa necessária à vida* entendo aquilo que, entre tudo o que o homem obtém com seu esforço, desde o começo foi, ou pelo prolongado uso se tornou, tão importante para a vida humana que nunca ou raramente alguém chega, seja pela selvageria, pobreza ou filosofia, a tentar viver sem ela. Nesse sentido, para muitas criaturas só existe uma coisa necessária à vida, o Alimento (THOREAU, 2019, p. 25, grifo do autor).

O seu desejo, ao mudar para a floresta, era dispensar o que fossem excessos e viver deliberadamente apenas o que fosse vida. Thoreau passou dois anos na casa do lago Walden. Nesse tempo, escreveu um livro de mesmo nome do lago, que se tornou um referencial para a ecologia e texto inspirador para o ambientalismo. Defendeu as vantagens da vida natural e livre, os direitos da natureza e da vida selvagem (*wilderness*) e a ecologia florestal. No artigo “The Succession of Forest Trees”, esse autor incentivou a comunidade rural a plantar árvores:

mostrei que os animais consomem grande parte das sementes das árvores e, assim, pelo menos, efetivamente impedem que se tornem árvores; mas em todos esses casos, como já disse, o consumidor é obrigado a ser, ao mesmo

¹ “I sit down at the table, pull off my boots and socks, dig my toes into the gritty, cleaning sand. This is comfort. More, this is bliss, pure smug animal satisfaction”. Todas as traduções são de minha autoria, indicadas pela nota de rodapé com o texto original”.

tempo, o dispersor e o plantador, e esse é o imposto que ele paga à natureza (THOREAU, 2014, “n. p.”)².

Ao aprofundar a pesquisa sobre Abbey e outros escritores da natureza e da literatura ambiental, compreendi que essa categoria de literatura faz parte de uma corrente crítica e teórica conhecida por ecocrítica, um novo campo da ciência que combina conceitos de ecologia e teorias literárias, de forma interdisciplinar, dialogando, inclusive, com áreas próximas, como antropologia, filosofia, sociologia, geografia social, ética, dentre outras, que surgiu na década de 1960, mas ganhou expressão a partir dos anos de 1990.

A palavra ecocrítica, que pode ser entendida como ecologia crítica aplicada aos estudos literários, foi cunhada por William Rueckert, em 1978, no ensaio *“Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism”*. O objetivo dessa hermenêutica é concentrar os estudos sobre a natureza no campo literário, sobre a relação cultural e ambiental do homem com a natureza. Alguns dos principais textos dos estudos ecocríticos realizados por diferentes autores, entre as décadas de 1960 e 1990, foram agrupados no livro *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* (1996), editado por Cheryll Glotfelty e Harold Fromm, que traz o conceito de ecocrítica como “o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico” (GLOTFELTY; FROMM 2006, p. xviii)³.

Quanto à metodologia, eu decidi realizar uma pesquisa bibliográfica, tanto sobre os estudos ecocríticos, quanto os temas imbricados nesse trabalho, que são Identidade, Topofilia e Ecoativismo, a partir de referenciais teóricos atualizados, relacionando-os entre si para se compreender a formação do caráter preservacionista do autor.

DS é um relato autobiográfico, com forte discurso poético, e um dos livros mais famosos do autor estadunidense Edward Abbey. Dono de uma vasta bibliografia, seu trabalho inclui tanto narrativas ficcionais e biográficas quanto ensaios. Esse relato foi composto a partir das experiências do autor durante um período de ativismo ambiental e a narrativa apresenta uma temática que demonstra sua constante preocupação com a preservação da natureza. Com base nas suas experiências pessoais, como guarda-

² “I have shown that the animals consume a great part of the seeds of trees, and so, at least, effectually prevent their becoming trees; but in all these cases, as I have said, the consumer is compelled to be at the same time the disperser and planter, and this is the tax which he pays to nature.”

³ “the study of the relationship between literature and the physical environment”.

florestal, no *Arches National Monument*, hoje *Arches National Park*, a sudoeste da região de Utah, no deserto de Moab, Estados Unidos, Abbey escreveu esse livro para registrar as suas vivências e impressões, de forma poética e filosófica, sobre a vida do *wilderness* e fazer a sua defesa da preservação ambiental.

Fugere urbem poderia ser considerado o mote principal de *Desert Solitaire*, do retorno à natureza e da fuga de tudo aquilo que a cidade representa. É evidente que o espaço considerado *wild*, ou seja, o *wilderness*, possibilita uma interpretação positiva daquilo que não se encontra na “civilização”.

Além das experiências de Abbey na região do deserto, há informações da história natural da fauna, da flora, da geologia, dos recursos hídricos e, também, há referências aos habitantes humanos da região. Para além disso, o autor problematizou o desenvolvimento destrutivo do turismo industrial. Ele fez sugestões de como o homem pode aproveitar a natureza selvagem, convivendo de forma salutar com o meio ambiente, praticando turismo ecológico, que não degradasse a vida do deserto.

Edward Abbey produziu em um momento que prosperava a discussão sobre ecologia. As décadas de 50 e 60 foram marcadas pelo surgimento de movimentos ambientalistas e o debate sobre a preservação da natureza reunia as várias áreas do conhecimento em torno desse tema. A literatura deu a sua contribuição à luz da ecocrítica, com livros que se destacaram, tais como *A Sand County of Almanac* (1949), de Aldo Leopold, *Silent Spring* (1962), de Rachel Carson, além de *DS*, de Edward Abbey.

Para facilitar a compreensão do ativismo ambiental topofílico de Abbey, propus a seguinte divisão desta dissertação: O primeiro capítulo, que começa conceituando a palavra *wilderness*, que dá título ao livro de análise, apresenta a biografia do autor e a sua identidade ecoativista, que está intimamente associada ao conceito em destaque. Para explicar como se dão os processos de formação identitária, fiz uma análise pautada na história e nos relatos de experiências do autor pelas regiões desérticas de Utah, em parques florestais dos Estados Unidos, relacionando-os aos estudos dos teóricos que discutem tanto a sua biografia quanto a outros que abordam o tema da identidade. Também apresento a ecocrítica, em que ambiente essa corrente surgiu e qual é a importância dela para a literatura, o que ela objetiva comunicar, qual a relevância dela para o pensamento científico e para a humanidade, além de algumas reflexões sobre a relação homem/natureza.

O segundo capítulo traz a gênese e a análise de *DS*, um estudo sobre a escrita da natureza, tradição da literatura ambiental estadunidense, em “A Taxonomy of Nature Writing”, capítulo publicado em *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* (1996), de Cheryll Glotfelty e Harold Fromm. Apresento os eixos estruturais desse gênero da literatura estadunidense, que abrange os trabalhos relacionados a fatos da história natural, desde os tratados do campo às narrativas filosóficas do homem na natureza. Relaciono os temas que compõem esse gênero como a solidão, a experiência na natureza, com a narrativa do autor.

Ademais, fiz observações sobre alguns aspectos filosóficos do comportamento do homem/natureza, relacionando-o com a sacralidade do espaço, como um verdadeiro Axis Mundi capaz de aproximar o homem do divino, explicando que essa ideia vislumbra um comportamento panteísta, que cultua a religião da natureza em seu estado natural, não espoliado pelo homem.

Apresento, ainda, uma análise da relação topofílica do autor com o lugar. A partir da identidade ecoativista do autor, percebe-se que a sua conexão com a terra não é somente uma consciência ambiental. É possível observar que o contato de Abbey com a natureza corresponde à afetividade que se manifestou graças ao conjunto de significados que o *wilderness* simbolizou para ele, como a beleza do lugar, a sensação de liberdade e pertencimento, o desapego do tempo e das coisas que o capitalismo escraviza o homem, dentre outros. Portanto, o retorno de Abbey à natureza, em sua viagem espiritual, revelou seu forte sentimento de pertencer às regiões desérticas do oeste, poeticamente narrado em *DS*.

1 É POSSÍVEL IMAGINAR UMA IDENTIDADE *WILDERNESS*?

Durante o processo de evolução das sociedades e desenvolvimento cultural, o homem passou por vários estágios de transformação comportamental e intelectual, migrando e se concentrando nos centros urbanos, o que possibilitou a ele aprimorar, técnica e tecnologicamente, os seus conhecimentos, as suas práticas, as suas invenções e descobertas, mas isso não o fez perder totalmente a relação com a natureza, ou seja, a sua origem. Nesse sentido, é possível investigar evidências do *wilderness*⁴ na identidade humana, por ele significar um espaço de refúgio e paz redentora, quer dizer, para onde o homem viaja com o objetivo de fazer a sua busca espiritual e experienciar a vida natural, conforme discussão a seguir.

A palavra *wilderness*, tão importante para o conhecimento da cultura estadunidense, adquiriu um significado que sofreu alteração em decorrência do povoamento e do controle dos animais endêmicos desse espaço. Numa tradução literal, essa palavra significa “terra selvagem”. Roderick Nash (2014, p. xii), em *Wilderness and the American Mind*, afirma que a civilização⁵ criou o *wilderness*: “Para caçadores e coletores nômades, que representavam nossa espécie durante a maior parte de sua existência, ‘*wilderness*’ não tinha significado”⁶. Segundo esse autor, tudo era habitat e as pessoas se entendiam como uma comunidade em perfeita harmonia com a natureza. A mudança de percepção sobre o que consistia essa terra selvagem surgiu com a agricultura, o povoamento no campo e a construção de cidades. Dessa

⁴ De acordo com Greg Garrard (2014, p. 88), em *Ecocrítica*, a palavra *wilderness* tem as possíveis traduções: mundo natural, natureza inculca/selvagem/virgem, selva, sertão, mundo selvagem, agreste, região inculca/agreste, serra virgem, indômita ou inculca, ermo, deserto etc. Optei por usar a palavra “deserto”, quando me referir apenas ao espaço e “*wilderness*” quando a minha referência for ao conjunto que essa palavra representa: espaço, animais, plantas, céu, dentre outros, explicação realizada na próxima página.

⁵ Norbert Elias, em *O Processo Civilizador 1*, discute o conceito de “civilização” na sociedade ocidental. Conforme esse autor, “[o] conceito de ‘civilização’ refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma ‘civilizada’ ou ‘incivilizada’”. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização” (ELIAS, 1990, p. 23). O autor afirma, também, que numa avaliação mais cuidadosa, perceberemos que o conceito de “civilização” para o Ocidente é a consciência que ele tem de si mesmo, ou seja, a consciência nacional. Para o autor, a sociedade ocidental, baseando-se nos últimos três séculos, julga-se superior às sociedades mais antigas e até mesmo as sociedades contemporâneas “mais primitivas”.

⁶ “For nomadic hunters and gatherers, who represented our species for most of its existence, “wilderness” had no meaning”.

forma, a distinção entre animais e espaços domesticados e selvagens passou a existir. O mundo natural (a natureza intocada), inicialmente, ganhou um significado depreciativo e passou a ser visto com indiferença. Onde não havia a presença humana, domesticando os animais e o espaço, passou a ser considerado como natureza selvagem, mundo de feras e homens selvagens:

Os caçadores e coletores restantes se tornaram selvagens. Os conceitos da comunidade e o conseqüente respeito, redigidos para refrear o interesse próprio humano em seu comportamento com a natureza, declinaram em proporção direta à ascensão da civilização. A natureza perdeu seu significado como algo ao qual as pessoas pertenciam e se tornou um adversário, um alvo, meramente um objeto de exploração. A natureza não domesticada tornou-se a terra selvagem. (NASH, 2014, p. xiii)⁷.

Conforme Nash (2014, p. 1), quanto à classificação *wilderness* é um substantivo, mas exerce função de adjetivo e é usado para designar pessoa e lugar (e tudo que o compõe, animais, plantas, dentre outros). Não existe a materialidade que prova o significado dessa palavra, assim, a sua configuração é de caráter subjetivo, ou seja, depende do ponto de vista de cada pessoa sua interpretação, pois o que para alguns pode ser considerado *wilderness*, para outros, nem tanto. Quanto à origem, ela parece derivar de “*will*”⁸, com sentido de “*self-willed*”, “*willful*” ou “*uncontrollable*”. A partir de “*willed*” originou-se o adjetivo “*wild*” (selvagem) que também significa estar perdido ou desorientado. Do inglês antigo, a palavra “*dēor*” (animal) com o prefixo “*wild*”, ou seja, “*wilddēor*” foi usada para designar criaturas selvagens. Portanto, etimologicamente, posso ressaltar a derivação, como oriunda da contração de “*wilddēor*” para “*wilder*” que evoluiu para “*wildern*” e finalmente *wilderness*. Etimologicamente, o termo “*wild-dēor-ness*” designa lugar de bestas selvagens (NASH, 2014, p.1-2).

De lugar perigoso, cheio de bestas, a lugar aprazível pela natureza, o *wilderness* de *DS* inspira a sensação de completude pela companhia agradável de ratos, corvos, cobras, coelhos, corujas e todos os animais que existiam por ali, além

⁷ “The remaining hunters and gatherers became savages. The community concepts, and attendant respect, that had worded to curb human self-interest in its dealings with nature declined in direct proportion to the rise of civilization. Nature lost its significance as something to which people belonged and became an adversary, a target, merely an object for exploitation. Uncontrolled nature became wilderness”.

⁸ A palavra “*will*”, dentre outros, significa, desejo, inclinação, vontade, intenção; *self-willed* significa aquele governado pelo seu próprio desejo; *willful* significa teimoso, obstinado, voluntarioso; *uncontrollable* incontrolável, ingovernável, indomável; *willed* significa aquele que tem vontade, voluntarioso.

daquela imensidão de deserto e rochedos em forma de arcos, corcundas, elefantes e duendes da idade da pedra (ABBEY, s/d, p. 2-3). O que se torna perceptível em Abbey era a forma como ele interpretava o *wilderness*, como o Paraíso na Terra, lugar da experiência de paz restauradora e de redenção do homem em contato com a natureza.

É possível entender a motivação ecológica de Abbey, a partir do levantamento da sua biografia. Ele nasceu em Indiana, Pensilvânia, Estados Unidos, e por toda a sua vida esteve em contato com a natureza. Quando criança morou próximo ao campo, e desde muito cedo mudou-se várias vezes devido aos empregos temporários de seu pai. Quando jovem, viajou pelas regiões desérticas do oeste e viveu experiências que reforçaram sua relação afetiva positiva com o meio ambiente. Trabalhou como guarda-florestal em muitos parques nacionais, mas foi fortemente conquistado pelo *Arches Nacional Monument*⁹, sentimento que o levou a escrever *DS* com base em duas temporadas que viveu lá, nos anos de 1956 e 1957. Ele voltou anos mais tarde, e essa vivência, também, colaborou para a composição do livro.

O seu trabalho literário em torno do seu ativismo ambiental dividiu seu tempo com as atividades acadêmicas na Universidade do Arizona e as temporadas como guarda-florestal. Autor de uma produção literária significativa, sua obra reúne mais de vinte livros, ensaios, artigos e a sua posição ecoativista inspirou gerações de ambientalistas, como os da *Earth First!*¹⁰, que adaptaram as ideias radicais dele ao movimento.

Depois de sofrer de varizes esofágicas, por anos, e em silêncio, Abbey faleceu aos sessenta e dois anos, em 1989, e foi sepultado por quatro amigos, em túmulo ilegal, no deserto de *Cabeza Prieta*, no Arizona. Os amigos e a esposa Clarke realizaram o seu funeral, conforme ele havia escrito em carta, uma década antes.

A maioria dos trabalhos de Abbey concentrou esforços para denunciar a destruição do deserto da região do oeste, mas o seu primeiro livro, *Jonathan Troy* (1954), narrou a história dolorosa de um adolescente que vivia na Pensilvânia. Embora esse livro não esteja alinhado à temática do seu autor, é importante mencioná-lo, pois

⁹ Embora o nome atual do parque seja *Arches National Park*, farei menção a ele como *Arches National Monument*, conforme a publicação do livro.

¹⁰ Grupo ambientalista, considerado radical, fundado nos Estados Unidos em 1979, com células em vários países como Reino Unido, Canadá, Austrália, Bélgica, Alemanha, França, dentre outros.

“sua ênfase subsequente e repetida nas necessidades psicológicas é preenchida pelo oeste físico e pela noção abstrata de deserto” (RONALD, 1987, p. 604)¹¹.

Na esteira do movimento ambientalista, que se desenvolveu nos Estados Unidos, Edward Abbey publicou *Fire on the Mountain* (1962), *Appalachian Wilderness* (1970), *The Monkey Wrench Gang* (1975), *Abbey's Road* (1979), *Down the River* (1982), *Beyond the Wall* (1984), entre outros, dentre os quais se destaca *Desert Solitaire* (1968), o seu livro mais célebre. Segundo Cahalan (2001, p. xv), esse livro colocou os parques nacionais (os arcos, a região dos cânions) no mapa literário e “trouxe uma nova voz ousadamente original e exclusivamente pessoal à escrita da natureza americana”¹².

Ann Ronald (1987, p. 604), em *A Literary History of the American West*, afirma que *DS* “é um exame de não-ficção sobre a individualidade, a natureza selvagem, o progresso, a profanação”¹³ e comenta que o autor vai além dos limites do Parque e abaixo dos problemas que o confrontam, ou seja, ele se aprofunda até as raízes dos problemas para indagar “por que o deserto deve ser devotado”¹⁴ e responde clara e fortemente: “As montanhas complementam o deserto, à medida que o deserto complementa a cidade, enquanto a terra selvagem complementa e completa a civilização” (ABBEY, p. 162)¹⁵.

A evolução contínua da região do oeste para a modernidade frustrou e preocupou Abbey, que usou humor e crítica alinhada aos movimentos ambientalistas para tentar combater os problemas do desenvolvimento:

A preservação da natureza selvagem, como centenas de outras boas causas, será esquecida sob a pressão esmagadora de uma luta por mera sobrevivência e sanidade, em um ambiente completamente urbanizado, completamente industrializado e cada vez mais lotado. Da minha parte, prefiro me arriscar em uma guerra termonuclear do que viver em um mundo assim (ABBEY, s/d, p. 65)¹⁶.

¹¹ “his subsequent and repeated emphasis on the psychological needs that are filled by the physical West and by the abstract notion of wilderness”.

¹² “brought a boldly original and uniquely personal new voice to American nature writing”.

¹³ “is a non-fiction examination of selfhood, of wilderness, of progress, of desecration”.

¹⁴ “why the desert must be devouted”.

¹⁵ “Mountains complemente desert as desert complements city, as wilderness complements and completes civilization”.

¹⁶ “Wilderness preservation, like a hundred other good causes, will be forgotten under the overwhelming pressure of a struggle for mere survival and sanity in a completely urbanized, completely industrialized, ever more crowded environment. For my own part I would rather take my chances in a thermonuclear war than live in such a world”.

Abbey tinha consciência de que falar sobre preservação ambiental em um momento de expansão econômica aquecida não era fácil ou simples, mas ele dedicou a sua escrita a esse projeto, pavimentando um caminho de luta pela vida da natureza, atitude essencial para a sobrevivência do planeta.

DS é um trabalho icônico da escrita da natureza, do século XX, que critica vigorosamente a sua depredação nos parques nacionais dos Estados Unidos. O autor dividiu o livro em 18 partes, dos quais os capítulos ímpares exibem suas reflexões ontológicas e os pares apresentam suas reflexões epistemológicas. No meio do livro, o autor fez uma inversão dessa proposta, os ímpares passaram a ser epistemológicos e os pares, ontológicos. Provavelmente, o autor fez essa marca no meio do livro anunciando a metade da temporada. Ele denunciou problemas ambientais, criticou as políticas de preservação do meio ambiente e fez observações filosóficas sobre o homem e a natureza:

O que aconteceu nessas áreas em particular, que eu conheço um pouco e amo demais, aconteceu, está acontecendo ou acontecerá, em breve, com a maioria de nossos parques e florestas nacionais, apesar da proteção ilusória da Lei de Preservação da Natureza, a menos que um grande número de cidadãos se apoie nas patas traseiras e faça gestos políticos vigorosos exigindo a imposição da lei (ABBEY, s/d, 58)¹⁷.

A narrativa apresenta o *wilderness*, denuncia negligência e apresenta soluções para desacelerar o que ele considerava “progresso excessivo”, apontando ações de integração harmônica do homem na natureza.

No intuito de compreender como Edward Abbey percorreu o caminho do ecoativismo, já que foi realizado um estudo do conceito de *wilderness*, faz-se necessário um estudo do processo de construção das identidades, já que é possível saber que existe uma identidade ecológica, da qual Abbey faz parte. Assim, a proposta é estabelecer um diálogo entre o tema da identidade e a sua relação com um posicionamento ecológico. Ademais, estudos ecocríticos também estão dispostos em sequência.

¹⁷ “What has happened in these particular areas, which I chance to know a little and love too much, has happened, is happening, or will soon happen to the majority of our national parks and national forests, despite the illusory protection of the Wilderness Preservation Act, unless a great many citizens rear up on their hind legs and make vigorous political gestures demanding impementation of the Act”.

1.1 Identidades: por quais processos elas são construídas

Conforme Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p. 7), em *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*, nós somos seres únicos, mas possuímos características que são comuns a toda a humanidade. Essas características nos tornam comuns a algumas pessoas e diferentes de outras, no que se refere à religião, classe social, raça, habilidades físicas, dentre outros. Essas marcas que identificam os seres humanos por grupos são traços que determinam a nossa personalidade e são responsáveis, também, pela nossa interação social. Essas influências às quais o ser humano é condicionado são importantes para que ele entenda as relação com outros seres e forme a sua identidade a partir dessa relação com o outro.

Conforme Kathryn Woodward (2000, p. 8), em *Identidade e diferença*, a identidade é representada por meio da linguagem e dos símbolos. Isso implica que, por meio do reconhecimento de um símbolo, um indivíduo pode ser identificado quanto a ser um cidadão de um país ou de outro, por exemplo. A bandeira nacional, o folclore e os monumentos históricos são divisas que definem uma unidade identitária. Essa identidade nacional, chamada por Kathryn Woodward (2000, p. 9) de identidade relacional, precisa de “algo fora dela” para existir. Dessa forma, ela é marcada pela “diferença”, que é definida pela exclusão.

Segundo Stuart Hall (apud WOODWARD, 2000, p. 17), é necessário analisar as preocupações contemporâneas para se compreender o que faz da identidade um conceito central. Em nível global, há preocupação quanto à identidade nacional e em nível local com a identidade pessoal. Stuart Hall afirma que mudanças estão ocorrendo no domínio da identidade, produzindo, dessa forma, uma “crise de identidade”, que só pode ser confirmada com um estudo sobre os processos de sua formação. Como a identidade se forma dentro de uma cultura? É necessário analisar os sistemas de representação e qual a relação que existe entre significado e cultura, só assim será possível compreender a posição de sujeito produzido por esses sistemas e como se posicionar dentro deles. Segundo Woodward,

[é] por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu

poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2000, p. 18).

Os movimentos da contracultura, que negavam as políticas e os comportamentos até então convencionados, tais como o ambientalismo moderno, os movimentos estudantis, o feminismo (que transformou a imagem da mulher, modificou a estrutura familiar, a posição da mulher como ser político, etc.) influenciaram os jovens a contestar os padrões vigentes, possibilitando o surgimento de outros valores e comportamentos sociais. Conforme Irene Cardoso, em “A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança”, os movimentos dos anos de 1960, tanto na expressão política, quanto contracultural,

[t]iveram como *traço* característico a transgressão de padrões de valores estabelecidos. Transgressão não no sentido de uma pura negatividade, ou de uma negação absoluta dos limites estabelecidos, mas de um movimento que os atravessa afirmando novos limites (2005, p. 94, grifo da autora).

Manuel Castells (1999, p. 23), no capítulo “O ‘verdejar’ do ser: o movimento ambientalista”, argumenta que é compreensível que a identidade seja construída, mas para esse autor a investigação deve partir dos seguintes questionamentos: como? – a partir de quê? – por quem? – e para que isso acontece? Ele considera a identidade como um conjunto de significados¹⁸ e conhecimentos desenvolvidos e praticados por um povo, pode-se dizer, por exemplo, a linguagem utilizada, a tecnologia desenvolvida, o modo de preparo da comida. Conforme esse autor,

“[n]o que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado como base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo, ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas” (CASTELLS, 1999, p. 22).

Castells fundamenta sua teoria da construção da identidade em processos culturais, naquilo que faz o sujeito se reconhecer pertencente a uma origem, devido aos métodos de desenvolvimento produzidos e partilhados por um coletivo. Ele faz

¹⁸ “Defino *significado* como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator. Proponho também a idéia de que, para a maioria dos atores sociais na *sociedade em rede*, por motivos que esclarecerei mais adiante, o significado organiza-se em torno de uma identidade primária (uma identidade que estrutura as demais) autossustentável ao longo do tempo e do espaço” (CASTELLS, 1999, p. 23, grifos do autor).

uma observação sobre a distinção que os sociólogos adotam entre “identidade” e “papéis”. As normas de instituições da sociedade criam os papéis (funções sociais), que são entendidos por mãe, sindicalista, ativista, kardecista, vegetariana, “tudo ao mesmo tempo”. Já a identidade (significados) integra fonte de significados construídos, pelo sujeito e para o sujeito, por meio da individuação, que pode ser entendida por dois processos: o da metafísica (um elemento universal é instanciado em um indivíduo) e o da epistemologia (um conhecedor discerne um indivíduo do outro):

Tentativas de se resolver os problemas metafísicos e epistemológicos de individuação pressupõe uma compreensão da natureza da individualidade. A individualidade tem sido interpretada de várias formas, envolvendo um ou mais dos itens a seguir: indivisibilidade, diferença, divisão dentro de uma espécie, identidade através do tempo, imprevisibilidade e não-instabilidade. Em geral, as teorias da individuação tentam explicar de várias maneiras uma ou mais delas (AUDI, 1999, p. 424)¹⁹.

Ademais, além de significados e papéis sociais empreendidos pelo homem, instituições dominantes também podem formar identidades, caso o sujeito internalize os significados fundamentados nessas organizações (CASTELLS, 1999, p. 23).

A construção da identidade se utiliza de material fornecido “pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 1999, p. 23). Todavia, esse conteúdo é organizado pela sociedade em geral, que o reorganiza de acordo com seus interesses e necessidades visando os projetos culturais vigentes em um determinado tempo e lugar. Um exemplo dessa construção por meio de projetos culturais são os movimentos sociais da contracultura. O Maio de 68, por exemplo, foi um movimento estudantil de repercussão internacional, originário da França, que tinha como premissa levantar-se contra a autoridade de vários sistemas. Esse era o ponto em comum desse movimento, no mundo.

Influenciado pelo movimento estudantil de Berkeley, nos Estados Unidos, em 1964, o Maio de 68 não ficou restrito aos universitários, ele se expandiu entre a classe operária e entre os secundaristas. Edgar Morin (2018, não paginado), no prefácio à

¹⁹ “Attempts to settle the metaphysical and epistemological problems of individuation presuppose an understanding of the nature of individuality. Individuality has been variously interpreted as involving one or more of the following: indivisibility, difference, division within a species, identity through time, impredecability, and non-instantiability. In general, theories of individuation try to account variously for one or more of these”.

edição brasileira de *Maio de 68: a brecha*, afirma que aquele movimento revelou a existência de uma crise espiritual profunda: “As aspirações profundas da adolescência em relação àquele mundo de adultos eram: mais autonomia, mais liberdade, mais comunidade”. Conforme esse autor, o feminismo não se fazia presente em 68, mas saiu dele, bem como o movimento dos homossexuais. Levantar-se contra as formas de poder e dominação vigentes inspirou as pessoas que se identificaram com os significados que a revolta estudantil produziu.

Castells (1999, p. 159, grifo do autor) comenta, ainda, sobre a identidade sociobiológica, ou seja, “*uma cultura da espécie humana como componente da natureza*”. Essa identidade não desconsidera a cultura, ou seja, o acúmulo de significados produzidos e sistematizados por sociedades ao longo da história. Entretanto, os ecologistas acreditam que o Estado é um opositor, pois ele interfere nas relações territoriais, possibilitando romper a unidade da espécie humana. Os ambientalistas, os defensores da ecologia profunda²⁰ e os ecologistas são portadores dessa identidade, pois pensam nas espécies como uma única matéria.

As perspectivas dos autores citados têm em comum o fato de as identidades serem um conjunto de características às quais o sujeito é condicionado. Os elementos culturais, históricos, geográficos, linguísticos são as representações simbólicas que, significadas pelo indivíduo, farão parte do processo de construção da sua identidade.

A identidade ecoativista de Abbey pode ser entendida a partir da explicação de Castells (1999, p. 155), que apontou uma tendência de que no controle da ciência, os ecologistas inspiraram uma nova identidade, a identidade biológica: “uma cultura da espécie humana como componente da natureza”. Conforme Castells (1999, p. 159), essa identidade não nega a cultura histórica e tem profundo respeito por ela, mas tem como inimigo o nacionalismo do Estado que rompe a unidade da espécie humana e compromete a noção de um ecossistema compartilhado. Essa perspectiva dialoga com o ecoativismo de Abbey, que considerou “que todas as coisas vivas na Terra são aparentadas” (ABBEY, s/d, p. 25)²¹.

Inicialmente, optei por apresentar o autor e a sua biografia, fiz algumas discussões sobre o desenvolvimento da identidade do indivíduo para justificar a identidade ecológica do autor. Continuarei a discussão sobre a trajetória de Edward

²⁰ O conceito de “ecologia” e a distinção de “ecologia profunda” serão discutidos mais adiante.

²¹ “that all living things on earth are kindred”.

Abbey para compreender por quais caminhos ele passou e as influências recebidas, que o tornaram um escritor ecoativista.

1.2 Do anarquismo ao ambientalismo

Edward Abbey passou a vida omitindo o seu local de nascimento, embora muitos especialistas tenham publicado, em suas bibliografias, que ele havia nascido em Home, na Pensilvânia, e vivido em Oracle, no Arizona. Conforme James M. Cahalan (2001, p. xi-xii), Abbey se referia a Oracle como “Wolf Hole” (Toca do Lobo) e chegou a publicar, nas notas preliminares do livro *Down the River* (1982), um número de caixa postal nessa cidade. Isso foi uma estratégia para evitar que os seguidores e os inimigos descobrissem sua verdadeira caixa de correios e onde ele realmente morava, a oeste de Tucson, também no Arizona, lugar para onde ele dirigia periodicamente para pegar suas correspondências (CAHALAN, 2001, p. xx).

Ele morou em vários lugares, durante a infância e a adolescência, todos próximos à natureza. Oito meses antes de completar 18 anos e se alistar no serviço militar obrigatório, Abbey resolveu explorar o sudoeste americano. Ele viajou de trem, ônibus, a pé e de carona. A influência que a natureza já exercia sobre ele fomentou a paixão pelo *wilderness*. Ele percorreu a região da fronteira, *Four Corners*, composta por quatro estados: o sudoeste do Colorado, o sudeste de Utah, o nordeste do Arizona e o noroeste do Novo México, explorando as paisagens desérticas, fazendo anotações sobre a região e dissertando quanto a experiência de conhecer lugares que povoaram a sua mente, desde muito cedo. Escreveu, um tempo depois, que a visão do oeste despertou nele um poder particular: "pela primeira vez, senti que estava chegando perto do oeste de minhas mais profundas imaginações – o lugar onde o tangível e o mítico tornar-se o mesmo" (apud RONALD, 1987, p. 604)²². Ao retornar da viagem, ele prestou os serviços militares por dois anos, um deles na Itália. Foi promovido duas vezes, e devido a sua personalidade de contestar autoridade foi rebaixado duas vezes. Em 1947, foi dispensado de forma honrosa, como soldado, mas sem medalha por boa conduta (PETERSEN, 2003, p. 1). É possível que a interação com os militares

²² "for the first time I felt I was getting close to the West of my deepest imaginings - the place where the tangible and the mythical become the same".

tenha suscitado nele a desconfiança nas instituições e no governo, reforçando seu espírito anarquista reverberado em sua obra.

De volta aos Estados Unidos, ele utilizou o GI Bill²³ e ingressou nos estudos acadêmicos se formando bacharel em filosofia e inglês, em 1951. O seu posicionamento anarquista ficou evidente desde os anos iniciais, na faculdade. Como editor do jornal dos estudantes, ele causou polêmica ao publicar o artigo “Algumas Implicações da Anarquia”. A capa trazia a citação: "O homem nunca ficará livre até que o último rei seja estrangulado com as entranhas do último padre"²⁴. A universidade recolheu todas as cópias do artigo e retirou Abbey da edição do jornal (SCHEESE, 2002, p. 108). A partir de então, ele se tornou alvo vitalício de investigação do FBI. Em virtude de as suas atividades serem consideradas antiamericanas, ele foi fichado no Serviço Federal de Investigação por desobediência civil, em consequência da publicação de uma carta aberta aos estudantes da faculdade, protocolada no dossiê aberto para ele, nos arquivos do FBI (*FBI Records: The Vault*, 1947, p. 2):

Carta para Todos os Alunos e Membros do Corpo Docente de Posse das Cartas de Recrutamento: Amanhã, no aniversário do nascimento de Abraham Lincoln, vários milhares de americanos vão tentar se emancipar do recrutamento em tempo de paz, livrando-se publicamente de suas credenciais, seja dirigindo-se ao Presidente ou queimando-as em fogueiras públicas. Isso soa como um plano tolo e maluco, mas não é. É muito pior do que isso – é uma forma de desobediência civil. Isso é algo bastante antiquado, mas em tempos como este, quando o governo americano está desviando a maior parte de seus gastos para armamentos e nossos líderes militares estão tentando acelerar o recrutamento permanente em tempo de paz sobre a nação, então, como Thoreau disse, "não é muito cedo para um homem honesto se rebelar". Esses homens são certamente honestos e sinceros, e estão se rebelando, não apenas contra o que consideram uma violação da liberdade pessoal, mas contra a lenta e mortal deriva para a Terceira Guerra Mundial, que uma corrida armamentista internacional e o recrutamento universal tornam quase inevitável²⁵.

²³ “Ato de Reajustamento dos Militares de 1944”, ou “GI Bill” foi uma lei aprovada pelo 78º Congresso dos Estados Unidos, sancionada pelo presidente Franklin D. Roosevelt, em 22 de junho de 1944. Essa lei favorecia os veteranos da Segunda Guerra com recompensas imediatas, que evitava os seguros solicitados pelos veteranos da Primeira Guerra Mundial. Entre outros, os benefícios incluíam empréstimos para abertura de negócios, custeio de estudo – ensino médio, faculdade ou ensino profissionalizante. Quem tinha acesso a esses benefícios eram todos os veteranos que estiveram no serviço militar durante o período de guerra, no mínimo por noventa dias e não haviam sido dispensados com desonra. (Glenn C. Altschuler e Stuart M. Blumin, *o GI Bill: Um novo contrato para veteranos*. New York: Oxford, 2009, p. 54-57).

²⁴ “Man will never be free until the last king is strangled with the entrails of the last priest”.

²⁵ “A Letter To All Students And Faculty Members Holding Draft Cards: Tomorrow, the anniversary of Abraham Lincoln's birthday, several thousand American men are going to attempt to emancipate themselves from peacetime conscription by publicly ridding themselves of their draft credential, either by mailing them to the President or burning them in public bonfires. This sounds like a foolish, crackpot scheme but it's not. It is much worse than that – it is a form of civil disobedience. That's something rather old-fashioned but in times like these, when America's government is diverting the major portion of its

O recrutamento em tempos de paz era considerado uma ação perigosa do governo e o aconselhamento era de que todos rejeitassem a convocação e enviassem o cartão de alistamento ao Presidente com uma justificativa. Por causa de atos como esse, Abbey foi observado pelo serviço secreto estadunidense por toda a sua vida e a sua movimentação e a de pessoas próximas eram monitoradas por agentes do FBI. Já na idade madura, quando questionado sobre a vigilância do governo, acerca de suas atividades, de forma bem-humorada, respondeu que se sentiria insultado se não tivesse sido observado.

Quanto à conclusão dos estudos, Abbey fez um mestrado em filosofia, com o título “Anarquismo e a Moralidade da Violência”, em 1956, que “prefigurou o ambientalismo radical que ele mais tarde defenderia” (SCHEESE, 2002, p. 108)²⁶. Para manter os estudos, fez vários serviços como *bartending*, repórter de um jornal, entre outros. Era considerado pelos colegas da faculdade como um homem discreto e de poucos amigos, mas muito simpático e educado, de um sorriso sincero. Relatos ilustrativos da simpatia de Abbey eram comuns, como revelou a escritora Barbara Kingsolver, após encontrá-lo em um concurso de redação, na Universidade do Arizona. A escritora se referiu a ele como “gracioso, respeitoso ao ponto de deferência e maravilhosamente sincero” (CAHALAN, 2001, p. 257)²⁷.

A carreira literária foi conciliada com a alternância entre trabalhos como guarda-florestal, professor universitário e palestrante. Abbey ministrou aulas de redação e gestão de hospitalidade, na Universidade do Arizona, enquanto escrevia *The Fool's Progress: An Honest Novel* (1988). Esse livro é um romance em que o personagem, Henry Lightcap, recusa a submissão à sociedade capitalista moderna. A narrativa é tão detalhada que muitos leitores o consideram um relato da vida de Abbey. O que contraria esse pensamento é o fato de que há vários desvios da realidade e evidentes invenções. Além disso, as características do personagem não coincidem com as do autor: não é escritor nem ambientalista, tão pouco terminou a sua dissertação de

expenditures to armaments and our military leaders are trying to fasten permanent peacetime conscription on the nation, then, as Thoreau said, 'It is not too soon for an honest man to rebel'. These men are certainly honest and sincere, and they are rebelling, not only against what they consider a violation of personal liberty, but against the slow and deadly drift towards World War III which an international armament race and universal conscription make almost inevitable”.

²⁶ “prefigured the radical environmentalism he would later advocate”.

²⁷ “gracious, respectful to the point of deference, and wonderfully guileless”.

mestrado, diferentemente do perfil do autor, que manteve o alinhamento ao ambientalismo e produziu literatura até o fim de sua vida.

No seu último ano de vida, Abbey trabalhou muito apressadamente, sentindo a pressão da iminência de sua morte e dos prazos para entregar seus trabalhos e cumprir contratos. Em fevereiro de 1989, esteve enclausurado na *Amerind Foundation*, perto de Benson, no Arizona, onde poderia trabalhar intensamente no romance longe do contato de familiares e amigos, mesmo sentindo a falta de seus filhos e da “doce e adorável jovem esposa”²⁸:

Várias de suas anotações no diário, ao escrever o romance, deixam claro que ele queria terminar o livro, que sabia que venderia bem, a fim de sustentar Clarke, Becky e Ben, deixando futuros *royalties* para eles, após sua morte. Pelo mesmo motivo, em 15 de fevereiro, assinou um contrato para o *Vox Clamantis in Deserto*, um livro de máximas selecionadas de seus diários (CAHALAN, 2001, p. 256)²⁹.

Abbey correu contra o tempo para deixar a esposa Clarke e os dois filhos do casal amparados. Ele conseguiu concluir o seu último livro um mês antes da sua morte.

Em meados de 1987, percebeu que estava morrendo, devido às varizes esofágicas sangrentas. Um traço de sangue no banquinho usado por Abbey era a prova de que sua doença estava se agravando. Deixou de ser visto em público, após a turnê de divulgação do seu livro. Fora promovido a professor titular da Universidade do Arizona, mas deixou o magistério logo após conseguir o seguro social. Terminou o romance *Hayduke Lives!*, publicado postumamente, foi a sequência de *The Monkey Wrench Gang*, terminado de forma repentina, mas do que desejou, pois assim pôde cumprir o contrato e ficar em paz.

A última aparição em público foi em um espaço bem apropriado, uma reunião na *Earth First!* no dia 4 de março de 1989, quando apareceu já bem magro e presumivelmente fraco. Na reunião havia uma mulher que lhe foi apresentada, e mais tarde se soube que era uma agente do FBI.

Uma semana depois, Abbey teve outra hemorragia esofágica. Apesar de todos os procedimentos e transfusões de sangue, não conseguiu se recuperar. Os amigos

²⁸ “sweet lovely sexy young wife”.

²⁹ “Several of his journal entries while writing the novel make clear that he wanted to finish the novel, which he knew would sell well, in order to provide for Clarke, Becky, and Ben, leaving future royalties behind for them after his death. For much the same reason, on February 15 he signed a contract for *Vox Clamantis in Deserto*, a book of maxims selected from his journals”.

Doug Peacock, Jack Loeffler e a esposa Clarke estiveram ao seu lado e o levaram para casa, após saberem que não havia mais o que se fazer. Abbey permaneceu mais um dia e meio, dormindo no seu escritório. Peacock, que era um médico de guerra aposentado, manteve a dor de Abbey amenizada, administrando doses graduais de Demerol e Compazine. Ao nascer do sol do dia 14 de março de 1989, Edward Abbey faleceu (CAHALAN, 2001, p. 261).

As orientações prévias a sua esposa, sobre o seu funeral, era de que seu corpo fosse enterrado o quanto antes, sem caixão, sem embalsamamento e nem em túmulo legal:

"Eu quero que meu corpo ajude a fertilizar o crescimento de um cacto, uma rosa do penhasco, salva ou árvore," ele escreveu. "Se a minha carcaça em decomposição ajudar a nutrir as raízes de um junípero ou as asas de um abutre – isso é imortalidade suficiente para mim. E tanto quanto qualquer um mereça" (apud MONGILLO; BOOTH, 2001, p. 4)³⁰.

As instruções era de que o corpo fosse enterrado no velho saco de dormir, sem cerimônia convencional, mas com muita alegria. Em seu diário, em outubro de 1981, Abbey deixou as suas especificações fúnebres³¹:

"Cerimônia? TIROS! E – um pouco de música, por favor: Jack Loeffler e seu trompete. Talvez algumas leituras ... Então [...] eu quero dança! E uma inundação de cerveja e bebida! Uma fogueira! E muita comida! ... Muita música, dança, conversa, grito, riso e sexo" (CAHALAN, 2001, p. 264)³².

O corpo foi envolto com gelo seco, no saco de dormir, e levado para o deserto pelos quatro amigos Doug Peacock, Jack Loeffler, Tom Cartwright e Steve Prescott. No caminho, eles passaram em uma loja de bebida, em Tucson, compraram cervejas e uísque. Peacock reportou que um sorriso emergiu do rosto de Abbey pouco antes da sua morte, quando soube onde seria enterrado e ao ser perguntado sobre o que dizer às pessoas sobre as suas últimas palavras, Abbey respondeu: "Sem comentários". A lápide traz a seguinte inscrição (KOWALEWSKI, 1996, p. 15-16):

³⁰ "I want my body to help fertilize the growth of a cactus or cliffrose or sagebrush or tree,' he written. 'If my decomposing carcass helps nourish the roots of a juniper tree or the wings of a vulture – that is immortality enough for me. And as much as anyone deserves'".

³¹ Esses desejos foram realizados em uma cerimônia de funeral, no dia 22 de março de 1989, no *Saguaro National Monument*, na área de piquenique mais distante, a oeste das Tucson Mountains, local que Abbey amava bastante (CAHALAN, 2001, p. 264-265).

³² "Ceremony? GUNFIRE! And – a little music, please: Jack Loeffler and his trumpet. Maybe a few readings... Then [...] I want dancing! and a flood of beer and booze! A bonfire" And lots of food! ... Lots of singing, dancing, talking, hollering, laughing and love-making instead".

EDWARD PAUL ABBEY

1927 - 1989

NO COMMENT

Apenas os quatro amigos e a esposa Clarke sabem onde ele foi enterrado, em algum lugar no deserto de *Cabeza Prieta*, no condado de Prima, Arizona. Abbey deixou esposa, duas filhas, três filhos e um sobrinho.

Peacock escreveu um artigo na *Audubon* com o título de “*Desert Solitaire*”, em 2003, descrevendo como enterraram Abbey e sugerindo a localização do túmulo, mas um dos amigos foi até o local e retirou a lápide para que ninguém pudesse encontrar a cripta (CAHALAN, 2001, p. 264).

Nascido em uma região desértica do Oeste, em Indiana³³, na Pensilvânia, e radicado por um bom tempo em Tucson, a relação de Edward Abbey com os elementos naturais desse lugar, tais como o clima, a terra, a água, a poeira, as plantas, os animais, o céu e o silêncio do deserto, tinham um significado com o qual ele se identificava. A natureza foi, desde a sua infância, um lugar de importância especial para a sua vida. Abbey trabalhou em dezesseis parques nacionais diferentes e florestas, desde Montana’s Glacier até Florida’s Everglades. Ainda que tivesse insistido que não era um “escritor da natureza”, sua produção soma vinte e um livros e ensaios, e o seu trabalho impactou, fortemente, a escrita da natureza contemporânea e o ambientalismo (CALAHAN, 2001, p. xv).

Do hospital, em Indiana, como citado anteriormente, ele foi para uma pequena casa, na North Third Street, numa vizinhança próxima, nas encostas das Montanhas Allegheny, perto de Pittsburgh. Até os quatorze anos, ele e a família moraram nas proximidades, e em vários outros lugares adjacentes ao campo. Abbey usufruiu o

³³ Verdadeiro local de nascimento, conforme James M. Cahalan (2001, p. 3) narra na biografia que escreveu sobre Edward Abbey: “E em seu diário particular em 1983, Abbey recordou caprichosamente ‘na noite de 29 de janeiro de 1927, naquela sala iluminada por lâmpadas na antiga fazenda perto de Home, Pensilvânia, quando nasci’ (308). Na verdade, naquela noite, às 10h30, pesando quatro quilos e cem gramas, Abbey nasceu no hospital da cidade de bom tamanho de Indiana, na Pensilvânia, com médico e enfermeiro presentes, conforme registrado em sua certidão de nascimento e anotou no livro do bebê que sua mãe manteve”. Texto original: “And in his private diary as late as 1983, Abbey whimsically recalled ‘the night of January 29th, 1927, in that lamp-lit room in the old farmhouse near Home, Pennsylvania, when I was born’ (308). In fact, that night at 10:30, weighing in at nine pounds, three ounces, Abbey was born in the hospital of the good-sized town of Indiana, Pennsylvania, with doctor and nurse in attendance, as recorded on his birth certificate and noted in the baby book that his mother kept”.

privilégio de ter como local de origem paisagens fabulosas e a sensação de estar no Paraíso na Terra:

Mas também era (e ainda é) uma paisagem linda: colinas onduladas, vales tranquilos esculpidos por uma rede sinuosa de riachos e rios – e por toda parte – apesar das devastações das empresas de carvão e madeireiras – árvores, árvores e mais árvores, pinheiros e uma propagação vegetativa contínua. O Condado de Indiana desfruta de um dos mais belos outonos do mundo. Depois do verão verde suave, as árvores em toda parte se transformam em vermelhos e dourados brilhantes. [...] E quando a primavera finalmente chega, ela é anunciada dramaticamente por um coro contínuo de rãs de fim de dia, as "propagadoras da primavera". Em suma, nenhum lugar poderia ser mais diferente do que – no seu próprio modo, às vezes, tão lindo quanto – o sudoeste americano que Abbey tornaria o seu lar substituto e a sua temática (CAHALAN, 2001, p. 4)³⁴.

A oportunidade que Abbey teve de conhecer o mundo natural, na sua forma menos espoliada pelo homem, despertou nele a preocupação com a natureza, suscitando-lhe a consciência ambiental e o espírito preservacionista:

Não, o deserto não é um luxo, mas uma necessidade do espírito humano, e tão vital para nossas vidas quanto a água e um bom pão. Uma civilização que destrói o pouco que resta da natureza, o sobressalente, o original, está se separando de suas origens e traindo o princípio da própria civilização (ABBEY, s/d, p. 211)³⁵.

A referência que Abbey faz sobre a civilização destruir o deserto é bastante significativa, visto que a sociedade supostamente evoluída, não deve retroceder aos avanços alcançados pelo florescimento da cultura, tecnologias desenvolvidas, políticas de aprimoramento criadas, entre outros. Nesse sentido, seria contraditório pensar em uma evolução que destrói o próprio lugar em que se vive.

O ativismo do autor e a sua identidade, moldada pelo pensamento ecológico, são processos de adaptações que Abbey experimentou a partir de mudanças culturais na sociedade. As suas experiências positivas no deserto influenciaram a formação da

³⁴ "But it was also beautiful countryside: rolling foothills, leisurely valleys carved by a meandering network of creeks and rivers, and everywhere – despite the ravages of coal and logging companies – trees, trees and more trees, both pines and an endless deciduous array. Indiana County enjoys one of the most beautiful autumns in the world. After the mild green summer, everywhere trees erupt into brilliant reds and golds. [...] And when spring finally arrives, it is announced dramatically by an ongoing, late-day chorus of frogs, the "spring peepers". In short, no place could be more different than – yet in its own way sometimes just as gorgeous as – the American Southwest that Abbey made his transplanted home and subject".

³⁵ "No, wilderness is not a luxury but a necessity of the human spirit, and as vital to our lives as water and good bread. A civilization which destroys what little remains of the wild, the spare, the original, is cutting itself off from its origins and betraying the principle of civilization itself".

sua identidade de preservacionista. Ainda bem jovem, Abbey amava “vagar” pelo deserto e escrever sobre ele, mas, repetindo, não se via como um escritor da natureza. Aos treze anos ele gostaria de se parecer com Thomas Wolfe ou James Joyce, mas aos vinte e três “ele se parecia com o influente *Beats*, tanto em seu estilo de vida quanto em seus escritos, muito mais do que Henry David Thoreau ou John Muir” (CAHALAN, 2001, p. 27)³⁶.

Conforme Cahalan (2001, p. 28), na década de 1940, a palavra “ambientalismo” não fazia parte do vocabulário norte-americano e a preservação do *wilderness* dificilmente era visível na agenda nacional. O desejo dos jovens era cumprir o serviço militar e seguir com suas vidas. Abbey seguiu com a sua, mas escrevendo sobre o deserto e atendendo a um “forte impulso” antigo – ir para o oeste. Ele acompanhou direta e indiretamente, grupos ambientalistas, como o *Earth First!* (conforme já citado), conhecido como uma das organizações ambientalistas mais radicais da América do Norte.

A afinidade de Abbey com a natureza possibilitou que ele transitasse entre o universo acadêmico e o ambiente natural em caráter produtivo, tanto no que se refere ao conteúdo para produzir os livros quanto à defesa que fazia sobre a preservação do deserto, sugerindo que esse lugar fosse visitado, mas que um comportamento ecológico fosse culturalmente adotado e praticado. Nesse sentido, os textos de Abbey colaboraram com a discussão global em torno de assuntos que permeiam o meio ambiente, servindo ao debate da corrente ecocrítica³⁷, quanto à relação cultural do homem com a natureza.

Em tom de advertência, Abbey fez muitos apontamentos sobre o comportamento do homem capitalista, escravo dos lucros e do progresso viciante, quanto à ganância excessiva por lucros e poder:

Se o homem industrial continuar multiplicando seus números e expandindo suas operações, terá sucesso em sua aparente intenção, de se isolar do natural e de se isolar dentro de uma prisão sintética de sua própria autoria. Ele fará para si um exílio na terra e depois saberá, se ainda é capaz de sentir alguma coisa, a dor e a agonia da perda final. Ele entenderá o que os índios Zia, em cativeiro, quiseram dizer quando fizeram uma canção pela dor da perda do seu lar: - Minha casa além,/Agora eu me lembro;/E quando eu vejo

³⁶ “he resembled the influential Beats, both in his lifestyle and his writing, much more than he did Henry David Thoreau or John Muir”.

³⁷ Corrente que será discutida mais adiante.

aquela montanha ao longe,/O porquê então eu choro,/O porquê então eu choro,/Lembrando da minha casa (ABBEY, s/d, p. 211)³⁸.

O local de nascimento, ou o lar pretendido de um homem, acolhe as suas memórias e a de seus antepassados. É o espaço sagrado das lembranças, dos sonhos e que agregam os elementos fundamentais da sua identidade. O autor, poeticamente, declara que o homem industrial pode perder suas referências primeiras se continuar alimentando o progresso de forma devastadora, provocando o que Porteous e Smith (2001, p. 12) conceituaram, em uma definição simples, como topocídio – o assassinato da casa – ou domicídio, formalmente definido como “a destruição deliberada do lar pela agência humana na busca de objetivos especificados, o que causa sofrimento às vítimas”³⁹. Em relação ao meio ambiente, essa interpretação de desenvolvimento pode promover o ecocídio, ou seja, “atividades que destroem e diminuem o bem-estar e a saúde dos ecossistemas e das espécies dentro dele, incluindo os seres humanos”⁴⁰, algo pelo qual Abbey lutou contra, toda a sua vida, deixando esse legado em seus livros (WHITE; RECKENBERG, 2014, p. 299).

Em *DS*, Abbey relatou sobre as ações nocivas contra o deserto, a exemplo a invasão pelo turismo industrial e a construção da barragem Glen Canyon, no rio Colorado, no norte do Arizona, entre os anos de 1956 e 1966, que deu origem ao Lake Powell, um dos maiores reservatórios dos Estados Unidos. A construção dessa barragem foi contestada pelo movimento ambientalista, que via essa construção como uma ameaça legal às terras protegidas.

Jeremy Miller (2014), no artigo “*A Trip to Drought-Wracked Lake Powell Reveals the Lost Wonder of the ‘Cathedral in the Desert’*”, refere-se ao Glen Canyon, antes da barragem, como um lugar digno de reverência religiosa, pois ele abrigava dois monumentos naturais, o *Music Temple* e a *Cathedral in the Desert*, um anfiteatro gigantesco semelhante a uma caverna com cachoeira no centro. As paredes

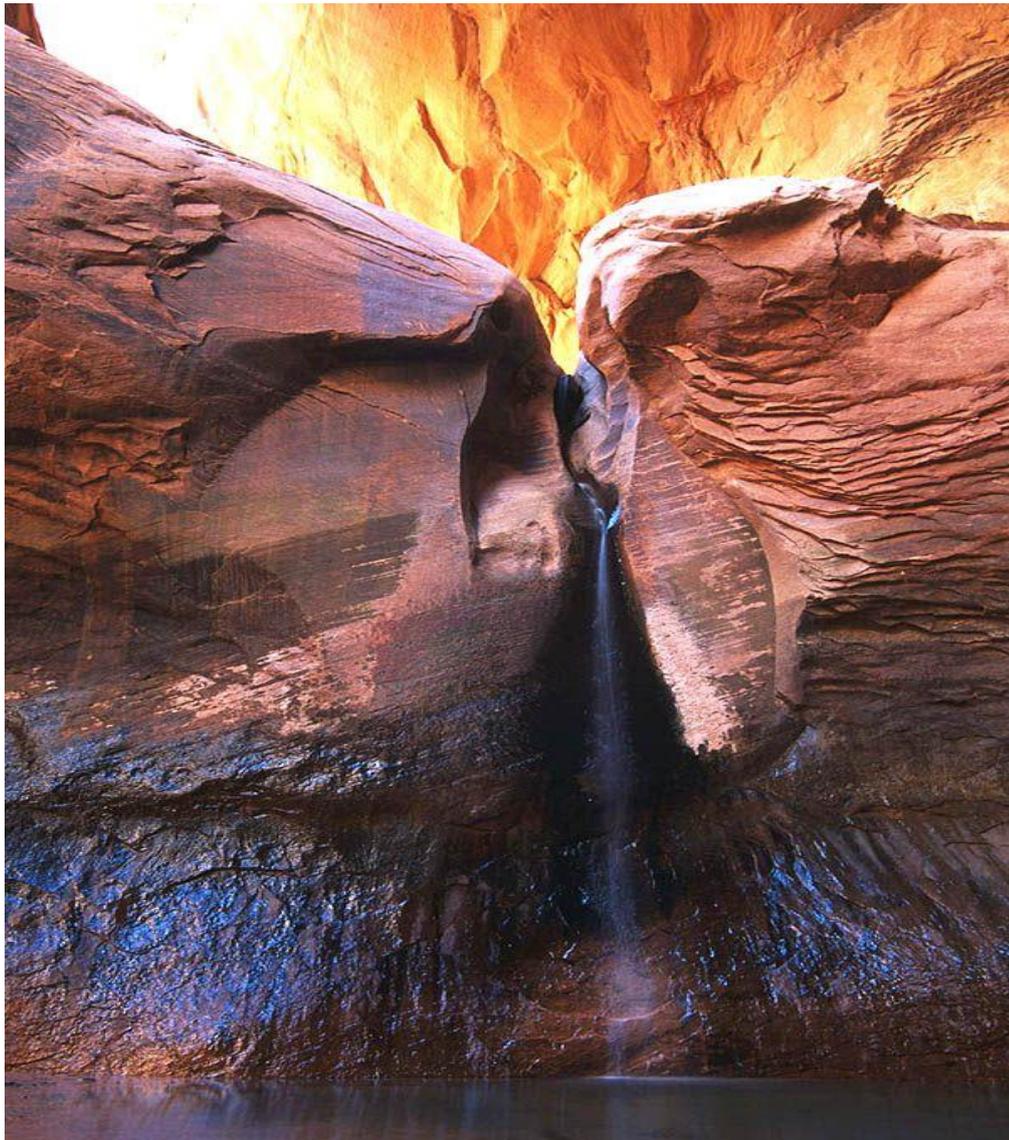
³⁸ “If industrial man continues to multiply his numbers and expand his operations he will succeed in his apparent intention, to seal himself off from the natural and isolate himself within a synthetic prison of his own making. He will make himself an exile from the earth and then will know at last, if he is still capable of feeling anything, the pain and agony of final loss. He will understand what the captive Zia Indians meant when they made a song out of their sickness for home: - My home over there,/Now I remember it;/ And when I see that mountain far away,/Why then I weep,/Why then I weep,/Remembering my home”.

³⁹ “the deliberate destruction of home by human agency in pursuit of specified goals, which causes suffering to the victims”.

⁴⁰ “Activities that destroy and diminish the well-being and health of ecosystems and species within these, including humans”.

esculpidas, os arcos reais, os desfiladeiros, as ravinas tudo isso foi submerso e essa beleza foi perdida, além de fazer desaparecer um rico habitat, conforme o *Glen Canyon Institute*: “mais de 79 espécies de plantas, 189 espécies de pássaros e 34 espécies de mamíferos; e um tesouro cultural, com mais de 3.000 ruínas antigas” (2012)⁴¹.

Foto 1- Cathedral in the Desert – interior da caverna. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/420875527650351768/> Acesso em: 24-01-2020.



Abbey explica que onde o primeiro explorador, o major John Wesley Powell, e seus bravos homens, em 1869, deslizaram nas águas sobre desfiladeiros de dois mil

⁴¹ “ with more than 79 species of plants, 189 species of birds, and 34 species of mammals; and a cultural treasure, with more than 3,000 ancient ruins”.

pés de profundidade, hoje, (data da escritura de *DS*), “os barcos a motor agora esfumaçam e chiam, espumando a água com bitucas de cigarro, latas de cerveja e óleo, arrastando os esquiadores aquáticos em suas intermináveis voltas, no sentido horário” (ABBEY, s/d, p. 188)⁴². Abbey participou vigorosamente dos protestos em favor da natureza preservada e da manutenção do lugar, em sua geografia, e para a sobrevivência das espécies. Glen Canyon foi destruído em favor do progresso. O ecocídio no coração biológico dos desfiladeiros produziu um espaço para armazenar água para abastecer cidades onde elas não deveriam existir:

fui um dos poucos sortudos (poderia ter havido milhares mais) que viram Glen Canyon antes de se afogar. Na verdade, vi apenas uma parte, mas o suficiente para perceber que ali estava um Éden, uma parte do paraíso original da terra (ABBEY, s/d, p. 189)⁴³.

Foto 2 - Cathedral in the Desert – parte externa. Disponível em: <https://www.lucascometto.com/new-products/cathedral-in-the-desert> Acesso em 24-01-20

⁴² “the motorboats now smoke and whine, scumming the water with cigarette butts, beer cans and oil, dragging the water skiers on their endless rounds, clockwise”.

⁴³ “I was one of the lucky few (there could have been thousands more) who saw Glen Canyon before it was drowned. In fact I saw only a part of it but enough to realize that here was an Eden, a portion of the earth's original Paradise”.



Além da modificação da paisagem, a construção provocou consequências negativas, devido ao erro dos projetistas do *Colorado River Compact de 1922*, que subestimaram o fluxo do rio e a demanda futura e não previram os impactos negativos das mudanças climáticas:

Essas forças resultaram em um déficit hídrico de quase 1 milhão de acres por ano no sistema do rio Colorado. Os reservatórios de Lake Powell e Lake Mead juntos estão pairando em cerca de 50% da capacidade e os cientistas preveem que provavelmente nunca mais serão enchidos (GLEN CANYON INSTITUTE, 2012).

A paisagem, o habitat de inúmeras espécies, os terraços, os desfiladeiros foram perdidos pela construção da barragem, conseqüentemente, pela inundação desse espaço, assim como a fantástica aventura de viajar pelo cânion. Plantas e animais perderam o seu espaço e o homem, o paraíso na Terra.

DS se tornou um clássico cult com uma base sólida de leitores e fãs que, ainda hoje, visitam o deserto de Utah, devido a matéria encontrada nesse livro. O

conhecimento de Abbey acerca dos elementos espaciais do deserto é fruto da sua experiência pessoal e de leitura, principalmente, dos trabalhos dos escritores da natureza, como os de Walt Whitman e de Henry Thoreau. As reflexões subscritas em *DS* são propostas de como a humanidade pode conviver com a natureza sem destruir ou esgotar os recursos naturais caros à manutenção da vida. A convivência com um pensamento ecológico, já que o período de maior produção de Abbey foi durante a efervescência dos movimentos ambientalistas, e a habilidade de escrever sobre a natureza afloraram nesse autor a responsabilidade de ser a voz que ecoa no deserto.

Para além de reuniões em organizações ambientalistas e palestras sobre a luta pela preservação do planeta, o ativismo de Edward Abbey frutificou-se por meio de seus livros. Em *DS*, o autor fez análises críticas sobre o funcionamento dos parques e como os agentes do Serviço de Parques eram treinados para defender o bem-estar dos turistas:

A todas as acusações de desenvolvimento excessivo, os administradores podem responder, como se pressionados com força suficiente, que estão dando ao público o que ele deseja, que seu dever principal é servir ao público e não preservar a natureza. "Parques são para pessoas" é o slogan de relações públicas, que decodificado significa que os parques são para pessoas em automóveis. Por trás do slogan está a suposição de que a maioria dos americanos, exatamente como os gerentes da indústria do turismo, esperam e exigem ver seus parques nacionais a partir do conforto, segurança e conveniência de seus automóveis (ABBEY, s/d, p. 62-63)⁴⁴.

O autor acreditava que o problema final do turismo industrial era o próprio turista industrial, pois ele suportava, pacientemente, engarrafamentos, filas longas, comida horrível da beira da estrada, cheiro de fumaça etc. pois lhe era garantida a possibilidade de fazer o turismo em seu automóvel (ABBEY, s/d, p. 63). Abbey preconizou sobre a importância de se refletir sobre a cultura do lazer ao ar livre. Em uma de suas análises, o autor exemplificou que havia aqueles que preferiam abandonar as estradas e optar por outro tipo de férias: "ao ar livre, por conta própria, seguindo a trilha tranquila entre florestas e montanhas, dormindo à noite sob as

⁴⁴ "To all accusations of excessive development the administrators can reply, as they will if pressed hard enough, that they are giving the public what it wants, that their primary duty is to serve the public not preserve the wilds. "Parks are for people" is the public-relations slogan, which decoded means that the parks are for people-in-automobiles. Behind the slogan is the assumption that the majority of Americans, exactly like the managers of the tourist industry, expect and demand to see their national parks from the comfort, security and convenience of their automobiles".

estrelas, quando e onde quisessem”⁴⁵, enquanto os turistas industriais lutavam com seus automóveis buscando um lugar onde pudessem estacioná-los (ABBAY, s/d, p. 64).

O ativismo ambiental de Edward Abbey está presente em *DS* e no conjunto de sua obra como uma tentativa de conscientizar quem a sua literatura pudesse alcançar. O ecoativismo desse autor atinge não só um público interessado em literatura do oeste e literatura ambiental, mas também, qualquer leitor, em qualquer época, pois a sua proposta de preservação é elaborada, por vezes didática, revelando o problema com possível solução. A exemplo disso, ao apontar os turistas industriais como o problema da destruição dos parques nacionais, Abbey engendrou provocações de que a sua luta pela preservação se tornasse a luta de todos, na tentativa de conscientizar ecologicamente os leitores de seus livros com informação sobre a preservação e sobre a própria cultura do que seja lazer ao ar livre:

O turismo industrial é uma ameaça para os parques nacionais. Mas as principais vítimas do sistema são os turistas motorizados. Eles estão sendo roubados e roubando a si mesmos. Enquanto não estiverem dispostos a sair de seus carros, nunca escaparão do estresse e da agitação dos complexos urbanos e suburbanos que esperavam, presumivelmente, abandonar por um tempo (ABBAY, s/d, p. 64)⁴⁶.

Apesar de não ter feito parte, oficialmente, de qualquer organização ambiental, Abbey sempre apoiou de forma discursiva ou esteve presente ao lado das organizações que praticavam o ativismo em defesa do meio ambiente⁴⁷. É possível dizer que vários fatores influenciaram a identidade ecológica de Abbey, desde o contato com a natureza da tenra idade até a sua morte; a influência dos pais; também a sua consciência de militar em favor de causas urgentes, já que seu espírito anarquista era sensível às demandas sociais que requer lutas.

Para Abbey, o homem e a natureza fazem parte de uma cadeia, em que todos estão posicionados em igualdade de valor. O homem faz parte do ecossistema, e caso

⁴⁵ “out in the open, on their own feet, following the quiet trail through forest and mountains, bedding down at evening under the stars, when and where they feel like it”.

⁴⁶ “Tourists are still hunting for a place to park their automobiles. Industrial Tourism is a threat to the national parks. But the chief victims of the system are the motorized tourists. They are being robbed and robbing themselves. So long as they are unwilling to crawl out of their cars they will never escape the stress and turmoil of the urban-suburban complexes which they had hoped, presumably, to leave behind for a while”.

⁴⁷ A expressão “meio ambiente” refere-se ao conjunto de fatores físicos, químicos e biológicos que envolve os seres vivos, abrigo e conduzindo as formas de vida em seus ecossistemas.

a natureza seja extinta, ele também será. Esse pensamento de Abbey coincide com a perspectiva de Roderick Frazier Nash, em *Wilderness and the American Mind* (2014), perspectiva que será discutida mais adiante, de que o homem vivia em conciliação com o espaço natural usufruindo-o proporcionalmente com tudo que nele habitava, todos inseridos naquele lugar em situação equivalente.

É possível concluir que a consciência ecológica de Abbey se formou pela soma de experiências que ele acumulou durante a sua vida, a influência dos ecoativistas e o surgimento do ambientalismo moderno, ou seja, sua identidade foi construída pela soma das experiências individuais e coletivas. A visão ecológica de Abbey sobre como se relacionar com o ambiente físico é uma declaração da sua identidade ecoativista, da história do desenvolvimento do oeste dos Estados Unidos, uma vez que a forma como o homem explorou esse espaço deu vazão para se pensar sobre o meio ambiente de forma responsável e sustentável.

1.3 A prática aplicada da sustentabilidade como forma de minorar o esgotamento de recursos naturais provocado pela mudança na relação homem/natureza

Por toda a sua vida, Edward Abbey esteve conectado direta e indiretamente ao mundo natural e às reflexões culturais sobre a relação do homem com a natureza, bem como percebia a utilização dos recursos naturais pelas sociedades vigentes.

Em *DS*, o autor apresentou análises sobre o turismo destrutivo dos parques nacionais, alertando para a depredação e propondo soluções sustentáveis para que o desenvolvimento econômico, da região de parques, coexistisse associado às práticas de preservação. A invenção do automóvel atendeu a uma conveniência de transporte, muito necessária à sociedade, porém tornou-se um invasor nos parques, restando ao Serviço de Parques e a todos os envolvidos no processo de preservação da natureza selvagem encontrar soluções eficazes:

Supondo, no entanto, que o crescimento da população seja interrompido em um nível tolerável, antes que a catástrofe faça isso por nós, é permitido falar sobre coisas como os parques nacionais. Tendo me entregado a uma série de julgamentos severos sobre o Serviço de Parques, a indústria do turismo e o público automobilístico, agora me sinto autorizado a fazer algumas

propostas construtivas, práticas e sensatas para a salvação de parques e pessoas (ABBEY, s/d, p. 65)⁴⁸.

Após identificar os problemas, quanto à preservação dos parques nacionais, Abbey apontou sugestões que contemplavam o turismo e a preservação. Uma das ideias apresentadas era não usar veículos motorizados no interior dos parques. Para o autor, a humanidade está aprendendo que a natureza também é um lugar sagrado: “estamos aprendendo finalmente que as florestas, montanhas e desfiladeiros do deserto são mais sagrados do que nossas igrejas. Portanto, vamos nos comportar de acordo” (ABBEY, s/d, p. 65)⁴⁹. Essa proposição é um produto da cultura na qual Abbey já fazia parte: a da preservação. Para compreender como a sociedade muda sua cultura e prática, farei algumas observações sobre o processo da mudança cultural das práticas relacionadas ao uso do meio ambiente.

Conforme Charles Russ Beaton e Chris Maser, em *Economics and Ecology: United for a Sustainable World* (2012, p. xxi) as palavras “ecologia” e “economia” têm a mesma raiz, *oikos*, que significa “casa”, portanto, ecologia⁵⁰ “é o conhecimento ou o entendimento da casa, e a economia é a administração dessa casa”⁵¹. Esses autores aludem para o fato de que o mundo moderno não compreendeu ou esqueceu que há conexão entre essas duas palavras e aos cientistas cabe orientar a sociedade para uma observação elementar: “a saber, o ambiente natural do qual somos parte inseparável e a base de recursos para a economia é a mesma” (BEATON; MASER,

⁴⁸ “Assuming, however, that population growth will be halted at a tolerable level before catastrophe does it for us, it remains permissible to talk about such things as the national parks. Having indulged myself in a number of harsh judgments upon the Park Service, the tourist industry, and the motoring public, I now feel entitled to make some constructive, practical, sensible proposals for the salvation of both parks and people”.

⁴⁹ “we are learning finally that the forests and mountains and desert canyons are holier than our churches. Therefore let us behave accordingly”.

⁵⁰ Conforme Sandip Kumar Mishra, (2016, p. 168-170), em *Ecocriticism: A Study of Environmental Issues in Literature, BRICS Journal of Educational Research*, a ecologia compreende dois matizes. O primeiro é a ecologia rasa, essencialmente antropocêntrica, que acredita que a natureza é subordinada aos humanos, que o homem pensa em si como superior aos outros seres e que o papel dela é servir à humanidade: “Ela também defende o uso sistemático de recursos naturais, como carvão, gás, florestas, petróleo, etc., para um futuro sustentável” – (“It also advocates systematic usages of natural resources like coal, gas, forests, oil, etc. for a sustainable future” (MISHRA, 2016, p.168)). O outro matiz é a ecologia profunda, que contesta a ideia da primeira e defende a preservação da natureza, e a sua manutenção de forma intocada, sem qualquer interferência do homem: “visto que a natureza tem o seu próprio direito de sobreviver” – (“as nature has its own right to survive” (MISHRA, 2016, P. 168)). Nesse sentido, a ecologia profunda preconiza que todos os organismos, no planeta, são dotados de valores e nenhum sobrepõe o outro em importância.

⁵¹ “is the knowledge or understanding of the house, and economy is the management of that house”.

2012, p. xxi)⁵². Nesse sentido, administrar essa casa requer resultados positivos e isso demanda ignorar que a fonte de recursos econômicos é o ambiente natural. Conciliar a ecologia e a economia é o primeiro passo para compreender o desenvolvimento sustentável.

Em *DS*, Abbey faz uma análise sobre os recursos hídricos da região do oeste, de que eles são suficientes se usados de forma correta:

Água, água, água ... Não há escassez de água no deserto, mas exatamente a quantidade certa, uma proporção perfeita de água para rocha, água para areia, garantindo esse amplo espaço livre e generoso entre plantas e animais, casas, vilas e cidades, o que torna o árido oeste tão diferente de qualquer outra parte da nação. Não há falta de água aqui, a menos que você tente estabelecer uma cidade onde nenhuma deveria estar (ABBEY, s/d, p. 159)⁵³.

Usar as fontes de recursos naturais com responsabilidade garante o equilíbrio da vida na natureza, promove a garantia de recursos futuros para a região e, conseqüentemente, fornece o sustento para a civilização, que deve estar alinhada ao pensamento de que se deve administrar a sua casa de forma sustentável.

O desenvolvimento de uma sociedade está relacionado, diretamente, às práticas culturais produzidas por um povo para a sua sobrevivência e o aproveitamento dos recursos naturais que possui. Essas práticas nascem de um processo de relação entre a natureza e o momento histórico. A partir dessas práticas e técnicas criadas surgem a modificação dos ecossistemas e a racionalidade do uso dos recursos naturais.

Conforme Enrique Leff (2009, p. 98), em *Ecologia, capital e cultura*, a natureza, que era vista como fonte das práticas culturais e simbolização da vida, sob a ótica da modernização e projeto civilizador das culturas dos trópicos, passou a ser considerada “fonte de matérias-primas desvalorizadas, que alimentaram uma acumulação do capital em escala mundial, fundada na troca desigual de bens primários contra mercadorias tecnológicas”. Esses processos de diluição cultural e depredação ecológica traduzem a dinâmica do processo de globalização. Dessa forma, pensar sob

⁵² “namely, the natural environment of which we are an inseparable part, and the resource base for the economy are one and the same”.

⁵³ “Water, water, water....There is no shortage of water in the desert but exactly the right amount , a perfect ratio of water to rock, water to sand, insuring that wide free open, generous spacing among plants and animals, homes and towns and cities, which makes the arid West so different from any other part of the nation. There is no lack of water here unless you try to establish a city where no city should be”.

a perspectiva da sustentabilidade e racionalidade dos recursos naturais, preservação ambiental e preservação das etnoculturas exige a adoção de princípios éticos com valores não comercializáveis, mas que podem integrar os recursos naturais, culturais e tecnológicos (LEFF, 2009, p. 99).

Conhecer a organização social e de produção das culturas tradicionais, das comunidades originárias e das sociedades camponesas possibilita saber e reconhecer o valor histórico das culturas e a gestão dos ecossistemas, compreender as transformações que o meio ambiente sofreu e assimilar os traços elementares que integram a identidade étnica de um povo. Isso possibilita conhecer a tradição local e reorientar essa sociedade quanto ao uso racional dos recursos naturais para que os participantes dessas sociedades vivam de forma sustentável.

O crescimento econômico baseado na exploração dos recursos naturais, na destruição do meio ambiente, na contaminação dos rios, na destruição das nascentes, na perda da qualidade de vida, na extinção de espécies da fauna e da flora resultou na reformulação das normas e meios legais sobre o uso e a exploração dos recursos naturais do planeta. As práticas do desenvolvimento destrutivo geraram a necessidade de se criar uma “cultura ecológica” que redimensionasse, de forma salutar, a relação do homem com o meio ambiente.

Conforme Enrique Leff (2009, p. 281), “entende-se essa ‘cultura’ como uma ‘tomada de consciência’ dos diferentes protagonistas sociais e uma mobilização da cidadania para proteger o ambiente”. Nesse sentido, a cultura ecológica compreende a área das formações ideológicas e do comportamento das pessoas quanto a pensar racionalmente sobre os “estilos de desenvolvimento” da sociedade que não levem o meio ambiente à degradação.

Essa tomada de consciência, quanto a exercer a cidadania e proteger o mundo natural, é explicitada por Abbey em *DS*, visto que ele fazia parte dessa cultura ecológica, pois esteve envolvido na tentativa de imprimir a preservação do meio ambiente, ameaçado de degradação. O autor propôs a produção de espaços naturais (fundamentando-se em décadas anteriores) e avaliou que a cultura do turismo industrial poderia resultar na espoliação dos parques. Ele colaborou com explicações, científicas, acerca de assuntos como a geologia, o clima, o meio ambiente e erigiu ponderadas observações de como conviver com a natureza de forma sustentável:

Considere um exemplo concreto e o que poderia ser feito com ele: *Yosemite Valley* em *Yosemite National Park*. Atualmente, uma confusão empoeirada de veículos a motor e máquinas pesadas de camping, poderia ser devolvido à relativa beleza e à ordem pelo simples expediente de exigir que todos os visitantes, na entrada do parque, trancassem seus automóveis e continuassem sua turnê nos assentos de boas bicicletas acessíveis fornecidas gratuitamente pelo governo dos Estados Unidos. Deixe que nosso pessoal viaje de bicicleta de forma leve e livre – nada na parte de trás, exceto uma camisa, nada amarrado à bicicleta, além de uma capa, em caso de chuva. Seus colchonetes, mochilas, barracas, alimentos e kits de cozinha serão transportados gratuitamente para o acampamento de sua escolha no *Valley*, pelo Serviço de Parques (Por que não? As estradas ainda estarão lá). Uma vez no *Valley*, eles encontrarão as agências de turismo esperando, prontas para suprir todas as necessidades que possam ter sido negligenciadas, ou para fornecer quartos e refeições para aqueles que não querem acampar (ABBHEY, s/d, 65-66)⁵⁴.

Embora *DS* tenha como espaço principal o *Arches National Monument*, o autor conhecia a região de Utah e os demais parques. As análises empreendidas sobre a preservação daquela região não se restringiram apenas ao Parque que patrulhava e pesquisava, mas Abbey colaborou com sugestões que se estenderam a outros parques públicos. Na passagem, o autor recomendou que os visitantes do *Yosemite National Park* adotassem a prática do turismo ecológico, que resultaria no desenvolvimento econômico responsável, porque não só as empresas de petróleo lucrariam com o tráfego até a entrada do local, mas as agências de turismo responsáveis desenvolveriam o mercado de vários serviços e bens de consumo.

A cultura ecológica deve atuar no âmbito da formação dos seres humanos de como se relacionar com a natureza, nas formas de produção e de poder entre o Estado e a sociedade, construindo uma racionalidade ambiental que sistematize o processo de interação entre homem e natureza. Segundo Leff (2009, p. 281-282), essa racionalidade se constrói a partir de: a) parâmetros axiológicos (noções de valores morais, éticos, estéticos e espirituais) de ética ambiental que tornem legítimas o comportamento individual e social em relação à natureza e ao uso dos recursos naturais; b) elaboração de uma teoria ambiental que modifique conceitos e formas de

⁵⁴ “Consider a concrete example and what could be done with it: Yosemite Valley National Park. At present a dusty milling confusion of motor vehicles and ponderous camping machinery, it could be returned to relative beauty and order by the simple expedient of requiring all visitors, at the park entrance, to lock up their automobiles and continue their tour on the seats of good workable bicycles supplied free of charge by the United States Government. Let our people travel light and free on their bicycles - nothing on the back but a shirt, nothing tied to the bike but a slicker, in case of rain. Their bedrolls, their backpacks, their tents, their food and cooking kits will be trucked in for them, free of charge, to the campground of their choice in the Valley, by the Park Service (Why not? The roads will still be there). Once in the Valley they will find the concessioners waiting, ready to supply whatever needs might have been overlooked, or to furnish rooms and meals for those who don't want to camp out”.

se conduzir a metodologia socioeconômica para o desenvolvimento sustentável; c) motivação de diferentes grupos sociais para colocarem em prática os projetos de gerenciamento ambiental participativo fundamentado na racionalidade ambiental e na sustentabilidade.

Essas práticas culturais que geram a mudança de comportamento são continuamente preconizadas em *DS*. O autor, de forma didática, apresentou planejamentos sobre como gerir e praticar o lazer ao ar livre. Suas apreciações são tentativas de difundir um novo comportamento individual e coletivo do turista, no sentido de que eles possam se relacionar de maneira salutar com a natureza, além de desenvolver hábitos saudáveis:

O mesmo poderia ser feito no *Grand Canyon* ou em *Yellowstone* ou em qualquer um de nossos outros santuários ao ar livre. Não há nenhuma razão convincente, por exemplo, que explique por que os turistas precisam dirigir seus automóveis até a beira da borda sul do *Grand Canyon*. Eles podiam andar naquela última milha. Melhor ainda, o Serviço de Parques deveria construir um enorme estacionamento a cerca de 16 quilômetros ao sul de *Grand Canyon Village* e outro a leste de *Desert View*. Nesses pontos, como em *Yosemite*, nossos turistas poderiam emergir de suas conchas fumegantes de aço e vidro e andar a cavalos ou de bicicletas na etapa final da jornada (ABBEY, s/d, p. 66)⁵⁵.

A menção e estímulo à prática da exploração sustentável conduz as sociedades a criarem uma cultura ecológica, que pressupõe a adaptação do homem ao meio ambiente, de forma que os dois consigam sobreviver desfrutando o mesmo espaço. A metodologia elaborada orienta a adaptação do homem à variedade de ambientes rural e urbano e esse ensinamento envolve as práticas e conhecimentos que o homem deve possuir para conviver bem com a natureza. Conforme Leff,

[a] estratégias do ecodesenvolvimento estão baseadas num conjunto de princípios morais. Alguns deles estão associados com a “racionalidade ecológica” dos agentes econômicos e com uma ética conservacionista da natureza; outros, com a emergência de novos valores relacionados com a democracia, a qualidade de vida e os direitos humanos (2009, p. 282).

⁵⁵ “The same thing could be done at Grand Canyon or at Yellowstone or at any of our other shrines to the out-of-doors. There is no compelling reason, for example, why tourists need to drive their automobiles to the very brink of the Grand Canyon's south rim. They could walk that last mile. Better yet, the Park Service should build an enormous parking lot about ten miles south of Grand Canyon Village and another east of Desert View. At those points, as at Yosemite, our people could emerge from their steaming shells of steel and glass and climb upon horses or bicycles for the final leg of the journey”.

Esse conjunto de estratégias e princípios éticos referem-se à criação de uma prática política para transformar as relações de poder relacionadas à organização econômica e à orientação de novas formas de produção para o desenvolvimento sustentável, criando uma racionalidade e pensamento social alternativos. Assim, a racionalidade ambiental visa um modelo de desenvolvimento econômico que incorpore nas suas práticas a preocupação com a natureza. O ecodesenvolvimento empenha-se em prosperar, produzir divisas econômicas sem comprometer o futuro das próximas gerações, estimulando, dessa forma, um desenvolvimento econômico e humano fazendo um uso dos recursos naturais coerentes com a preservação do meio ambiente.

As premissas propostas por Abbey vão na direção do ecodesenvolvimento ilustrado por Enrique Leff, de que é possível produzir lucros sem destruir o meio ambiente. Portanto, compreender como gestar o ecodesenvolvimento é possibilitar a formação das sociedades sustentáveis.

Uma das propostas de preservação do *wilderness*, em *DS*, é que as pessoas deixem de usar os veículos motorizados nos parques, assim elas livrarão a natureza dessa ameaça e poderão apreciar melhor o lugar:

Uma vez que as pessoas se libertem das limitações dos automóveis, haverá um interesse cada vez maior em caminhadas, exploração e viagens de campo. Felizmente, os parques, com a simples eliminação do tráfego motorizado, parecerão muito maiores do que são agora – haverá mais espaço para mais pessoas, uma expansão surpreendente do lugar (ABBEY, s/d, p. 68)⁵⁶.

Essa mudança de hábito e a formação de um novo turista tornarão não só a viagem mais prazerosa, bem como conservarão o deserto para as futuras gerações, um dos princípios defendidos pelo Serviço de Parques.

No esforço de se criar uma sociedade sustentável é necessária uma nova identidade moldada nas práticas do desenvolvimento baseadas no uso responsável dos recursos. É um novo sujeito com comportamentos sistematizados em práticas de preservação que multiplicará hábitos que estabeleçam um equilíbrio na relação do homem com a natureza, assim como professa o autor de *DS*, na tentativa de restaurar

⁵⁶ “Once people liberated from the confines of automobiles there will be a greatly increased interest in hiking, exploring, and back-country packtrips. Fortunately the parks, by the mere elimination of motor traffic, will come to seem far bigger than they are now – there will be more room for more persons, an astonishing expansion of space”.

o que já se havia perdido no deserto, pois que ele acreditava na colaboração da sua literatura para o debate ambiental.

Após observações sobre como o homem, com práticas de sustentabilidade, pode aprender a se relacionar com a natureza e, conseqüentemente, criar hábitos ecológicos, explicarei o trabalho da ecocrítica, que é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Esse estudo pretende dar voz a um elemento silenciado – a natureza – e fazer reflexões do ponto de vista cultural acerca da relação do homem com o meio ambiente.

Pelo ativismo ambiental, é possível dizer que a identidade ecológica de Edward Abbey o caracteriza como ecocrítico, devido ao seu trabalho ser dedicadamente elaborado com vistas a narrar a relação do homem com a natureza, apresentando esta como elemento central da narrativa e *DS* ser considerado um dos três principais textos da literatura ambiental escritos no século XX, conforme Greg Garrard (2006, p. 106). Para analisar *DS* é importante adentrar o campo da ecocrítica, conforme já mencionado, para se compreender como essa corrente disserta, de forma interdisciplinar, a relação cultural do homem com a natureza e a sua relevância científica. Nesse sentido, uma seção sobre essa corrente será apresentada no próximo capítulo.

1.4 Ecocrítica: conceitos ecológicos aplicados ao texto literário em defesa da natureza preservada

Como Edward Abbey esteve diretamente envolvido com a discussão ambiental, por sua produção narrativa e ensaística, e principalmente pelo seu comportamento anarquista, é possível associá-lo à corrente de estudos literários preocupada com a forma como o homem interage com a natureza, normalmente de maneira depredatória. Assim, os livros de Abbey, em especial *DS*, podem e devem ser analisados pelo viés ecocrítico.

Para que se compreenda o objetivo do “estudo crítico da ecologia”, faz-se necessária uma discussão sobre o significado da própria palavra “ecologia”. Conforme Michael Begon *et al.* (2006, p. xi), em *Ecology: From Individuals to Ecosystems*, “[p]arafraseando Haeckel, podemos descrever a ecologia como o estudo científico das

interações entre organismos e seu ambiente”⁵⁷. Nesse sentido, como “eco” deriva de *oikos* e significa “casa”, ela pode ser entendida como o “estudo da vida dos espécimes em casa”. Outra definição, mais completa, foi elaborada por Krebs (1972): “Ecologia é o estudo científico das interações que determinam a distribuição e a abundância de organismos” (apud BEGON; TOWNSEND; HARPER, 2006, p. xi)⁵⁸. Essa definição não usa a palavra “casa”, mas é possível compreender que o conceito de Haeckel traz a casa no centro e Krebs define o objetivo final, não excluindo o lugar em que ocorre essa distribuição e a abundância dos organismos vivos, pelo fato de que a interação deve ocorrer em um determinado “ambiente”. Já Alfredo Pena-Vega (2003, p. 30), em *O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa*, faz a seguinte definição: “Ecologia é o estudo das relações que vinculam os organismos e o meio onde eles vivem”. Nesse sentido, tanto o estudo da vida (dos organismos) em casa quanto a própria casa (meio ambiente) precisam ser pensados como uma unidade.

Greg Garrard (2006, p. 14) afirma que a ecocrítica é um estudo que versará sobre assuntos tais quais: “o conceito histórico de mundo natural”, “como a análise literária adentra o campo da ciência” e “qual é a herança produzida a partir dos estudos literários e discursos ambientalistas correlatos às áreas da história, filosofia, psicanálise, história da arte e ética”. Portanto, a análise ecocrítica é um projeto moral e político “verde” interligado a ensinamentos ambientalistas moldados pela filosofia e teoria prática.

Os estudos ecocríticos analisam temas relativos ao meio ambiente, os quais comportam tanto textos de cunho literário quanto escritos relacionados a discussões do campo das humanidades. Esses estudos surgiram no início da década de 1960, momento de efervescência do ambientalismo moderno inaugurado pelo texto “Uma fábula para o amanhã”, escrito por Rachel Carson (zoóloga e escritora) e publicado, como capítulo, no livro *Silent Spring* (1962) (GARRARD, 2006, p. 11). Carson elaborou um ambiente edênico compartilhado harmoniosamente entre humanidade e natureza. Esse estado de equilíbrio e paz redentora transitou, rapidamente, para a destruição e o caos. Por meio de um discurso literário, Carson denunciou a depredação e o uso de venenos agressivos ao meio ambiente.

⁵⁷ “Paraphrasing Haeckel we can describe ecology as the scientific study of the interactions between organisms and their environment”.

⁵⁸ “Ecology is the scientific study of the interactions that determine the distribution and abundance of organisms”.

Timothy Clarke (2019, p. 15), em *The Value of Ecocriticism*, afirma que a ecocrítica tornou-se um assunto amplo e diversificado, que acolhe uma amálgama de vertentes literárias, políticas, culturais e ativistas. A crise ambiental é factual e isso exige uma reformulação, uma mudança dos valores, formação e criação de objetivos básicos da sociedade. Nesse sentido, a arte e a literatura podem ser essenciais para essa transformação.

Essa mudança de comportamento tem como assunto, matéria, a vida cotidiana e os valores culturais, que envolvem a forma como a sociedade interage com o meio ambiente. Assim, o debate das humanidades aparece no centro da discussão ambiental e não apenas dos discursos da ciência: “Isso coloca um assunto das humanidades no cerne do debate ambiental, e não apenas nos discursos da ciência” (CLARKE, 2019, p. 15)⁵⁹.

Sandip Kumar Mishra (2016, p. 168), em *Ecocriticism: a Study of Environmental Issues Literature*, cita a definição de ecocrítica, de Lawrence Buell, “como um estudo da relação entre a literatura e o meio ambiente, conduzido pelo espírito de compromisso com a práxis dos ambientalistas”⁶⁰, e defende que a ecocrítica está para além do estudo da natureza. Essa ciência se diferencia da escrita da natureza convencional pelo seu caráter ético e compromisso com o mundo natural, bem como a responsabilidade de fazer a conexão entre o mundo humano e não humano. Pela consciência ambiental que Abbey demonstrou em seu projeto literário e de vida, *DS* colaborou com a ecocrítica, no sentido de apresentar esse compromisso de integração responsável do homem com o mundo natural:

Espero e observo, guardando o deserto, os arcos, a areia e as rochas áridas, os juníperos isolados e os pedaços de sálvia espalhados ao meu redor, em silêncio e simplicidade sob a luz das estrelas. Novamente, o fogo começa a falhar. Deixando-o morrer, pego minha bengala e dou um passeio pela estrada na escuridão espessa (ABBEY, s/d, p. 14)⁶¹.

⁵⁹ “This puts a humanities subject at the very heart of environmental debate, and not just the discourses of science”.

⁶⁰ “as a study of the relationship between literature and the environment conducted in a spirit of commitment to environmentalist’s práxis”.

⁶¹ “I wait and watch, guarding the desert, the arches, the sand and barren rock, the isolated junipers and scattered clumps of sage surrounding me in stillness and simplicity under the starlight. Again the fire begins to fail. Letting it die, I take my waling stick, and go for a stroll down the road into the thickening darkness”.

Por meio do discurso literário, em *DS*, e o compromisso com a causa ambiental de preservação, o autor faz profundas reflexões sobre a interação harmoniosa entre homem e natureza, buscando a sua integração com os elementos espaciais do deserto, sentindo-se parte dele: “Permaneço como uma parte do ambiente em que atravesso e minha visão, embora limitada, não tem limites nítidos ou definidos” (ABBEY, s/d, p. 15)⁶². O significado desse espaço, para o autor, como lugar das relações equânimes e espaço sagrado, será discutido mais adiante.

A inauguração do ambientalismo moderno, as afirmações de Carson e a crescente atuação das humanidades em torno do debate ambientalista impulsionaram a literatura a participar das discussões científicas, sob o viés da ecocrítica e do seu projeto de análise cultural vinculado à “orientação ambientalista consolidada na filosofia e na teoria política” (GARRARD, 2006, p. 14).

Os estudos ecocríticos foram aprofundados a partir da formação da ASLE (Associação para o Estudo da Literatura e do Meio Ambiente), em 1992, nos Estados Unidos, cuja missão era intercambiar ideias e informações, referentes à literatura, que contemplavam a relação entre o homem e a natureza. Nesse sentido, esses estudos realizados por meio do diálogo entre literatura e meio ambiente integravam “a teoria ecológica, o ambientalismo, as concepções da natureza e suas representações, a dicotomia humano/natureza e as preocupações relacionadas” (GLOTFELTY & FROMM, p. xviii)⁶³.

Peter Barry (2002, p. 161), em *Beginning Theory – An Introduction to Literary and Cultural Theory*, afirma que, no final da década de 1970, a ecocrítica surgiu como conceito nas reuniões da WLA (*Western American Literature: A Journal of Literary, Cultural, and Place Studies*, desde 1965), que tinha como interesse a literatura do oeste dos Estados Unidos. Michael P. Branch “recuperou” a palavra “ecocrítica” do ensaio de William Rueckert (*Literature and ecology: an experiment in ecocriticism* (1978)), em uma conferência da WLA (em Coeur d’Alene, EUA, em 1989), e Cheryl Glotfelty restabeleceu o termo “ecocrítica”, mas fez uma ressalva para que ele fosse usado para especificar o gênero conhecido como “o estudo da escrita da natureza”. A ênfase requerida por Glotfelty foi uma tentativa de resgate desse gênero, pelos

⁶² “I remain a part of the environment I walk through and my vision though limited has no sharp or definite boundary”.

⁶³ “ecological theory, environmentalism, conceptions of nature and their depictions, the human/nature dichotomy and related concerns”.

escritores, no sentido de que a literatura que examina conteúdos ambientais proliferasse na cultura popular e na literatura moderna.

A área de domínio da ecocrítica é a ecologia. Esta palavra foi usada pela primeira vez por Ernest Haeckel, em 1869, para descrevê-la como o estudo científico das relações entre os organismos e o seu ambiente. Quanto ao uso de conceitos ecológicos, no ambiente literário, Glotfelty esclarece:

Simplificando, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na terra (GLOTFELTY, FROMM, 1996, p. xviii)⁶⁴.

Essa ciência se ocupou dos estudos literários e culturais, ao lado de outras ciências que tratavam do debate sobre o meio ambiente, em seus respectivos domínios. Dentro da perspectiva cultural, a ecocrítica se encarrega dos assuntos da natureza e do mundo exterior, assumindo uma linha mais comprometida com o meio ambiente, por meio de uma visão ecocêntrica no texto literário. Ela explica como as comunidades culturais se relacionam com a natureza, analisando como o meio ambiente participa do desenvolvimento das sociedades, observando qual o significado cultural que o mundo natural tem em um dado momento histórico.

Em *DS*, o autor aborda o significado da natureza e de estar na natureza, a partir de como o Serviço de Parques adaptou os parques públicos de Utah, em especial o *Arches National Monument*, a fim de receber os turistas que procuravam lazer ao ar livre. Havia um público que ainda escolhia os parques para fazer turismo ecológico, acampar, fazer trilhas a pé, mas a grande quantidade de turistas que marcava as temporadas interagiu com a natureza, de forma a subordiná-la às modernidades e tecnologias que lhes traziam maior comodidade:

Foto 3- Hotel Amangiri fonte: <https://www.visaluxuryhotelcollection.com.br/hotel-detail/amangiri>, Acesso em 12/01/2020.

⁶⁴ “Simply put, ecocriticism is the study of the relationship between literature and the physical environment. Just as feminist criticism examines language and literature from a gender-conscious perspective, and Marxist criticism brings an awareness of modes of production and economic class to its reading of texts, ecocriticism takes an earth-centered approach to literary studies”.



Foto 4 – Courthouse Tower – Arches National Park, Moab, Utah – USA. Fonte – <<https://fineartamerica.com>>. Acesso em: 23 de Abr./2019.



É essa relação que vai se delineando conforme a mudança de comportamento que Abbey e a ecocrítica vão apresentar e analisar, sob o ponto de vista filosófico e teórico, como é o presente e qual será o futuro dessa interação homem/natureza.

Conforme Barry,

[p]ara a ecocrítica, a natureza realmente existe, além de nós mesmos, sem a necessidade de ser criticada como um conceito por enclausuramento entre aspas, mas na verdade, ela é presente como uma entidade que nos afeta, e que podemos afetar, talvez fatalmente, se a maltratarmos. A natureza, portanto, não é redutível a um conceito que concebemos como parte de nossa prática cultural (BARRY, 2002, p. 163)⁶⁵.

É esse significado real da natureza para uma comunidade cultural que o texto literário ecocrítico vai tratar, registrando as transformações da interação humano/meio ambiente e seus elementos componentes, por meio do processo natureza/arte. Em *DS*, o autor trouxe para a práxis esse processo de interação que pode “afetar fatalmente” a natureza, caso a humanidade não mude a forma predatória de se relacionar com o mundo natural:

A maioria dos leitores, embora geralmente simpatize com esse último ponto de vista (ser responsável do serviço de parques preservar o pouco do deserto que ainda resta), sentirá, assim como os administradores do Serviço Nacional de Parques, que, embora o deserto seja uma coisa boa, certos compromissos e ajustes são necessários para atender à demanda sempre crescente de atividades de lazer ao ar livre. É precisamente este assunto que gostaria de examinar agora. [...] O primeiro problema que aparece quando entramos nesse assunto, o mais importante e talvez o único, é a chamado *acessibilidade*. Os desenvolvedores insistem que os parques devem ser totalmente acessíveis não apenas às pessoas, mas também às suas máquinas, ou seja, automóveis, lanchas etc. Os preservadores argumentam, pelo menos em princípio, que a natureza e os motores são incompatíveis e que a primeira pode ser melhor experimentada e apreciada quando as máquinas são deixadas para trás, no lugar que as pertence – nas autoestradas e nos estacionamentos, nas represas e nas marinas (ABBEY, s/d, p. 58-59, grifo do autor)⁶⁶.

A introdução da tecnologia na rotina do homem trouxe comodidade, conforto, praticidade, mas jogou luz ao fato de que o desenvolvimento econômico e social

⁶⁵ “For the ecocritic, nature really exists, out there beyond ourselves, not needing to be ironised as a concept by enclosure within knowing inverted commas, but actually present as an entity which affects us, and which we can affect, perhaps fatally, if we mistreat it. Nature, then, isn't reducible to a concept which we conceive as part of our cultural practice”.

⁶⁶ “Most readers, while generally sympathetic to this latter point of view, will feel, as do the administrators of the National Park Service, that although wilderness is a fine thing certain compromises and adjustments are necessary in order to meet the ever-expanding demand for outdoor recreation. It is precisely this question which I would like to examine now. [...] The first issue that appears when we get into this matter, the most important issue and perhaps the only issue, is the one called *accessibility*. The Developers insist that the parks must be made fully accessible not only to people but also to their machines, that is, to automobiles, motorboats etc. The Preservers argue, in principle at least, that wilderness and motors are incompatible and that the former can best be experienced understood, and enjoyed when the machines are left behind where they belong – on the superhighways and in the parking lots, on the reservoirs and in the marinas”.

garantiu à humanidade, numa relação de poder, a tradição segunda a qual o homem civilizado estava acima da natureza.

A observação de Abbey, quanto à não utilização de motorizados no espaço dos parques, talvez seja a maior proposta em *DS*, em virtude de o autor reiterar seu ponto de vista sobre o tráfego de automóveis não só interromper o silêncio e a harmonia do deserto, mas também pôr em risco a vida de animais endêmicos e destruir as edificações e moradias rochosas existentes na região de Utah. A literatura ambiental, pelo viés da ecocrítica, vai tentar difundir a percepção da necessidade de haver uma interação compatível entre as partes.

Por meio de um discurso teórico, a ecocrítica objetiva fazer as interconexões entre a literatura e a terra, negociando a relação entre o humano e o não humano. Conforme Glotfelty e Fromm,

[a] ecocrítica pode ser ainda mais caracterizada por distingui-la de outras abordagens críticas. A teoria literária, em geral, examina as relações entre escritores, textos e o mundo. Na maioria das teorias literárias, "o mundo" é sinônimo de sociedade – a esfera social. A ecocrítica expande a noção de "mundo" para incluir toda a ecossfera. Se concordarmos com a primeira lei ecológica de Barry Commoner, "Tudo está ligado a todo o resto", devemos concluir que a literatura não flutua acima do mundo material em algum éter estético, mas, sim, desempenha um papel em um sistema global imensamente complexo, em que energia, matéria e ideias interagem (GLOTFELTY, FROMM, 1996, p.xix)⁶⁷.

Conforme a passagem, a especificidade da ecocrítica está no fato de ela se dedicar à análise crítico-literária de um universo que abrange não só o espectro social, mas também o conjunto de ecossistemas do planeta, estabelecendo um diálogo interdisciplinar da interação desses elementos: homem, cultura e ecologia. O discurso estabelecido por esse viés literário tem o compromisso, sobretudo pela postura ética, de trazer o mundo natural para a discussão principal.

Nesse sentido, a natureza deixa de ser um elemento temático e passa a figurar como a ideia comprometida a provocar mudanças históricas e ideológicas de função ecológica, seja regenerativa, conservacionista, revitalizante, entre outros, a partir de

⁶⁷ "Ecocriticism can be further characterized by distinguishing it from other critical approaches. Literary theory, in general, examines the relations between writers, texts, and the world. In most literary theory "the world" is synonymous with society – the social sphere. Ecocriticism expands the notion of "the world" to include the entire ecosphere. If we agree with Barry Commoner's first law of ecology, "Everything is connected to everything else", we must conclude that literature does not float above the material world in some aesthetic ether, but, rather, plays a part in an immensely complex global system, in which energy, matter, and ideas interact".

comportamentos culturais adotados pela sociedade. A literatura não está desvinculada dos acontecimentos atuais e significativos, ela carrega a sua parcela de responsabilidade de problematizar padrões político-histórico-culturais, propor debates e soluções. Edward Abbey era consciente do seu dever, enquanto escritor, crítico, romancista, ensaísta, de fazer literatura que servisse ao debate de matérias ambientais:

Suponhamos se proibíssemos barcos a motor e permitíssemos apenas canoas e barcos a remo; veríamos imediatamente que o lago pareceria dez ou talvez cem vezes maior. O mesmo se aplica, em um grau ainda maior, ao automóvel. Distância e espaço são funções de velocidade e tempo. Sem gastar um único dólar do Tesouro dos Estados Unidos, poderíamos, se quiséssemos, multiplicar a área de nossos parques nacionais em dez ou cem vezes – simplesmente proibindo o automóvel particular. A próxima geração, todos os 250 milhões deles, agradecer-nos-iam (ABBEY, s/d, p. 69)⁶⁸.

DS problematizou a gestão dos parques nacionais e, sobretudo, colocou o espaço da natureza como questão central, para que se pensasse na interação positiva do homem com o mundo natural. Ele propôs usufruir do espaço sem alterar seu *status quo*.

A natureza é assunto para a literatura desde Horácio, normalmente, associada ao idílio e ao hedonismo. Séculos depois (a partir de 1960), ela surge no texto literário com um tratamento direcionado à problemática da preservação ambiental, relacionada à desordem provocada pela negligência do homem, que promoveu a sua exploração de forma excessiva e destrutiva. Nesse sentido, justifica-se a ecologia ser debatida no texto literário e nas várias áreas do conhecimento. A consciência de que as ações humanas estão excedendo o limite, quanto ao meio ambiente, está sendo motivada a partir desses debates promovidos pela ciência, dentro de suas áreas afins. A competência que cabe aos estudos literários, no sentido de contribuir para a restauração ambiental, é trabalhar a consciência de que nós mesmos somos partes do problema. As nossas ações impactam a natureza, os problemas ambientais são subprodutos da nossa cultura. Conforme Donald Worster,

⁶⁸ “Suppose we banned motorboats and allowed only canoes and rowboats; we would see at once that the lake seemed ten or perhaps a hundred times bigger. The same thing holds true, to an even greater degree, for the automobile. Distance and space are functions of speed and time. Without expending a single dollar from the United States Treasury we could, if we wanted to, multiply the area of our national parks tenfold or a hundredfold - simply by banning the private automobile. The next generation, all 250 million of them would be grateful to us”.

[e]stamos enfrentando uma crise global hoje, não em função de como os ecossistemas funcionam, mas devido a como nossos sistemas éticos funcionam. Ultrapassar a crise exige compreender nosso impacto sobre a natureza da maneira mais precisa possível, mas é necessário, ainda mais, compreender esses sistemas éticos e usar esse entendimento para transformá-los. Os historiadores, juntamente com especialistas em literatura, antropólogos e filósofos, não podem fazer a mudança, é claro, mas podem ajudar no entendimento (apud GLOTFELTY, FROMM, 1996, p. xxi)⁶⁹.

Especialistas em literatura colaboram com o pensamento ambiental focalizando nos temas: valor, significado, linguagem, costume, opinião, disseminando o pensamento crítico ecológico. Como essa crise ambiental se instalou devido à forma compartimentada de pensar o mundo, os estudiosos das humanidades empenham-se em se especializar nas ciências e aplicar abordagens interdisciplinares.

A descrição da ecocrítica, nos Estados Unidos, pode ser realizada a partir de três fases. A primeira é a representação da natureza na literatura, ou seja, os elementos do ecossistema presentes como temas e não como objetos ilustrativos do espaço. Em *DS*, o autor elabora narrativas filosóficas e epistemológicas acerca da existência ou importância dos elementos espaciais:

A serpente do Pacífico, *Drymarchon corais couperi*, ou cobra-boi, tem a reputação de inimiga das cascavéis, destruindo-as ou afastando-as sempre que encontradas. Na esperança de domesticar esse réptil elegante, bonito e dócil, eu o solto dentro do trailer e o mantenho lá por vários dias. Devo tentar alimentá-lo? Eu decido contra – deixe-o comer os ratos. A pouca água que ele precisar também pode ser extraída da carne de sua presa (ABBAY, s/d, p. 22-23)⁷⁰.

O autor argumenta sobre tentar se relacionar com os componentes do deserto naturalmente. Ele manteve uma cobra no seu trailer e dentro de sua camisa, por semanas, a fim de domesticar o réptil. Nessa passagem, percebem-se as informações da história natural e as reflexões do autor sobre não eliminar um animal endêmico pelo fato de se pensar que ele é venenoso ou perigoso. Aquele ser também faz parte da natureza, dessa forma, precisa ser preservado.

⁶⁹ “We are facing a global crisis today, not because of how ecosystems function but rather because of how our ethical systems function. Getting through the crisis requires understanding our impact on nature as precisely as possible, but even more, it requires understanding those ethical systems and using that understanding to reform them. Historians, along with literary scholars, anthropologists, and philosophers, cannot do the reforming, of course, but they can help with the understanding.

⁷⁰ “The gopher snake, *Drymarchon couperi*, or bull snake, has a reputation as the enemy of rattlesnakes, destroying or driving them away whenever encountered. Hoping to domesticate this sleek, handsome and docile reptile, I release him inside the trailerhouse and keep him there for several days. Should I attempt to feed him? I decide against it – let him eat mice. Shat little water he may need can also be extract from the flesh of his prey”.

A segunda fase é redescobrir, recuperar a literatura ecológica, da escrita da natureza, uma tradição dedicada a evidenciar o mundo natural, que foi negligenciada, até então. Esse gênero surgiu na Inglaterra com *A Natural History of Selbourne* (1789), de Gilbert White, e se estendeu para os Estados Unidos através, principalmente, de Henry Thoreau, John Burroughs, Aldo Leopold, Rachel Carson, Edward Abbey. Conforme Glotfely e Fromm,

[a] Escrita da Natureza possui um passado rico, um presente vibrante e um futuro promissor, e os ecocríticos se baseiam em qualquer número de teorias críticas existentes – psicanalítica, nova crítica, feminista, bakhtiniana, desconstrutiva – no interesse de entender e promover essa matéria da literatura. Como evidência de que a escrita da natureza está ganhando espaço no mercado literário, testemunhe o número impressionante de antologias que foram publicadas para ajudar a valorizar o mundo natural (1996, p. xxiii)⁷¹.

A escrita da natureza é um gênero da literatura ambiental estadunidense, que ganhou expressão no trabalho de Henry David Thoreau, com *Walden*, no século XIX, mas havia declinado até meados do século XX. Esse gênero (que será retomado adiante) aborda, filosoficamente, a relação do homem com a natureza. São perceptíveis as características das fases em *Walden* e *DS*, especificamente, neste, por trazer o seu projeto delineado de acordo com as premissas desse gênero. Abbey foi meticuloso ao narrar as suas experiências no deserto:

Encontrar Deus ou Medusa cara a cara, mesmo que isso signifique arriscar tudo que é humano em mim. Sonho com um misticismo duro e brutal no qual o eu nu se funde com um mundo não humano e, de alguma forma, sobreviva ainda intacto, individual, separado. Paradoxo e fundamento (ABBAY, s/d, p. 7)⁷².

A terceira fase descreve o papel de examinar a “construção simbólica das espécies”. O trabalho, nessa etapa, é responder como o discurso literário definiu o humano e questionar os dualismos hegemônicos no pensamento ocidental, como por exemplo, o dualismo que separa a mente do corpo. Existe, ainda, um projeto para

⁷¹ “Nature Writing boasts a rich past, a vibrant present, and a promising future, and ecocritics draw from any number of existing critical theories – psychoanalytic, new critical, feminist, Bakhtinian, deconstructive – in the interests of understanding and promoting this body of literature. As evidence that nature writing is gaining ground in the literary marketplace, witness the staggering number of anthologies that have been published in role in teaching us to value the natural world”.

⁷² “To meet God or Medusa face to face, even if it means risking everything human in myself. I dream of a hard and brutal mysticism in which the naked self merges with a non-human world and yet somehow survives still intact, individual, separate. Paradox and bedrock”.

produzir poesia ecológica com impacto na sociedade. Integrada a esse trabalho está a ecologia profunda (a filosofia) exercendo sua crítica radical ao antropocentrismo e suas implicações para os estudos literários (GLOTFELTY, FROMM, 1996, p. xxiv).

Embora a ecocrítica seja um campo de estudo recente, observações sobre a relação homem e natureza já foram dispostas, anteriormente, pelo poeta Henry David Thoreau (1817-1862), em *Walden ou Vida nos bosques* (1854), supracitado.

As contribuições de Thoreau geraram um espaço profícuo da escrita da natureza e influenciaram toda uma geração de ambientalistas do século XX, inclusive Edward Abbey, cujo ativismo foi uma característica de destaque. Ambos os autores se afastaram da vida citadina para se dedicar a um projeto de integração com a natureza e estar em contato com a sua essência. *Walden* e *DS* têm um traço em comum, que é mostrar o refúgio de seus autores, na natureza, para viver plenamente, longe da industrialização e do aparato cultural, respectivamente, conforme se justifica Thoreau:

Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido. Não queria viver o que não era vida, tão caro é viver; e tampouco queria praticar a resignação, a menos que fosse absolutamente necessário (2019, p. 95).

Thoreau e Abbey eram críticos da sociedade e de seus governos. Este lutou contra as forças burocráticas e industriais que ameaçavam o *wilderness* e falou pela natureza, lugar onde a sociedade podia se refugiar da crescente dependência tecnológica. Já Thoreau defendia a resistência à escravidão do capitalismo, também se refugiando na natureza, para viver uma vida simples, em integração com os demais elementos espaciais.

Sobre os livros de Abbey, segundo Paul Bryant, *DS* é o pilar do seu ativismo: “[e]m termos de ‘ecovisão’ do Abbey, Scheese conclui que ‘a filosofia de Abbey não é tão refinada quanto meramente repetida em trabalhos subsequentes’, dessa forma, *Desert Solitaire* permanece como uma declaração precisa dos seus pontos de vista” (BRYANT, 1993, p. 17-18)⁷³. Por se tratar de um livro que discute a vida do deserto, da natureza, sob a perspectiva literária, o texto de Abbey pode ser analisado pelo viés da ecocrítica.

⁷³ In terms of Abbey’s “ecovision,” Scheese concludes that Abbey’s “philosophy is not so much refined as merely repeated in subsequent works, and so *Desert Solitaire* stands as an accurate statement of his views”.

Em *DS*, o contato de Abbey com o espaço natural ilustra a afirmação de Sigmund Freud (1969), em *O mal-estar na civilização*, sobre a necessidade do homem de estar perto da natureza, restaurando as energias e reequilibrando as emoções, muitas vezes, frustradas pela vida agitada das cidades. Ao observar o mal que aniquila a sociedade, Freud reconhece que o que chamamos de civilização “é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas” (1969, p. 93). Essa condição de retorno ao primitivo é perceptível quando Abbey afirma estar mais intimamente conectado com o deserto, fortalecendo o sentimento de pertencimento àquele espaço natural:

Parado ali, boquiaberto com esse espetáculo monstruoso e selvagem de rochas, nuvens, céu e espaço, sinto uma ganância e uma possessividade ridícula tomar conta de mim. Eu quero conhecer tudo, possuir tudo, abraçar toda a cena intimamente, profundamente, totalmente, como um homem deseja uma linda mulher (ABBEY, s/d, p. 6)⁷⁴.

Esse sentimento foi se fortalecendo na medida em que a temporada no *Arches National Monument* foi se estendendo. Abbey tinha por companhia as esculturas rochosas em forma de elefantes, dinossauros, os animais endêmicos como os bassariscos e as corujas-gatos, além dos ratos do trailer, o vasto deserto e o céu. Nos demais dias, enquanto não chegava a temporada de visita ao parque, ele vivia seus momentos de contemplação da natureza, de valorização da vida bucólica, em completo estado de prazer idílico, sensação esta que pode levar o homem à remição. Não havia nele a impressão de solidão: “Eu estou a vinte milhas ou mais do humano mais próximo, porém, em vez de solidão, sinto encanto. Encanto e uma exultação silenciosa” (ABBEY, s/d, p. 16)⁷⁵.

Raymond Williams (2011), em *O campo e a cidade na história e na literatura*, explica que a vida rural fez parte da longa história das comunidades humanas e essa relação do homem com a terra é natural, já que é dela que ele tira o seu sustento e mantém suas realizações. Williams alude para o fato de que a vida na cidade é o símbolo de realização, de comunicação, mas também de tumulto, de ambição e que

⁷⁴ “Standing there, gaping at this monstrous and inhuman spectacle of rock and cloud and sky and space, I feel a ridiculous greed and possessiveness come over me. I want to know it all, possess it all, embrace the entire scene intimately, deeply, totally, as a man desires a beautiful woman”.

⁷⁵ “I am twenty miles or more from the nearest fellow human, but instead of loneliness I feel loveliness. Loveliness and a quiet exultation”.

“[o] campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – paz, inocência e virtudes simples” (2011, p. 11).

Em *DS*, o autor propõe sentir a natureza com o mínimo ou sem interferência de qualquer tipo de invenção tecnológica para não desvirtuar a essência da natureza selvagem, o *wilderness*. Embora ele considerasse algumas conveniências indispensáveis como o fogão a gás, o aquecedor de água, a pia com água corrente, ele também evitava, tanto quanto possível, as tecnologias valorizando a oportunidade de apreciar melhor o ambiente natural. Abbey possuía lanterna, mas a usava apenas quando ouvia algum barulho ameaçador, posto que a luz artificial “tende a separar um homem do mundo ao seu redor” (ABBEY, s/d, p. 15)⁷⁶. A tranquilidade do deserto e a companhia dos animais, dos arcos rochosos e do silêncio garantiam a Abbey o acolhimento que o mundo natural, sem interferência de máquinas, podia lhe oferecer: “posso ouvir apenas o crepitar do meu fogo, um sopro de vento” (ABBEY, s/d, p. 14)⁷⁷.

O autor considera possível uma relação harmônica entre o homem e a natureza. O problema surge quando essa presença humana simboliza o desenvolvimento, que ameaça a existência não violada desse espaço em favor da indústria do turismo. O homem educado sob a ótica do mercado se empenhará em executar a evolução do desenvolvimento econômico e quanto maior o progresso, mais lucros serão gerados: “quando esta estrada for construída, vocês (os funcionários do parque) receberão dez, vinte, trinta vezes mais turistas aqui do que agora” (ABBEY, s/d, p. 54)⁷⁸.

O Serviço de Parques, em um congresso, em 1916 (ABBEY, s/d, p. 59), instituiu que os parques fossem preservados e permanecessem inalterados para a diversão das futuras gerações: Essas palavras soam contraditórias (preservação e diversão), a julgar que “preservação” é “conjunto de métodos, procedimentos e políticas que visem a proteção a longo prazo das espécies, habitats e ecossistemas, além da manutenção dos processos ecológicos, prevenindo a simplificação dos sistemas naturais” (BRASIL, 2002); já “diversão” ou “entretenimento” é “qualquer ação, evento ou atividade com o fim de entreter e suscitar o interesse de uma plateia” (FERREIRA, 1986. p. 666). Pode-se concluir que as futuras instalações com tecnologias modernas, o aumento do fluxo de pessoas e o acesso das máquinas motorizadas ao Parque são

⁷⁶ “It tends to separate a man from the world around him”.

⁷⁷ “Can hear only the crackle of my fire, a breath of Wind”.

⁷⁸ “when this road is built you'll get ten, twenty, thirty times as many tourists in here as you get now”.

incompatíveis com a preservação. Ainda que o turista estabeleça um contato com a natureza, a relação do homem com o espaço, ao se praticar o turismo ecológico, não tem como resultado o sentimento topofílico (TUAN, 1980, p. 5). Para que o sentimento de afetividade, de pertencimento aconteça, é necessária uma experiência mais prolongada, ou seja, uma experiência vinculada ao lugar, praticada ao longo do tempo, que se manifesta pela memória. Portanto, o turista não sentiria afeto pelo espaço do deserto como um lugar sagrado, que deveria ser preservado:

O Serviço de Parques, como qualquer outra grande organização, inclui equipes e equipes. Os desenvolvedores, o grupo dominante, colocam sua ênfase nas palavras "*prover o prazer*". Os protetores, uma minoria, mas também forte, enfatizam as palavras "*deixe-as intactas*". É evidente, então, que não podemos decidir a questão do desenvolvimento versus preservação por um simples encaminhamento à escritura sagrada ou uma tentativa de frustrar a intenção dos mentores fundadores; temos que nos decidir e decidir por nós mesmos o que os parques nacionais devem ser e para o que eles devem servir (ABBEY, s / d, p.59, grifos do autor)⁷⁹.

Nos capítulos "Serpents of Paradise" e "Cliffrose and Bayonets" o autor apresenta um detalhado inventário sobre a fauna e a flora com comentários já negativos quanto ao desequilíbrio da biodiversidade, em virtude da ocupação do espaço, mesmo em fluxo ainda inexpressivo de visitantes. As observações ecológicas, botânicas, geológicas acerca da beleza e da depredação são objetos de análise da ecocrítica, pois essas considerações são apontamentos de como conviver com o espaço natural, conservar ou preservar o meio ambiente e elaborar políticas necessárias à manutenção do equilíbrio do planeta. Essa discussão, no campo da literatura, acrescenta informações e conhecimentos para uma melhor prática de convivência com o espaço da natureza e esclarece, também, os problemas e pressões que o ecoativismo e as instituições parceiras, como as ONGs, podem enfrentar, por ação do poder dos investidores:

Por meio do Congresso, a indústria do turismo pode exercer uma pressão incessante sobre um banco emprestador no ramo executivo, como o pobre e velho Serviço de Parques, uma pressão que também é exercida sobre todos os outros níveis possíveis – local, estadual, regional – por meio da publicidade

⁷⁹ "The Park Service, like any other big organization, includes factions and factions. The Developers, the dominant faction, place their emphasis on the words "*provide for the enjoyment*". The Preservers, a minority but also strong, emphasize the words "*leave them unimpaired*". It is apparent, then, that we cannot decide the question of development versus preservation by a simple referral to holy writ or an attempt to guess the intention of the founding fathers; we must make up our own minds and decide for ourselves what the national parks should be and what purpose they should serve (ABBEY, s/d, p.59).

e propaganda e dos hábitos bem estabelecidos de uma nação esbanjadora (ABBEY, s/d, p, 61)⁸⁰.

DS elucida que praticar o ecoativismo e apregoar uma mudança de comportamento, o que vai contra os interesses do capitalismo. É um projeto ousado e desafiador, haja vista que as forças do capital tem sustentáculos nas instituições do poder público e podem tornar inexpressivos ou sem efeitos projetos de educação e conscientização ambiental, o que reforça o debate de preservação no campo das humanidades, principalmente, na literatura, por meio da ecocrítica.

Paul Bryant, um pesquisador da biografia de Edward Abbey, interessado em saber mais sobre a escritura desse livro autobiográfico, reportou que, em entrevista a James Hepworth, da Universidade do Arizona, em 1977, Abbey comentou que a sua intenção era ser apenas um romancista: “eu nunca quis ser um defensor do meio ambiente, um jornalista ambiental. Eu queria ser um escritor de ficção, um romancista. Então eu elaborei *Desert Solitaire* porque era coisa fácil de fazer” (1993, p. 4)⁸¹. Podemos inferir da fala de Abbey que foi fácil escrever esse relato ambientalista (embora ele confesse não ter sido essa a sua motivação principal), por causa da sua experiência pessoal, íntima com o deserto, que não só deu a ele o material de que ele precisava para escrever, como também o espírito de preservacionista que o estimulou a escrever esta importante contribuição para a ecocrítica e para o debate da preservação dos parques nacionais, do deserto e da natureza.

Controversa ou não a intenção de Abbey de se fazer ecoliteratura, dissertarei sobre como esse autor usou as suas experiências na natureza para elaborar o livro mais importante da sua biografia, no que se refere ao fazer literário e a história natural do oeste dos Estados Unidos, delineados por um projeto teórico-científico poeticamente retratado.

⁸⁰ “Through Congress the tourism industry can bring enourmous pressure to bear upon such a lender reed in the executive branch as the poor old Park Service, a pressure which is also exerted on every other possible level – local, state, reginal – and through advertising and the well-established habits of a wasteful nation”.

⁸¹ “I never wanted to be an environmental crusader, an environmental journalist. I wanted to be a fiction writer, a novelist. Then I dashed off that *Desert Solitaire* thing because it was easy to do”.

2 A ORIGEM DE *DESERT SOLITARIE*

DS foi o primeiro trabalho não ficcional de Edward Abbey, reconhecido pela crítica literária como uma produção icônica da escrita da natureza e um dos principais textos escritos sobre o ambientalismo do século XX.

As experiências do autor, como guarda-florestal, no final da década de 1950, no *Arches National Monument*, na região de Moab, estado de Utah, são a base da estrutura narrativa. O texto, escrito em forma de diário, apresenta séries de descrições ornamentais da região do *wilderness*. Essas vinhetas ilustram a existência de todos os elementos espaciais, tais como a fauna, a flora, a geologia, os recursos hídricos, os habitantes humanos da região, o céu, o clima e a poesia entalhada na narrativa da experiência do autor em contato íntimo com a natureza:

Lampejos de corcundas estranhos de rocha clara de ambos os lados, como elefantes petrificados, dinossauros, duendes da idade da pedra. De vez em quando, alguma coisa viva corria pela estrada: canguru, camundongos, um coelho, um animal que parecia um cruzamento entre um guaxinim e um esquilo – o gato rabo-de-rato. Mais adiante, um par de veados partiu do arbusto e se inclinou obliquamente através das luzes dos meus faróis, levantando nuvens de poeira que o vento, movendo-se mais depressa do que a minha picape, pegou e levou adiante de mim, fora de vista, para a escuridão. A estrada, estreita e rochosa, serpenteava acentuadamente para a esquerda e para a direita, entrando e saindo de ravinas apertadas, subindo gradualmente até um cume que eu veria apenas à luz do dia seguinte (ABBEY, s/d, p. 2-3)⁸².

A descrição intensamente adjetivada contribui para a construção das imagens e, conseqüentemente, da cena narrada. Para além do inventário da vida do deserto, a narrativa denunciou a exploração destrutiva nos monumentos nacionais e o aumento desproporcional do turismo na região.

DS alterna uma discussão científica sobre a relação física do homem com o deserto e observações filosóficas dessa relação homem e natureza. Ele apresenta, também, críticas aos hábitos modernos da civilização, à política dos Estados Unidos

⁸² "Glimpses of weird humps of pale rock on either side, like petrified elephants, dinosaurs, stone-age hobgoblins. now and then something alive scurried across the road: kangaroo, mice, a jackrabbit, an animal that looked like a cross between a raccoon and a squirrel – the ringtail cat. Farther on a pair of mule deer started from the brush and bouded obliquely though the beams of my lights, raising puffs of dust which the wind, moving faster than my pickup truck, caught and carried ahead of me out of sight into the dark. The road, narrow and rocky, twisted sharply left and right, dipped in and out of tight ravines, climbing by degrees toward a summit which I would see only in the light of the coming day".

e à depredação do deserto do Oeste dos Estados Unidos⁸³. O livro é dividido em dezoito partes. Do capítulo um ao quatro, a narrativa refere-se à primavera; do capítulo cinco ao quinze, os relatos acontecem no verão e os capítulos dezesseis, dezessete e dezoito ocorrem no outono. Os relatos são feitos em ciclos de dias e estações: primavera, verão e outono, obedecendo ao ciclo da natureza.

A história é um relato unificado, variando apenas no capítulo “Rocks”, cuja narração é feita no passado, destoando dos demais. A sua estrutura é a de um conto que apresenta uma história ouvida, diferentemente, do ponto de vista do livro, que é apresentado de forma testemunhal. É um relato aparentemente ficcionalizado, pelo fato de apresentar cenas dramáticas e minuciosas, o que poderia ser feito apenas por quem a presenciou: “A família Husk entrou em Moab, em um dia quente e escaldante de junho, em uma picape que parecia ter rolado pela encosta de uma montanha e rebocando, sem corrente de segurança, um trailer antigo” (ABBEY, s/d, 83)⁸⁴. Nesse sentido, esse capítulo rompe com a narrativa proposta.

O livro parece um quadro de figuras diferentes, que reúne tempo e lugar (*Arches National Monument*). Embora Abbey percorra outros espaços, ele sempre retorna a esse quadro inicial. A apresentação da história é feita por um ponto de vista particular, que fornece todo o conteúdo da narrativa, com exceção do capítulo “Rocks”. Possui estrutura narrativa básica, que é o ciclo do dia, possibilitando o curso suave de um capítulo para o outro: “Hoje de manhã, acordei antes do amanhecer, enfiei a cabeça para fora do saco, espiei através de uma janela gelada uma cena sombria e vaga com brumas fluindo, formas escuras e fantásticas aparecendo no além” (ABBEY, s/d, p.3)⁸⁵.

Quanto à composição textual, conforme Cahalan (2001, p. xii), Abbey sempre reiterou não ser um “escritor da natureza” e se esforçava em afirmar que era uma

⁸³ Até 1890, a história do Oeste era confundida (ou mesmo considerada) com a história da expansão da América. Em boletim institucional, o superintendente do censo informou o fechamento desse ciclo. O fato de existir “uma área de terra livre, sua recessão contínua e o avanço da colonização americana em direção ao oeste explicam o desenvolvimento americano” (TURNER, Frederick Jacson. “The Problem of the West”, em *The Frontier in American History*, New York: Henry Holt and Company, 1920, p. 205-206). Essas terras livres atraíam milhares de pessoas à região, com o sonho de alcançar a sonhada independência e prosperidade econômica. O processo de expansão regenerou a democracia americana, à medida que os conflitos sociais escoavam para a região da fronteira. Essa região era móvel, devido ao processo de expansão em direção ao Pacífico e compreende os estados do Arizona, Califórnia, Colorado, Idaho, Montana, Novo México, Nevada, Oregon, Utah, Washington e Wyoming.

⁸⁴ “The Husk family rattled into Moab one blazing hot day in June riding in a jeep pickup which looked as if it had been rolled down a mountainside and towing without safety chain an antique housetrailer”.

⁸⁵ “This morning I awake before sunrise, stick my head out of the sack, peer through a frosty window at a scene dim and vague with flowing mists, dark fantastic shapes looming beyond”.

espécie de *cowboy* ou guarda-florestal, que escrevia nas horas livres, de forma bem despretensiosa. Mas, na verdade, ele era meticuloso com a sua produção. Ele revisava muito cuidadosamente os seus textos, o que lhe garantiu, inclusive, premiações: “Não é por acaso que ‘Cactus Ed’ ganhou as bolsas Fullbright e Guggenheim e acabou se tornando professor titular de inglês na Universidade do Arizona”, escreve Cahalan (2001, p. xiii)⁸⁶.

No artigo *The Structure and Unity of Desert Solitaire*, Paul Bryant (1993) reporta que Abbey se empenhava na construção da sua imagem como um escritor simples e descomplicado. Bryant afirma que o leitor cuidadoso percebe que o trabalho de Abbey é surpreendente a cada leitura (o leitor nunca está “pronto”), que as associações de imagens produzem sempre uma leitura inédita e cheia de significados:

Abbey, na verdade, é bastante sofisticado, tanto filosófica quanto artisticamente. Ele ilustra o provérbio latino, “*Ars est celare artem*”, a arte está em esconder a arte. [...] Entre outras coisas, ele está explorando a sua e a nossa relação com a sociedade e com a natureza, e está fazendo isso de maneiras sutis e complexas. Ele também é um artista habilidoso criando, dentro de uma tradição literária da qual ele é bastante consciente, trabalhos bem estruturados nos quais um pouco de sua arte reside em escondê-la (BRYANT, 1993, p. 3)⁸⁷.

O rigor formal na elaboração textual e o tratamento poético e filosófico conferidos ao texto tornaram o autor e a sua escrita consagrados pela crítica. Em artigo publicado no *The New York Time*, em 1968, sobre *Desert Solitaire*, Edwin Way Teale escreveu a seguinte nota: “seu livro é apaixonadamente sentido e profundamente poético. Tem filosofia. Tem humor. Tem a sua quota de aventuras arrepiantes... escrito em prosa despojada e linear, num estilo de vigor e beleza muito raros”⁸⁸. Abbey aproveitou aquilo que lhe era muito peculiar: a percepção da existência das coisas e explorava essa percepção de forma filosófica, meticulosamente registrada nos seus textos. Embora negasse conhecer a realidade das coisas, ele a revelava naturalmente na prática com a linguagem: “Aqui devo confessar que não sei

⁸⁶ “It is no accident that “Cactus Ed” won Fullbright and Guggenheim fellowships and eventually became a full professor of English at the University of Arizona”

⁸⁷ “Abbey in fact is quite sophisticated, both philosophically and artistically. He illustrates the Latin proverb, “*Ars est celare artem*,” art lies in concealing art. [...] Among other things, he is exploring his, and our, relationship with society and with nature, and he’s doing it in subtle and complex ways. He is also a skilled artist creating, within a literary tradition of which he is quite conscious, well structured works in which some of his art lies in concealing his art”.

⁸⁸ “His is a passionately felt, deeply poetic book. It has philosophy. It has humor. It has its share of nerve-tingling adventures... set down in a lean, racing prose, in a close-knit style of power and beauty”.

nada sobre a verdadeira realidade profunda, nunca tendo encontrado nenhuma. Há muitas pessoas que dizem tê-la encontrado, eu sei, mas elas tiveram mais sorte do que eu” (ABBEY, s/d, p. xi)⁸⁹.

Abbey mapeou as paisagens do deserto com sincera descrição, profundo respeito e entusiasmo pela linguagem, ilustrando com beleza, rigor e bondade de espírito o espaço que escolheu para inspirar o seu ativismo ecológico:

O sol ainda não está à vista, mas os sinais do advento são fáceis de se ver. As nuvens de lavanda navegam como uma frota de navios através do amanhecer verde-claro; cada nuvem, aplainada no vento, tem uma base de ouro intenso. A sudeste, a vinte quilômetros da linha de visão, estão os picos da Sierra La Sal, doze a treze mil pés acima do nível do mar, todos cobertos de neve e rosados sob a luz do sol da manhã. O ar está seco e claro, bem como frio; os últimos bancos de neblina que sobraram da tempestade da noite passada estão se afastando como fantasmas, desvanecendo diante do vento e do nascer do sol (ABBEY, s/d, p. 4-5)⁹⁰.

Russell Burrows (2000, p. 284) afirma que “o notável livro de Abbey é raramente estudado no que figura ser um contexto natural: a filosofia”⁹¹. Ele afirma, ainda, que é uma tendência ignorar o considerável *background* de Abbey na filosofia, o que leva esse elemento a ser apenas acessório. Conforme Burrows (2000, p. 284), uma observação técnica do texto evidencia a divisão narrativa de *DS* em duas partes, uma base sistematizada na ontologia (especulação sobre a natureza da existência - capítulos pares): “Eu não estou sozinho, afinal. Três corvos estão rodando perto da rocha equilibrada, gritando um para o outro, ao amanhecer. Tenho certeza de que estão tão encantados com o retorno do sol quanto eu e gostaria de conhecer o seu idioma” (ABBEY, s/d, p. 8)⁹², e outra na epistemologia (especifica as reflexões, as precauções e as experiências, com bases empíricas – capítulos ímpares): “Muito ruim, nem potável nem palatável. Talvez, sugiro, que um homem possa aprender a beber essa água tomando apenas um pouco por dia, gradualmente, aumentando a dose...?”

⁸⁹ “Here I must confess that I know nothing whatever about true underlying reality, having never met any. There are many people who say they have, I know, but they've been luckier than I”.

⁹⁰ “The sun is not yet in sight but signs of the advent are plain to see. Lavender clouds sail like a fleet of ships across the pale green dawn; each cloud, planed flat on the wind, has a base of fiery gold. Southeast, twenty miles by line of sight, stand the peaks of the Sierra La Sal, twelve to thirteen thousand feet above sea level, all covered with snow and rosy in the morning sunlight. The air is dry and clear as well as cold; the last fogbanks left over from last night's storm are scudding away like ghosts, fading into nothing before the wind and the sunrise”.

⁹¹ “Abbey's remarkable book is seldom studied in what would seem a natural context: philosophy”.

⁹² “I am not alone after all. Three ravens are wheeling near the balanced rock, squawking at each other and at the dawn. I'm sure they're as delighted by the return of the sun as I am and I wish I knew the language”.

(ABBEY, s/d, p.12)⁹³. Essas trocas de reflexões dão dinamicidade à narrativa. No meio do livro, Abbey inverte a ordem inicial. Isso marca, também, a metade da temporada no Parque.

DS é um trabalho intenso do ponto de vista da escrita da natureza, um sustentáculo espiritual por tratar do assunto de políticas públicas de preservação ambiental, de forma comovente e suave, em sua totalidade. Foi considerado o livro de Abbey com o maior impacto no que compete à composição e à matéria narrada. Conforme Cahalan,

o único livro que, mais do que qualquer outro, definiu a reputação de Abbey surgiu no início de 1968: *Desert Solitaire*. Este livro seria vital para sua carreira – não apenas porque foi aclamado como o melhor, mas também, porque, como seu primeiro livro de não ficção, estabeleceu firmemente sua personalidade como pensador corajoso e aventureiro independente, mais tarde chamado de "Cactus Ed" (de qualquer forma esse personagem foi, também, tão inventado quanto baseado na realidade) (CAHALAN, 2001, p. 97)⁹⁴.

Cahalan (2001, p. 98) afirma que o lançamento de *DS* não teve repercussão significativa, pois foi ofuscado por alguns eventos à época, como a repercussão das mortes de Martin Luther King e Robert Kennedy, a grande movimentação devido à convenção de Chicago, a aprovação do *National Wild and Scenic Rivers Act*, além da publicação de Paul Ehrlich, *The Population Boom*, que criticava severamente o crescimento excepcional da humanidade. Dois anos depois, o livro conseguiu atrair um número substancial de leitores e a sua publicação resultou em um forte impacto. James Hepworth indagou sobre a possível influência das publicações de Rachel Carson, *Silent Spring* (1962) e *Desert Solitaire* (1968) quanto à aprovação da Lei Nacional de Política Ambiental, pouco tempo depois (CAHALAN, 2001, p. 98).

Na seção, a seguir, apresentarei a narrativa de *DS* e as reflexões e proposições do autor acerca do seu projeto de ecoativismo substancializado pelo discurso literário.

⁹³ "Pretty bad, neither potable nor palatable. Perhaps, I suggest, a man could learn to drink this water by taking only a little each day, gradually, increasing the dosage...?"

⁹⁴ "the one book that, more than any other, defined Abbey's reputation appeared at the beginning of 1968: *Desert Solitaire*. This book would prove vital to his career – not only because it was acclaimed as his best but also because, as his first nonfiction book, it firmly established his persona as a spunky, independent outdoorsman and thinker, later called 'Cactus Ed' (though this character, too, was as much invented as based on reality)".

2.1 A história de *Desert Solitaire*: o diário de bordo como projeto literário, filosófico, cultural, religioso, identitário e ecológico

Abbey esteve no *Arches National Monument* por duas temporadas, em 1956 e 1957. O período compreendia os meses de abril a setembro e o ofício demandava o patrulhamento das trilhas, a recepção a visitantes, a cobrança de taxas de acampamento, a coleta do lixo depositado pelos turistas nas latas espalhadas pelo Parque. Ele vivia em um trailer disponibilizado pelo Serviço de Parques e visitava a cidade de Moab, uma vez por semana, para comprar mantimentos e tomar cerveja.

Durante a permanência no Parque, ele reuniu uma expressiva quantidade de anotações e desenhos do lugar, registrados em um diário e que mais tarde serviram como base para a elaboração do seu primeiro livro não ficcional. Quase uma década depois, após ocupar diferentes postos de trabalho e produzir outros três trabalhos que lhe trouxeram bons resultados, Abbey concentrou-se nas notas do diário. Após editar e revisar, caprichosamente, o autor publicou *DS*:

Cerca de dez anos atrás, consegui um emprego como guarda-florestal sazonal em um lugar chamado *Arches National Monument*, perto da pequena cidade de Moab, no sudeste de Utah. O porquê eu fui até lá não importa mais; o que eu encontrei lá é o assunto deste livro. Meu emprego começou no dia primeiro de abril e terminou no último dia de setembro. Gostei do trabalho e da região do cânion, voltei no ano seguinte para uma segunda temporada. Eu teria retornado o terceiro ano também e a cada ano depois disso, mas infelizmente para mim, os Arcos, um lugar primitivo quando eu estive lá pela primeira vez, desenvolveu-se e melhorou tão excepcionalmente que eu tive que desistir (ABBEY, s/d. p. ix)⁹⁵.

Além das anotações no diário de bordo, Abbey também guardou muitas revistas e almanaques com matérias e fotografias do Parque, que foram utilizadas como fonte de pesquisa na elaboração do livro. Embora tenha desistido de voltar, em 1958, retornou anos mais tarde. Ele apreciou cada temporada que passou naquele lugar, mas a preferência permaneceu pelas duas primeiras, em virtude de o setor do turismo ainda ser tímido, com pouca expressão, e os dias avançarem muito lentamente, semelhantes aos dias da infância:

⁹⁵ “About ten years ago I took a job as a seasonal park ranger in a place called Arches National Monument near the little town of Moab in southeast Utah. Why I went there no longer matters; what I found there is the subject of this book. My job began on the first of April and ended on the last day of September. I liked the work and the canyon country and returned the following year for a second season. I would have returned the third year too and each year thereafter but unfortunately for me the Arches, a primitive place when I first went there, was developed and improved so well that I had to leave”.

Havia tempo suficiente para não fazer nada, ou nada para fazer e a maior parte da essência deste livro é extraída, às vezes direta e inalterada, das páginas das revistas que guardei e que preencheram os dias inteiros e perfeitos daqueles maravilhosos verões. O restante do livro consiste em digressões e excursões em ideias e lugares que fazem fronteira de maneiras variadas em direção à estação central dos desfiladeiros (ABBEY, s/d, ix-x)⁹⁶.

Conforme o autor, *DS* não é um livro essencialmente sobre o deserto, ele depositou as suas impressões ao retratar a cena natural da paisagem⁹⁷ e buscou fazer isso com precisão, captando a poesia que reside nas imagens naturais: “Mas o deserto é um vasto mundo, um mundo oceânico, tão profundo e complexo quanto o mar. A linguagem cria uma rede poderosa para a procura de fatos simples, quando os fatos são infinitos” (ABBEY, s/d, p. x)⁹⁸.

Abbey escreveu sobre o *wilderness* e derramou poesia no que vislumbrou e gravou as suas impressões filosóficas na narrativa: “Eu tentei criar um mundo de palavras em que o deserto atua mais como meio do que material. Não imitação, mas a evocação foi o objetivo” (ABBEY, s/d. p. x)⁹⁹. O significado de “evocação” é relembrar, voltar à memória, portanto, é possível dizer que o intento do autor era provocar os leitores a pensar na natureza regenerada, restaurada, pois é esse o objetivo da ecocrítica, é dialogar problematizando efeitos do impacto das ações do

⁹⁶ “There was time enough for once to do nothing, or next to nothing, and most of the substance of this book is drawn, sometimes direct and unchanged, from the pages of the journals I kept and filled through the undivided, seamless days of those marvelous summers. The remainder of the book consists of digressions and excursions into ideas and places that border in varied ways upon the central season in the canyonlands”.

⁹⁷ Conforme Santos, (1988, p. 21) paisagem é tudo o que a nossa visão alcança, e a sua completude encerram sons, cheiros, volumes, cores etc. A percepção imaginada de paisagem é elaborada a partir do cognitivo de cada pessoa, de sua instrução formal e informal e da apreensão do conhecimento pensado por cada um: “A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; [...] Nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado” (SANTOS, 1988, p. 22). Já Simon Schama, em *Paisagem e memória* explica que paisagem é um conjunto de informações que o sujeito acumula a partir das suas experiências na natureza. O homem constrói conceitos a partir da sua relação com o meio ambiente e relaciona todos os elementos em uma gama harmoniosa ou bestial. Essa concepção de paisagem é construída a partir da percepção de cada pessoa: “E se a visão que uma criança tem da natureza pode comportar lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é a moldura através da qual nossos olhos adultos contemplam a paisagem. Pois, conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas” (SCHAMA, 1996, p. 16-17).

⁹⁸ “But the desert is a vast world, an oceanic world, as deep in its way and complex and various as the sea. Language makes a mighty loose net with which to go fishing for simple facts, when facts are infinite”.

⁹⁹ “I have tried to create a world of words in which the desert figures more as medium than as material. Not imitation but evocation has been the goal”.

homem no meio ambiente, sugestionando mudanças culturais na interação homem/natureza. É possível dizer que o deserto foi “o meio”, o caminho escolhido por Abbey para fazer ecoar a sua pretensa defesa do mundo natural. O deserto seria, assim, um instrumento usado para disseminar o seu ativismo ambiental:

Se o *Delicate Arch* tem algum significado, eu me aventurarei, no poder do extraordinário e do inesperado, também para fascinar os sentidos e surpreender a mente fora da rotina, para nos levar a uma consciência desperta do maravilhoso – aquilo que é carregado de admiração. Um elemento excêntrico, adorável e fantástico da natureza, como o *Delicate Arch*, tem a curiosa capacidade de nos lembrar – como rocha e luz solar e vento e natureza – que *lá fora* é um mundo diferente, mais antigo, maior e mais profundo que o nosso, um mundo que envolve e sustenta uma tripulação. O choque do real. Por um tempo, somos novamente capazes de ver, como a criança vê, um mundo de maravilhas. Por alguns instantes, descobrimos que nada pode ser dado como certo, pois se esse anel de rocha é maravilhoso, então tudo o que o moldou é maravilhoso, e nossa jornada aqui na Terra, capaz de ver, tocar e ouvir no meio de coisas tangíveis e coisas misteriosas em si mesmas, é a mais estranha e ousada de todas as aventuras (ABBEY, s/d, p. 45, grifo do autor)¹⁰⁰.

Foto 5 - Delicate Arc, Arches National Park, Moab, Utah – USA Fonte – <<https://fineartamerica.com>>. Acesso em: 23 de abr./2019.

¹⁰⁰ “If Delicate Arch has any significance it lies, I will venture, in the power of the odd and unexpected too startle the senses and surprise the mind out of their ruts of habit, to compel us into a reawakened awareness of the wondrous – that which is full of wonder. A weird, lovely, fantastic object out of nature like Delicate Arch has the curious ability to remind us – like rock and sunlight and wind and wilderness – that *out there* is a different world, older and greater and deeper by far than ours, a world which surrounds and sustain a ship. The shock of the real. For a little while we are again able to see, as the child sees, a world of marvels. For a few moments we discover that nothing can be taken for granted, for if this ring of stone is marvelous then all which shaped it is marvelous, and our journey here on earth, able to see and touch and hear in the midst of tangible and mysterious things-in-themselves, is the most strange and daring of all adventure”.



Com o olhar poético e ecológico, o autor descreveu a misteriosa beleza do principal arco do Parque e fez uma deferência à natureza, em sinal de respeito e gratidão a um mundo muito mais antigo e soberano. Pelo uso da linguagem formal e digressões sobre os elementos do *wilderness* e os sentimentos vividos naquele espaço, Abbey inaugurou em *DS* o seu trabalho mais expressivo, também, do ponto de vista literário, pois esse autor depositou, nesse livro, as suas impressões íntimas sobre os elementos da natureza e a sua integração com o homem. Usando uma linguagem sofisticada e por muitas vezes científica, tratou das descrições dos eventos naturais, paisagem e ações com leveza singular no uso dos adjetivos e substantivos, com fluidez e harmonia. O resultado é um texto fluente com beleza poética, apesar de o livro trazer uma narrativa engajada na causa da preservação ambiental.

Com linguagem formal, mas ao mesmo tempo clara, a natureza é retratada como uma porção que sustenta a humanidade: “uma parte necessária da civilização” (ABBEY, s/d, p. 58)¹⁰¹. O autor joga luz à importância dos elementos da natureza a

¹⁰¹ “a necessary part of civilization”.

sua relevância na garantia da existência dos seres que habitam o planeta, além de relatar a estética surpreendente da natureza, despertando o encantamento e interesse pela beleza e importância do mundo natural.

Abbey aconselhava que as pessoas praticassem o turismo ecológico, para que pudessem apreciar as maravilhas da natureza e, assim, evitassem depredar o lugar. Essa observação foi pautada em vivências anteriores nas regiões desérticas do oeste, em que a pouca interferência do homem ainda mantinha o deserto em estado de preservação.

O escritor John O'Connor comenta, no artigo *The Balancing Act of Arches*, publicado no *The New York Times*, em 02-07-2018, que fez uma viagem ao *Arches National Park*, para fazer o percurso feito por Edward Abbey, e para tentar ver um pouco daquilo que esse autor retratou em *DS*. Na década de 1950, cerca de cinquenta ou sessenta pessoas, por dia, faziam o trajeto de 6,5 km da estrada até o portão de acesso ao Parque, e muitos desistiam, voltando para a estrada sem mesmo ter se aproximado do lugar. O'Connor afirma que, hoje, aproximadamente 4.000 pessoas visitem o parque ao dia, quando é baixa temporada. Em alta estação, esse número chega a 25.000. Do terraço, de onde Abbey apreciava o pôr do sol e o *Delicate Arch*, O'Connor viu, à distância, torres vermelhas e montes alaranjados. Abaixo dele era possível observar o tráfego intenso de trailers, utilitários e ônibus transitando na estrada recém-asfaltada.

DS mobiliza um grande contingente de turistas a procurar o Parque a fim de constatar o que leram e apreciar o “país do Abbey”. O'Connor comenta que foi até lá por causa da prosa, alegria e petulância desse autor e ficou impressionado quando soube que Abbey considerava o seu “mais famoso e lucrativo trabalho” uma maldição. A fama de *DS* transformou o autor em um “sábio do deserto” e isso atrai milhares de pessoas até o Parque. Esse fato aumentou o número de visitantes naquele e nos anos seguintes: “Inconscientemente, Abbey ajudou a entrincheirar esses desfiladeiros de rocha vermelha no imaginário popular como uma zona proto-hippie da transcendência espiritual, e ele nunca se perdoou totalmente” (O'CONNOR, 2018, p.1)¹⁰². Nas palavras de Charles Bowden, criou-se a “indústria do Dead Ed”, na cidade vizinha, Moab, que sustenta um mercado intenso com base na lenda de Abbey.

¹⁰² “Unwittingly, Abbey helped entrench these red rock canyonlands in the popular imagination as a proto-hippie zone of spiritual transcendence, and he never quite forgave himself”.

Apesar de a fama de *DS* ter potencializado o fluxo de visitação àquele lugar, as descrições do espaço, geralmente relativas à preservação das paisagens, consistiam em advertência sobre a importância de se guardar a diversidade da vida e dos recursos naturais do deserto de Utah. Ainda, as proposições de caráter subjetivo foram desveladas de forma filosófica ao sublinhar o contato íntimo do autor com o espaço insondável do deserto. Durante o período que esteve a serviço da administração dos parques, Abbey alegou que, apesar de considerar o pagamento recebido como generoso, estar em contato íntimo com a natureza lhe conferia maior riqueza:

Os benefícios adicionais são inestimáveis: ar limpo para respirar (após as tempestades de areia da primavera); quietude, solidão e espaço; uma visão desobstruída todos os dias e todas as noites de sol, céu, estrelas, nuvens, montanhas, lua, penhasco e cânions; um senso de tempo suficiente para permitir que o pensamento e o sentimento variem daqui até o fim do mundo e voltem; a descoberta de algo íntimo – embora impossível de citar – no automático (ABBEY, s/d, p. 48)¹⁰³.

A descrição que Abbey fez dos elementos espaciais do deserto e o que este pode oferecer ao homem, como o ar limpo, a quietude que garante a paz com o mundo espiritual, a visão do paraíso na Terra são dimensões de uma experiência cósmica que indicam haver, neste espaço, uma quebra de níveis, passando do espaço natural e físico para o espaço hierofânico e metafísico. Daí Abbey alertar:

Sem carros nos parques nacionais. Deixe as pessoas andarem. Ou andem a cavalo, bicicletas, mulas, porcos selvagens – qualquer coisa – mas mantenham fora os automóveis e as motos e todos os seus similares motorizados. Concordamos em não dirigir nossos automóveis em catedrais, salas de concerto, museus de arte, assembleias legislativas, salas particulares e outros santuários da nossa cultura; devemos tratar nossos parques nacionais com a mesma deferência, pois eles, também, são lugares sagrados (ABBEY, s/d. p. 65)¹⁰⁴.

¹⁰³ “The fringe benefits are priceless: clean air to breathe (after the spring sandstorms); stillness, solitude and space; an unobstructed view every day and every night of sun, sky, stars, clouds, mountains, moon, cliffrock and canyons; a sense of time enough to let thought and feeling range from here to the end of the world and back; the discovery of something intimate – though impossible to name – in the remote”.

¹⁰⁴ “No more cars in national parks. Let the people walk. Or ride horses, bicycles, mules, wild pigs - anything - but keep the automobiles and the motorcycles and all their motorized relatives out. We have agreed not to drive our automobiles into cathedrals, concert halls, art museums, legislative assemblies, private bedrooms and the other sanctums of our culture; we should treat our national parks with the same deference, for them, too, are holy places”.

A ideia de que os parques nacionais devam ser tratados com a mesma deferência que os espaços sagrados convencionais aproxima Abbey do perfil de homem religioso, que estabelece uma relação diferenciada com porções espaciais únicas, conforme Mircea Eliade (1992) explica em “O espaço sagrado e a sacralização do mundo”. O homem religioso cria rotura de níveis, ou seja, estabelece uma heterogeneidade das porções de espaço para que este não represente apenas uma massa amorfa e neutra. Essa heterogeneidade, comenta Mircea Eliade (1992, p. 27), permite a existência de um ponto fixo, o que possibilita a orientação humana na “homogeneidade caótica”, tirando-o de uma possível desorientação espiritual e possibilitando-o um direcionamento em meio ao caos homogêneo.

A ideia do homem religioso não implica somente aquele que está em busca de um suporte metafísico no sentido de ser o encontro com as forças divinas. Eliade (1992) insere no perfil de homem religioso aquele que elege o seu espaço sagrado, que particulariza certas porções espaciais: “Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude”. Na verdade, tanto o homem religioso quanto o profano atribuem valores subjetivos ao espaço ao ponto de serem elevados à categoria do sagrado, que dimensiona tanto a experiência coletiva quanto a individual. Dessa forma, esses locais guardam uma qualidade excepcional e única para o homem não-religioso, pois são também verdadeiros lugares sagrados do seu universo particular, “como se neles um ser não-religioso tivesse tido a revelação de uma *outra* realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana” (1992, p. 28, grifo do autor).

Em suma, o homem cria porções espaciais heterogêneas para que elas sejam diferenciadas de sua pretensa homogeneidade. Além disso, existem certos espaços que ganham valor sagrado para o homem não religioso, como é o caso de Edward Abbey. Para ele, a natureza é o elemento sagrado, pois aproxima o homem do seu estado natural, de sua origem igualitária com os outros seres, o que o posiciona não de uma forma superior aos demais seres vivos, mas em posição igualitária, como um dos membros desgarrados dessa família gerada no seio da Mãe Terra, e essa percepção que ele tem foi motivada por sua experiência no deserto, daí a origem de *DS*. Curiosamente, a porção sagrada do espaço, para Abbey, seria exatamente aquela não espoliada pela presença humana, assim, não seria um lugar sagrado porque o homem o construiu para esse fim, mas porque o homem não lhe alterou o

status, deixando esse lugar livre de sua presença. Por esse motivo, o homem, que é parte da natureza, deve conviver com ela de forma salutar, não alterando-a, mas preservando-a do jeito que ela foi concebida.

A intenção do autor, em professar a relação harmônica do homem com o *wilderness* justifica a forma como ele percebe o espaço do deserto. Entretanto, o autor dimensiona a sua concepção de espaço, o que o diferencia da concepção (se é que posso chamar assim) que um animal tem da mesma porção espacial. Para entender essa dicotomia, recorro à tese de Ernest Cassirer, em *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*, capítulo IV, “O mundo humano do espaço e do tempo”, 2012. Conforme Cassirer (2012), compreender o verdadeiro caráter do espaço e do tempo da cultura humana não é tarefa fácil. Este autor cita o espaço e o tempo orgânicos, ou seja, o ambiente em que um organismo vive e se adapta para sobreviver (o espaço de ação, aquele no qual o homem é superado pela habilidade nata dos animais) e o espaço perceptual, um espaço de natureza complexa que acolhe “diferentes tipos de experiência dos sentidos – óptica, tátil, acústica e cinestésica” (2012, p. 74). Mas o que interessa ao estudo é analisar o espaço simbólico ou abstrato, passível apenas da compreensão humana.

O espaço simbólico ou abstrato foi uma das mais importantes descobertas do pensamento grego. Era consenso entre os filósofos idealistas e materialistas a dificuldade em explicar o seu caráter lógico. Cassirer (2012, p. 77) afirma que, ao se analisar esse espaço, deve-se considerar não a verdade das coisas, mas a verdade das proposições e juízos. Essa afirmação dialoga com o pensamento de Eliade (1992) e o comportamento de Abbey, que tem uma concepção diferenciada sobre o espaço do deserto. Essa compreensão parte da vida e das crenças do indivíduo. Conhecer o espaço praticado vai além de saber manipulá-lo para fins práticos, ou mesmo transitar sobre ele. Representar o espaço requer “ter uma concepção geral do objeto e considerá-lo de diversos ângulos, para podermos encontrar suas relações com outros objetos” (CASSIRER, 2012, p. 80). A experiência do deserto proporcionava uma forma de sinecura, já que atendia a uma necessidade espiritual que Abbey logo percebeu:

eu posso prever voltar aqui temporada após temporada, ano após ano, indefinidamente. E por que não? Que melhor sinecura poderia pedir um homem com pequenas necessidades, desejos infinitos e pretensões

filosóficas? A melhor parte de cada ano no deserto e os invernos em um ambiente igualmente agradável e complementar (ABBEY, s/d, 51)¹⁰⁵.

No início de seu relato autobiográfico, Edward Abbey apresentou os elementos mais atrativos do Parque – os arcos:

O que são os arcos? De onde estou em frente ao trailer, vejo vários dos cem ou mais deles que foram descobertos no parque. Esses são arcos naturais, buracos na rocha, janelas na pedra, não há dois iguais, tão variados na forma quanto na dimensão. Eles variam em tamanho de buracos grandes o suficiente para atravessar as grandes aberturas, o suficiente para conter a cúpula do edifício do Capitólio em Washington, DC. Alguns se parecem com alças ou arcobotantes, outros com pontes naturais, mas com essa distinção técnica: uma ponte natural cobre um curso de água – um arco natural não. Os arcos foram formados por centenas de milhares de anos pelo intemperismo das enormes paredes de arenito, ou pilares, nos quais são sustentados (ABBEY, s/d, p. 5-6)¹⁰⁶.

Os arcos são os elementos que dão nome ao Parque, componentes monumentais e que desafiam a curiosidade do homem quanto à sua formação e resistência. O que os torna tão especiais é a atração que eles provocam e a forma como o contemplador os observa. O espaço, na literatura, não é apenas uma elaboração de um ambiente pelo olhar do observador, mas também o lugar onde as personagens se relacionam, apresentando seus dramas, sentimentos e intenções. Esses elementos tão expressivos e provocadores serviam de imagem inspiradora para o autor em momentos de contemplação da natureza e busca espiritual para as respostas que ele tentou encontrar, quando se integrou à natureza para sentir a sua origem primeira.

Com o olhar de observador, Abbey retratou a paisagem e, pelo encantamento que sentia, expressou pelo uso de linguagem, invariavelmente, adjetivada e vigorosa, as nuances e formas daquele espaço ornamentado pela natureza:

¹⁰⁵ “I can foresee myself returning here for season after season, year after year, indefinitely. And why not? What better sinecure could a man with small needs, infinite desires, and philosophic pretensions ask for? The better part of each year in the wilderness and the winters in some complementary, equally agreeable environment”.

¹⁰⁶ “What are the Arches? From my place in front of the housetrailer I can see several of the hundred or more of them which have been discovered in the park. These are natural arches, holes in the rock, windows in stone, no two alike, as varied in form as in dimension. They range in size from holes just big enough to walk through to openings large enough to contain the dome of the Capitol building in Washington, D.C. Some resemble jug handles or flying buttresses, others natural bridges but with this technical distinction: a natural bridge spans a watercourse - a natural arch does not. The arches were formed through hundreds of thousand of years by the weathering of the huge sandstone walls, or fins, in which they are found”.

De repente, surge a esfera flamejante, ardendo nos pontos mais altos, nas torres e nas rochas equilibradas, nas paredes do desfiladeiro e pelas aberturas nas bases de arenito. Saudamo-nos, eu e o sol, no vazio negro de noventa e três milhões de quilômetros. A neve brilha entre nós, acres de diamantes quase dolorosos de se olhar. Dentro de uma hora, toda a neve exposta à luz do sol desaparecerá e a rocha estará úmida e fumegante. Em questão de minutos, enquanto observo, a neve derretida começa a pingar dos galhos de um junípero próximo; gotas de água escorrem lentamente pela lateral da casa do trailer (ABBEY, s/d, p. 7-8)¹⁰⁷.

A observação do espaço natural é sustentada pelas experiências prévias de Abbey e por todo o sentimento ecológico, que foi evidenciado na discussão anterior. Essas experiências influenciaram de maneira definitiva a sua percepção de paisagem nas seguintes dimensões: na apreensão das sensações provocadas pela vista do lugar, na representatividade, enquanto espaço das relações, no valor dos componentes do deserto e na relevância dele para a manutenção da vida. A emoção experienciada por Abbey, ao visualizar o Parque, pela primeira vez, é de completo assombro pela maravilha do lugar: “De pé ali, boquiaberto com esse espetáculo monstruoso e desumano de rochas e nuvens, céu e espaço, sinto uma ganância e possessividade ridículas tomarem conta de mim” (ABBEY, s/d, p. 6)¹⁰⁸. A linguagem revela encantamento, pois o espaço idílico é poeticamente retratado, e provoca, ainda, reflexões sobre o sentido da existência e a valoração de cada ser que compõe a natureza.

Conforme Ralph Waldo Emerson, em *Nature* (2014, p. 2), “[a]s estrelas despertam certa reverência, porque, embora sempre presentes, são inacessíveis; mas todos os objetos naturais causam uma impressão parecida quando a mente está aberta à sua influência”¹⁰⁹. A poesia e a filosofia contidas nas descrições e discussões propostas em *DS* revelam a capacidade do autor de transmitir o encantamento e a curiosidade, nunca esgotados, por meio da linguagem, pois a natureza o influenciara, a exemplo do que afirma Emerson:

¹⁰⁷ “Suddenly it comes, the flaming globe, blazing on the pinnacles and minarets and balanced rocks, on the canyon walls and through the windows in the sandstone fins. We greet each other, sun and I, across the black void of ninety-three million miles. The snow glitters between us, acres of diamonds almost painful to look at. Within an hour all the snow exposed to the sunlight will be gone and the rock will be damp and steaming. Within minutes, even as I watch, melting snow begins to drip from the branches of a juniper nearby; drops of water streak slowly down the side of the trailerhouse”.

¹⁰⁸ “Standing there, gaping at this monstrous and inhuman spectacle of rock and cloud and sky and space, I feel a ridiculous greed and possessiveness come over me”.

¹⁰⁹ “The stars awaken a certain reverence, because though Always present, they are inaccessible; but all natural objects make a kindred impression, when the mind is open to their influence”.

As flores, os animais, as montanhas refletiam a sabedoria de sua melhor hora (do homem sábio), tanto quanto haviam deliciado a simplicidade de sua infância. Quando falamos da natureza dessa maneira, temos um sentido distinto, porém mais poético, na mente. Queremos exprimir a integridade da impressão causada por vários objetos naturais. É isso que distingue a vara de madeira do lenhador, da árvore do poeta (2014, p. 2)¹¹⁰.

Além de o texto de Abbey anunciar os elementos do deserto e os conflitos dos seres humanos com a natureza, com sensibilidade e beleza, a narrativa de *DS* inclui informações sobre geologia, geomorfologia e representações geográficas, recursos hídricos e o profundo respeito pela vida do deserto, com algumas contradições aparentes, como o desprezo pelo gado criado nos desfiladeiros e a morte de um coelho, provocada por ele, que observou ser um experimento: “Bem, eu sou um cientista, não um esportista e temos um experimento importante em andamento aqui, para qual o coelho foi voluntário. Eu recuo e jogo a pedra com a força que tenho na cabeça peluda dele” (ABBEY, s/d, p.41)¹¹¹.

A considerar o avanço do turismo na região, a natureza bela e pouco explorada não resistiria intacta por muito tempo. Um plano diretor de modernização do Parque executaria modificações estruturais para atender às exigências e necessidades de um público diferenciado, que buscava recreação ao ar livre sem abrir mão do conforto. A pavimentação das estradas iria até os arcos, hotéis e acomodações sofisticadas se ergueriam ali, em função do turismo industrial. Essas construções e adaptações sofisticadas poderiam afetar a vida do deserto e transfigurar a paisagem.

Foto 6 - Hotel Amangiri fonte: <http://apartment-19.com/wanderlust-amangiri-utah-2/> Acesso em 12/01/2020.

¹¹⁰ “The flowers, the animals, the mountains, reflected the wisdom of his best hour, as much as they had delighted the simplicity of his childhood. When we speak of nature in this manner, we have a distinct but most poetical sense in the mind. We mean the integrity of impression made by manifold natural objects. It is this which distinguishes the stick of timber of the woodcutter, from the tree of the poet”.

¹¹¹ “Well, I’m a scientist not a sportsman and we’ve got an important experiment under way here, for which the rabbit has been volunteered. I rear back and throw the stone with all I’ve got straight at his furry head”.



Abbey não era contra o turismo, mas se opunha à forma como ele estava sendo implantado nos parques nacionais. O turismo ecológico tinha respaldo nas concepções do autor. Essa ideia é, inclusive, tecnicamente proposta em *DS*. Abbey apresentou um projeto de uso responsável do deserto para lazer ao ar livre, norteador como as pessoas poderiam usufruir da natureza, compartilhando o mesmo espaço, com outras formas de vida, de maneira salutar, conforme citado anteriormente. Reiterando que, para o autor, a presença de motorizados é o mal que poderia depredar o deserto, bem como extinguir plantas e animais. O autor sugere, intensamente, que a acessibilidade seja feita de forma primitiva: “Existe algum lugar na terra em que os homens não tenham se mostrado acessíveis pelos meios mais simples – pés, pernas e coração? Mesmo os Monte McKinley e Everest foram superados por homens a pé” (ABBEY, s/d, p. 60)¹¹². Apesar de os turistas industriais serem em grande quantidade, havia, ainda, quando da escrita de *DS*, outra

¹¹² “Is there any spot on earth that men have not proved accessible by the simplest means – feet and legs and heart? Even Mt. McKinley, even Everest, have been surmounted by men on foot”

quantidade de turistas explorando os parques nacionais, dos Estados Unidos, de forma primitiva:

O interior do Grand Canyon, um abismo ferozmente quente e hostil, é visitado a cada verão por milhares e milhares de turistas dos tipos mais banais e nada aventureiros, muitos deles a pé – autopropulsores, por assim dizer – e outros nas costas de mulas. Milhares escalam a cada verão até o cume do Monte Whitney, o ponto mais alto dos quarenta e oito dos Estados Unidos, enquanto multidões de outros andam a pé ou a cavalo pelas cordilheiras das Sieras, das Rockies, das Big Smokies, das Cascades e das montanhas da New England. Ainda, mais centenas e milhares flutuam ou remam a cada ano pelas correntes do rio Salmon, do Snake, do Allagash, do Yampa, do Green, do Rio Grande, do Ozark, do St. Croix e das porções do Colorado que ainda não foram destruídas pelos construtores de barragens. E o mais importante, essas hordas de turistas não motorizados, famintos por provar o difícil, o original e o real, não consistem apenas em pessoas jovens e atléticas, mas também em pessoas idosas, obesas e funcionários de escritórios que não sabem a diferença entre uma mochila simples para uma de camping, e até crianças. A única coisa que todos têm em comum é a recusa em viver sempre como sardinha em lata – eles estão determinados a ficar fora de seus carros por pelo menos algumas semanas por ano (ABBNEY, s/d, 60)¹¹³.

Abbey aponta para essa quantidade expressiva de pessoas que ainda exploram os parques nacionais de forma ecológica, mas questiona, também, que a “outra multidão, os milhões de indolentes nascidos sobre rodas e amamentados a gasolina”¹¹⁴ preferem as acomodações modernas, seguras e confortáveis, oferecidas pelo Serviço de Parques que os tem como consumidores, matéria-prima e vítimas do turismo industrial (ABBNEY, s/d, p. 61). Do ponto de vista da experiência cósmica, o turista motorizado não conseguiria ter a mesma experiência que Abbey tinha, por este ter se relacionado com o deserto da forma mais íntima e primitiva, em contato direto com a terra, com os arcos, com as rochas equilibradas e com tudo aquilo que a natureza oferece. Esses turistas, de dentro de seus automóveis, eram privados da experiência e do espetáculo da vida e da morte, da beleza e do assombro, da aridez

¹¹³ “The interior of the Grand Canyon, a fiercely hot and hostile abyss, is visited each summer by thousands and thousands of tourists of the most banal and unadventurous type, many of them on foot – self-propelled, so to speak – and the others on the backs of mules. Thousands climb each summer to the summit of Mt. Whitney, highest point in the forty-eight United States, while multitudes of others wander on foot or on horseback through the ranges of the Sierras, the Rockies the Big Smokies, the Cascades and the mountains of New England. Still more hundreds and thousands float or paddle each year down the currents of the Salmon, the Snake, the Allagash, the Yampa, the Green, the Rio Grande, the Ozark, the St. Croix and those portions of the Colorado which have not yet been destroyed by the dam builders. And most significant, these hordes of non motorized tourist, hungry for a taste of the difficult, the original, the real, do not consist solely of people young and athletic but also of old folks, fat folk, palefaced office clerks who don't know a rucksack from a haversack, and even children. The one thing they all have in common is the refusal to live always like sardines in a can – they are determined to get outside of their motorcars for at least a few weeks each year”.

¹¹⁴ “other crowd, the indolent millions born on wheels and suckled on gasoline”.

e da abundância e de situações que jamais teriam a chance de sentir, por não renunciarem ao conforto se abstendo do contato íntimo com a natureza.

O turismo industrial é uma empresa recente na história da humanidade, mas o homem sempre explorou os espaços que dominou. Conforme Milton Santos, em *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia* (1988, p. 22), o homem se apropriou dos lugares que povoou, adaptando-se ao meio ambiente, num relacionamento constante e cumulativo, desenvolvendo técnicas e hábitos que lhe viabilizavam desfrutar dos recursos naturais existentes. As mudanças evolutivas da humanidade provocaram grandes transformações no mundo: “A modernização da agricultura, a dispersão industrial introduzem formas novas de organização espacial” (SANTOS, 1988, p. 22).

Apreciar o pôr do sol, admirar a revoada dos pássaros e a dança dos cervos, acender uma fogueira para sentir a fragrância do junípero crepitante representavam para Abbey o deleite que ele buscava longe do caos da vida urbana, uma espécie de “retorno à natureza”. Por consequência, essa realidade defrontava-se com as inquietações do autor quanto ao desenvolvimento destrutivo, à captação excessiva de recursos naturais e à mercantilização das paisagens pelo turismo.

Edward Abbey acreditava que as instalações que havia no Parque desfiguravam a paisagem e impediam as pessoas de experimentar o ambiente não espoliado e sentir, realmente, o deserto. O avanço do “progresso” na região de Utah é uma herança cultural e social, com raízes na “marcha para o desenvolvimento do Oeste”¹¹⁵, iniciada no século XIX. O desenvolvimento do turismo e a procura por recreação ao ar livre estimularam as pessoas a procurar a natureza para fins de lazer. Ir para o campo não significou renunciar o conforto. O propósito era que o Parque tivesse acomodações modernas. Esse novo espaço produzido gerou, também, uma nova paisagem:

O *Arches National Monument* continua nesses tempos, conforme a designação dada pelo Serviço de Parques, como área não desenvolvida embora para mim ela pareça ter desenvolvido de forma bastante adequada. A estrada, ramificando-se, leva a uma curta distância da maioria dos principais arcos, a menos de duas milhas além do final de uma estrada. As estradas não são pavimentadas, é verdade, mas são facilmente transitáveis para qualquer automóvel, exceto durante ou imediatamente após uma tempestade. As trilhas são bem marcadas, fáceis de seguir; você teria que se esforçar para se perder.

¹¹⁵ *Oeste americano*: quatro ensaios da história dos Estados Unidos da América, por Frederick Jackson Turner. (org.) Paulo Knauss. Niterói: EDUFF. 2004. p. 23-54.

Há três pequenos acampamentos, cada um com mesas, lareiras, latas de lixo e sanitários (ABBEY, s/d, p. 10-11)¹¹⁶.

As instalações luxuosamente equipadas atrairiam mais turistas e a pavimentação das estradas até os arcos incentivariam as pessoas a realizar uma aventura motorizada no deserto. Inevitavelmente, o plano diretor foi executado e os arcos dividiram o cenário de espetáculo da natureza com os veículos motorizados variados, os hotéis e restaurantes, os estacionamentos sofisticados, as áreas de descanso etc. – um espaço produzido pelos caprichos da contemporaneidade.

Foto 7 - Hotel Amangiri, 1 Kayenta Road Canyon Point Canyon Point Estados Unidos, fonte: <https://www.travelweekly.com/Travel-News/Hotel-News/Amangiri-adding-luxury-tents> Acesso em 12/01/2020.



¹¹⁶ “Arches National Monument remains at this time what the Park Service calls an undeveloped area, although to me it appears quite adequately developed. The road, branching out, lead to within easy walking distance of most of the principal arches, none more than two miles beyond the end of a road. The roads are not paved, true, but are easily passable to any automobile except during or immediately after a rainstorm. The trails are well marked, easy to follow; you'd have to make an effort to get lost. There are three small campgrounds, each with tables, fireplaces, garbage cans and pit toilets”.

O autor adiantou o projeto inicial do plano diretor: a pavimentação das estradas e a construção de outra que chegasse até os arcos, “[e] quando a estrada seria construída? Ninguém sabia ao certo; talvez em alguns anos, dependendo de quando o Serviço de Parques conseguisse o dinheiro” (ABBEY, s/d, p. 53-54)¹¹⁷. A estrada foi construída gerando um novo lugar:

Enquanto escrevo estas palavras, vários anos depois do pequeno episódio do jipe cinza e dos engenheiros sedentos, tudo o que foi anunciado se concretizou. O *Arches National Monument* foi desenvolvido. O plano diretor foi cumprido. Onde algumas pessoas aventureiras vinham nos finais de semana para acampar por uma ou duas noites e saborear o primitivo e o remoto, agora você vai encontrar fluxos de automóveis exuberantes entrando e saindo, tudo na primavera e no verão, em números que pareceram fantásticos quando trabalhei lá: de 3.000 a 30.000 a 300.000 por ano, a ‘visitação’, como todas elas, tendem sempre a aumentar (ABBEY, s/d, 54-55)¹¹⁸.

Os espaços do deserto foram adaptados aos interesses do turismo industrial e o que Abbey viu na primeira manhã no Parque – o nascer do sol por trás das *hoodoos* (formações rochosas em forma de torres), os arcos e a linha do horizonte esfumada por uma leve nuvem vermelha de poeira – dividiu espaço com as tecnologias modernas. Antes do plano diretor e da modernização do Parque, tudo era calma e harmonia: “Tudo é adorável e selvagem, com uma doçura virginal” (ABBEY, s/d, p. 11)¹¹⁹.

As inovações do Parque atenderam às exigências de um novo perfil de turista, que imaginava o lugar como uma estação de férias. Esses novos “excursionistas” visitavam o deserto em gigantescos ônibus com televisão, reuniam-se em torno de biquetes de carvão, não mais de fogueira, a área de convivência e camping demasiadamente iluminados lembravam um bairro suburbano:

Trailer-casas sofisticados de alumínio acolchoado em gigantescos caminhões de campismo feitos de fibra de vidro e plástico moldado; através de suas janelas, você verá o brilho azul da televisão e ouvirá o riso do estúdio

¹¹⁷ “And when would the road be built? Nobody knew for sure; perhaps in a couple of years, depending on when the Park Service would be able to get the Money”.

¹¹⁸ “As I type these words, several years after the little episode of the gray jeep and the thirsty engineers, all that was foretold has come to pass. Arches National Monument has been developed. The Master Plan has been fulfilled. Where a few adventurous people came on weekends to camp for a night or two and enjoy a taste of the primitive and remote, you will now find serpentine streams of baroque automobiles pouring in and out, all through the spring and summer, in numbers that would have seemed fantastic when I worked there: from 3,000 to 30,000 to 300,000 per year, the “visitation”, as they all it, mounts ever upward”.

¹¹⁹ “Everything is lovely and wild, with a virginal sweetness”.

de Los Angeles; idosos com joelhos nodosos em bermudas xadrez zumbem para cima e para baixo, curiosamente, na estrada de asfalto, sobre motocicletas (ABBEY, s/d, p. 55)¹²⁰.

O camping se transformou em uma cidadela com um fluxo de pessoas transitando em seus veículos motorizados (ônibus, caminhões e trailers). Uma nova paisagem foi produzida pela comercialização da natureza. A estrada construída ligava a rodovia direto ao centro de visitação supervisionado por guardas-florestais designados a responder quinhentas vezes por dia as mesmas perguntas: “(1) Onde é o banheiro? (2) Quanto tempo demora para ver este lugar? (3) Onde está a máquina de Coca-Cola?” (ABBEY, s/d, p. 55)¹²¹.

Na Introdução de *DS*, Abbey anuncia que tentou criar um mundo de palavras no qual o deserto fosse mais o meio do que o material: “Não imitação, mas evocação foi o objetivo” (ABBEY, s/d, p. x)¹²². A evocação pode ser entendida como um resgate do que o Parque fora. É possível dizer que ele sugeriu que o leitor se juntasse à luta pela recuperação da natureza perdida, considerando a sugestão dele sobre o que fazer com *DS*: “Você está segurando uma lápide em suas mãos. Uma rocha sangrenta. Não a deixe sobre o seu pé – atire-a em algo grande e vítreo” (ABBEY, s/d, p. xii)¹²³.

O autor tentou criar um mundo para que a mensagem quanto à preservação do *wilderness*, fosse propagada. Conforme já citado, *DS* é um trabalho icônico da literatura ambiental e um dos textos básicos da escrita literária ambientalista. Essa característica deve-se ao fato de esse projeto ser uma espécie de “manual da escrita da natureza”, por trazer em sua estrutura todos os elementos estéticos desse gênero da literatura estadunidense. Para elucidar por qual motivo *DS* é um trabalho da escrita da natureza, um estudo desse estilo será apresentado a seguir.

2.2 Escrita da Natureza: o gênero que justifica *Desert Solitaire* como literatura ambiental

¹²⁰ “elaborate house trailers of quilted aluminum crowd upon gigantic camper-trucks of Fiberglass and molded plastic; through their windows you will see the blue glow of television and hear the studio laughter of Los Angeles; knobby-kneed oldsters in plaid Bermudas buzz up and down the quaintly curving asphalt road on motorbikes”.

¹²¹ “(1) Where's the john? (2) How long's it take to see this place? (3) Where's the Coke machine?”.

¹²² “Not imitation but evocation has been the goal”.

¹²³ “You're holding a tombstone in your hands. A bloody rock. Don't drop it on your foot - trhow it at someting big and glassy”.

O gênero conhecido como “escrita da natureza” é um texto em prosa ou poesia de ficção ou não ficção a respeito do meio ambiente. Os trabalhos vão desde textos de abordagem elementar da história natural à escrita vigorosamente filosófica. Os temas discorrem sobre a história natural, ensaios da solidão, fuga, relatos de viagem e aventuras. A narrativa se baseia em informações científicas e episódios relacionados ao mundo natural, normalmente escrito em primeira pessoa, agregando pontos de vistas e reflexões filosóficas do autor, como é possível observar nesta indagação a respeito de uma segunda chance para a vida:

Devo dar ao coelho uma chance esportiva, ou seja, pular de novo, tentar acertá-lo em fuga? Ou acertar o cérebro do pequeno bastardo onde ele está? Observe a terminologia. Um esportista é aquele que dá à presa a chance de escapar com vida (ABBEY, s/d, p. 41)¹²⁴.

A escrita da natureza tem suas raízes no século XVIII, com Gilbert White (1720-1793), naturalista e ornitólogo inglês. Tornou-se conhecido pelo livro *Natural History and Antiquities of Selborne* (1789), considerado pioneiro desse gênero, mas a tradição de guias do campo vem dos naturalistas clericais da Idade Média. Os precursores são William Turner (1508-1568), John Ray (1627-1705) e William Derham (1657-1735), mas seus escritos sobre animais e plantas não são considerados, por alguns escritores, como história natural.

No século XX, os principais trabalhos que se inserem nesse gênero são *A Sand County of Almanac* (1949), de Aldo Leopold (1886-1948) e *Desert Solitaire* (1968). Abbey produziu esse trabalho quando florescia o ambientalismo moderno e o movimento da contracultura atingia a plenitude. Ele escreveu sobre o espaço onde mais se sentiu à vontade, pela sensação de completude e liberdade. Segundo entrevista para James Hepworth, da Universidade do Arizona, em 1977, Abbey relatou que escrevia de forma improvisada, de um jeito que ficava adequado, e confessou, também, que nunca quis ser um defensor do meio ambiente, o seu desejo era ser um escritor de ficção, um romancista e *DS* surgiu pela facilidade de escrevê-lo (BRYANT, 1993, p. 4).

¹²⁴ “Should I give the rabbit a sporting chance, that is jump again, try to hit it on the run? Or brain the little bastard where he is? Notice the terminology. A sportman is one who gives his quarry a chance to escape with its life”.

Entretanto, Bryant afirma que Abbey era bem consciente da tradição literária que carregava, que sua escrita sofisticada e bem articulada (mencionada anteriormente) são marcas de um autor que possuía um projeto de escrita e o executava com erudição. Era ciente de que estava produzindo arte e não jornalismo. Portanto, ele tinha um propósito e o alcançou, escrevendo um dos trabalhos mais importantes da escrita da natureza do século XX.

Thomas J. Lyon, em “A Taxonomy of Nature Writing”, capítulo publicado em *Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* (GLOTFELTY, FROMM, 1996, p. 276), explica que a literatura da natureza dos Estados Unidos possui três eixos que se integram com frequência: “a informação da história natural, as respostas pessoais à natureza e a interpretação filosófica da natureza”¹²⁵. A relação desses três elementos possibilita a reunião dos componentes espaciais, à luz da ciência descritivamente apresentados com precisão, em um espaço que as ações acontecem pelo diálogo da personagem, que faz as suas elucubrações ideológicas sobre esse lugar. Apesar de esse primeiro aspecto da literatura da natureza estadunidense parecer apenas informativo, ele pode trazer a intenção literária do autor, no uso da linguagem poética, por exemplo, e os temas podem ser narrados em primeira pessoa, ou podem surgir acontecimentos relacionados a uma terceira pessoa.

DS dispõe de uma narrativa dedicadamente descritiva, posto que o lugar, os elementos espaciais, as ações, as sensações, os sentimentos são apresentados com detalhes significativos que ampliam qualitativamente a compreensão do enredo. Nos dois primeiros capítulos, o autor narrou a sua chegada ao Parque e o processo de adaptação ao lugar e às atividades laborais. Nos dois primeiros capítulos, “The First Morning” e “Solitaire”, foram apresentados o ambiente e a rotina a ser seguida durante a temporada. Abbey descreveu, com precisão nos detalhes, os espaços que ele percorreu e os elementos espaciais, em especial os arcos:

Não são o trabalho de uma mão cósmica, ou esculpida por ventos com areia, como muitas pessoas preferem acreditar, os arcos vieram a existir e continuam a existir através da ação modesta da água da chuva, derretendo a neve, a geada e o gelo, auxiliada pela gravidade. Na cor, eles sombreiam de um tom quase branco para o amarelo-claro, rosa, marrom e vermelho, tons que também mudam com a hora do dia e as disposições da luz, o clima, o céu (ABBEY, s/d, p. 6)¹²⁶.

¹²⁵ “natural history information, personal responses to nature, and philosophical interpretation of nature”.

¹²⁶ “Not the work of a cosmic hand, or sculptured by sand-bearing winds, as many people prefer to believe, the arches came into being and continue to come into being through the modest wedging action of rainwater, melting snow, frost, and ice, aided by gravity. In color they shade from off-white through

Conforme Thomas J. Lyon (apud GLOTFELTY, FROMM, 1996, p. 277), “o principal instrumento da escrita é o de transmitir instruções pontuais nos fatos da natureza”¹²⁷. É possível observar elementos que exemplificam *DS* como um livro da escrita da natureza, como a descrição dos arcos focalizando os detalhes, como formato, tamanho, possível idade, baseando-se em informações científicas e na história natural, mas Abbey se situa como autor da escrita da natureza não só por isso, mas por suas reflexões filosóficas quanto ao tema deserto.

O autor mostrou-se ser alguém que buscava por um lugar em que houvesse correspondência com os seus sentimentos, naquele momento. Ele buscou refúgio na natureza. Os dois primeiros capítulos apresentam o mesmo desejo de encontrar um lugar onde se pudesse desfrutar a tranquilidade, num ambiente solitário, em que o homem pode obter a completude: “Uma suspensão do tempo, um presente contínuo. Se eu olhar para o pequeno dispositivo preso ao meu pulso, os números, mesmo os segundos, parecerão sem sentido, quase ridículos” (ABBEY, s/d, p. 13)¹²⁸. Nesse lugar, o que importa é o tempo cíclico, e a experiência do momento, é viver pelos ciclos da natureza, assim como os animais se comportam, conforme a estação, sem se preocupar com o que poderá vir no futuro.

Outra característica da escrita da natureza é o ensaio da experiência do homem na natureza, que é constituído por “três subtipos muito bem definidos, cada um com um caminho distinto para a reflexão filosófica”¹²⁹, dos quais faz parte o tema da solidão¹³⁰, representado pela passagem acima (GLOTFELTY, FROMM, 1996, p. 279). É possível perceber que a liberdade oferecida pela amplitude do espaço e a fuga do caos urbano sustentaram o sentimento de felicidade do autor em contato com a terra, relativamente livre de humanos para dividir com ele esse espaço:

Mas, por enquanto, pelo menos na minha casa, o ar não é incômodo, e hoje percebo, pela primeira vez, o imenso silêncio no qual estou perdido. Não um silêncio como uma grande quietude – pois há alguns sons: o barulho de um

buff, pink, brown and red, tones which also change with the time of day and the moods of the light, the weather, the sky”.

¹²⁷ “the main burden of writing is to convey pointed instruction in the facts of nature”.

¹²⁸ “A suspension of time, a continuous present. If I look at the small device strapped to my wrist the numbers even the sweeping second hand, seem meaningless, almost ridiculous”.

¹²⁹ “three fairly well-defined subtypes, each with a distinctive avenue for philosophical reflection”.

¹³⁰ “Ensaio de solidão ou fuga da cidade, como seria de esperar, funcionam muito com o contraste entre a existência convencional e a vida mais intensa e mais vigilante em contato com a natureza (GLOTFELTY, FROMM, 1996, p. 279).

pássaro em um junípero, um redemoinho de vento que passa e desaparece como um suspiro, o tique-taque do relógio no meu pulso – barulhos leves que rompem a sensação de silêncio absoluto, mas ao mesmo tempo aumentam meu senso de paz envolvente e esmagadora (ABBEY, s/d, p. 13)¹³¹.

Abbey considerava que a modernidade afastava o homem do seu ambiente natural. Desaprovava as necessidades contemporâneas, como o uso excessivo das tecnologias, aconselhava que as pessoas se livrassem delas e criticava quem era escravo do progresso: “esses nunca descobrirão os tesouros dos parques nacionais” (ABBEY, s/d, p. 64)¹³², ou seja, nunca descobrirão o que poderiam encontrar numa viagem a pé, pelo deserto.

Paradoxalmente, Abbey precisava de algumas tecnologias para viver no deserto, como o gerador de energia e o automóvel. A completa solidão conferiu ao autor uma sensação de paz esmagadora. A vida pode ser percebida em um lugar onde o tempo não tem importância. É possível considerar que isso seja uma crítica ao modelo de vida econômico capitalista, que gira em torno da mercantilização do tempo do homem para gerar riquezas, levando-o a atingir negativamente as fontes de recursos naturais. Consequentemente, o uso do tempo, em razão da produção de riquezas comerciais, não permite que esse homem seja completo. Além disso, o tema da solidão contrasta com a vida habitual, que ficou para trás, e a vida na natureza, que remete a um mundo novo de descoberta.

Segundo Lyon (apud GLOTFELTY; FROMM, 1996, p. 277), se descrições interpretativas da natureza em caráter dominante na narrativa são combinadas em um delineamento literário, que oferecem um enunciado significativo, “então temos as condições básicas para o ensaio da história natural”¹³³. Ainda que Abbey tenha afirmado, em entrevistas, que *DS* é um relato pessoal de suas experiências no deserto, que foi um projeto para expor um momento de sua vida, esse livro faz parte da tradição da escrita da natureza, pois o autor o elaborou de forma convergente com os propósitos dessa tradição:

¹³¹ “But for the time being, around my place at least, the air is untroubled, and I become aware for the first time today of the immense silence in which I am lost. Not a silence so much as a great stillness – for there are a few sounds: the creak of some bird in a juniper tree, an eddy of wind which passes and fades like a sigh, the ticking of the watch on my wrist – slight noises which break the sensation of absolute silence but at the same time exaggerate my sense of the surrounding, overwhelming peace.”

¹³² “they will not discover the treasures of the national parks”.

¹³³ “then we have the basic conditions for the natural history essay”.

A maioria das minhas peregrinações no deserto eu fiz sozinho. Não tanto por escolha, mas por necessidade – geralmente prefiro ir a lugares onde ninguém mais quer ir. Acho que, ao contemplar o mundo natural, meu prazer é maior se não houver muitos outros contemplando-o comigo, ao mesmo tempo (ABBEY, s/d, p. 251)¹³⁴.

A viagem espiritual que Abbey empreendeu pelo deserto deu a ele a oportunidade de sentir a natureza, interpretar filosoficamente o que é viver o essencial e perceber os benefícios da solidão voluntária, que, segundo Anthony Storr, em *Solidão* (s/d), é uma capacidade desenvolvida desde bebê. Conforme esse autor, essa capacidade está intimamente relacionada à habilidade do indivíduo de entrar em contato com os seus sentimentos e manifestá-los: “A capacidade de ficar sozinho passa então a estar ligada à descoberta e à realização de si, à conscientização dos nossos mais profundos sentimentos, impulsos e necessidades” (STORR, s/d, p. 30).

O contato inicial de Abbey com a natureza é a estrutura que guiará a escrita. Ele inicia a narrativa com essas palavras: “Este é o lugar mais bonito da Terra”¹³⁵, mas a cena nítida da paisagem é descrita a partir da quarta página. A descrição da vista é ornamentada, como um observador de arte descreve um quadro ou uma fotografia, influenciado pela natureza:

O sol ainda não está à vista, mas os sinais do advento são fáceis de se ver. As nuvens de lavanda navegam como uma frota de navios através do amanhecer verde-claro; cada nuvem, aplainada no vento, tem uma base de ouro intenso.[...] A vista é aberta e perfeita em todas as direções, exceto a Oeste, onde o solo se eleva e o horizonte fica a apenas algumas centenas de metros de distância. Olhando para as montanhas, posso ver o desfiladeiro escuro do Rio Colorado a cinco ou seis milhas de distância, esculpido na plataforma de arenito, embora nada vejo do próprio rio dentro do desfiladeiro (ABBEY, s/d, p. 4-5)¹³⁶.

As informações da história natural estão presentes em todos os textos da “experiência da natureza”, mas não são elas que conferem a estrutura ao texto. O rigor dessa modalidade é sustentado por três meios diferentes para a reflexão

¹³⁴ “Most of my wandering in the desert i've done alone. Not so much from choice as from necessity – I generally prefer to go into places where no one else wants to go. I find that in contemplating the natural world my pleasure is greater if there are not too many others contemplating it with me, at the same time”.

¹³⁵ “This is the most beautiful place on earth”.

¹³⁶ The sun is not yet in sight but signs of the advent are plain to see. Lavender clouds sail like a fleet of ships across the pale green dawn; each cloud, planed flat on the wind, has a base of fiery gold. [...] The view is open and perfect in all directions except to the west the ground rises and the skyline is only a few hundred yards away. Looking toward the mountains I can see the dark gorge of the Colorado River five or six miles away, carved though the sandstone mesa, though nothing of the river itself down inside the gorge”.

filosófica, como o tema da solidão: “Ensaio de solidão ou fuga da cidade, como era de se esperar, funcionam muito com o contraste entre a existência convencional e uma vida mais intensa e mais dedicada em contato com a natureza” (LYON apud GLOTFELTY; FROMM, 1996, p. 279)¹³⁷. A ênfase do escritor de viagens e aventuras está “na solidão e no deserto”. O tema da solidão é intenso em *DS*, pois Abbey fugiu da “poluição do aparato cultural” para se refugiar no deserto, onde a quietude o abraçou e o acolheu, permitindo que ele percebesse o real sentido da vida, em relação a si mesmo e ao sentido da existência de todas as coisas:

Como um deus, como um ogro? A personificação do natural é exatamente a tendência que desejo suprimir em mim mesmo, de eliminar para sempre. Estou aqui não apenas para fugir por algum tempo do clamor, imundície e confusão do aparato cultural, mas também, para enfrentar, imediata e diretamente, se possível, os ossos da existência, o elementar e o fundamental, a base que nos sustenta (ABBEY, s/d, 7)¹³⁸.

Outro tema da escrita da natureza tratado em *DS*, conforme Lyon (apud GLOTFELTY; FROMM, 1996, p. 279-280), é o arquétipo da partida e do retorno, que possui um significado capital na cultura dos Estados Unidos de que o deserto é um reino à parte para onde o viajante e os aventureiros geralmente vão. Isso dialoga com a história e os significados do *wilderness*, comentados por Roderick Nash (2014), em *Wilderness and the American Mind*. Abbey iniciou a narrativa com sua chegada ao Parque e a finalizou indagando o que mudaria no Parque e em si mesmo, na próxima estação. O livro abre e fecha imagens, inicia-se com sua busca sobre o significado da existência “paradoxo ou fundamento” e se encerra com a descoberta: “Equilíbrio, esse é o segredo. (ABBEY, s/d, 331)¹³⁹. O autor descobriu que deveria aproveitar o que os dois mundos ofereciam para ele: vida.

Conforme observação e análise dos temas abordados pela escrita da natureza, é axiomático que *DS* foi meticulosamente elaborado a fim de contemplar os anseios do autor quanto a defender a preservação dos parques nacionais, bem como colaborar para a literatura ambiental com um projeto denso da proposta que o gênero

¹³⁷ “Essays of solitude or escape from the city, as might be expected, work much with the contrast between conventional existence and the more intense, more wakeful life in contact with nature”.

¹³⁸ Like a god, like an ogre? The personification of the natural is exactly the tendency I wish to suppress in myself, to eliminate for good. I am here not only to evade for a while the clamor and filth and confusion of the cultural apparatus but also to confront, immediately and directly if it's possible, the bare bones of existence, the elemental and fundamental, the bedrock which sustain us”.

¹³⁹ “Balance, that's the secret”.

escrita da natureza acolhe. A análise científica com reflexões filosóficas exposta por Edward Abbey não só esclarece a sua habilidade como escritor da natureza, bem como revela a sua relação topofílica com o *wilderness*, que será discutido no próximo capítulo.

2.3 O sentimento topofílico pelo diálogo com o *wilderness*

Conforme já comentado, em *DS*, o autor narrou um período no qual esteve em contato íntimo com o deserto, em sua geografia, atmosfera, ciclos, ar, ruídos, cheiros e com os animais. Ele pôde sentir esse lugar em seu estado mais preservado, contato este que colaborou para sua posição como autor preservacionista, tornando esse livro um trabalho reconhecidamente necessário à tradição ecocrítica. Conforme Paul Bryant, em *Western American Literature*,

[a]pesar das sugestões de Abbey, conhecidas anteriormente, ele é um escritor de ficção cujas publicações de não ficção são um pouco mais que jornalismo improvisado, o leitor cuidadoso deve finalmente concluir que *Desert Solitaire* é um trabalho unificado e cuidadosamente elaborado, que atrai bastante uma rica tradição literária. Consequentemente, torna-se útil considerar o lugar desse livro na produção artística de Abbey (1993, p. 17)¹⁴⁰.

Abbey concentrou e o seu trabalho na difusão do pensamento de que o homem e a natureza (com os animais) podem conviver no mesmo espaço em harmonia, equilíbrio, aquilo que Desmond Morris (1990, p. 12) sugere ser um contrato animal: “A base desse contrato é que cada espécie deve limitar seu crescimento populacional o suficiente para permitir que outras formas de vida coexistam com ela”. Embora haja competição entre as espécies, ela não é tão implacável como muitas pessoas parecem imaginar, pois há um certo equilíbrio na convivência entre as duas categorias, a humana e a animal.

Um dos elementos que pode influenciar nessa relação e provocar o desequilíbrio é o maquinário que o próprio homem constrói. O idílio interrompido por uma máquina intrusa, que quebra o equilíbrio do homem com a natureza, é um evento recorrente, principalmente nos estudos ecocríticos estadunidenses. Em *DS*, a

¹⁴⁰ “Despite Abbey’s suggestions, noted earlier, that he is a writer of fiction whose “nonfiction” publications are little more than offhand journalism, the careful reader must finally conclude that *Desert Solitaire* is a unified, carefully crafted work that draws quite consciously upon a rich literary tradition. With this established, it becomes useful to consider its place in Abbey’s total artistic production”.

sensação idílica experimentada por Abbey, ao observar um grupo de cervos correndo pelo deserto, é interrompida pelo barulho de um carro que se aproximava: “Foi então que ouvi uma nota dissonante, o ronco de um jipe com tração nas quatro rodas, vindo de uma direção inesperada, da velha trilha dos cavalos que ia de *Balanced Rock* a *Courthouse Wash* e à sede do parque adjacente a Moab” (ABBEY, s/d, p. 52-53)¹⁴¹. O barulho do jipe quebrou o equilíbrio que havia naquela atmosfera natural, interrompendo a consolidação da integração do homem com a natureza.

A suspensão da harmonia pela máquina intrusa frustrou o sonho bucólico do homem, que a partir da observação dos animais na natureza, ou da percepção do silêncio exultante, homenageia os acontecimentos simples da vida fora do mundo urbano, como se referiu Leo Marx (2000, p. 15), em *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*, sobre o escritor em seu retiro verde: “de repente, o grito surpreendente do apito do trem forçando-o a reconhecer a existência de uma realidade alheia ao sonho pastoral”¹⁴². Essa intromissão da máquina na natureza pôde ser observada, antes, pelas mãos de Thoreau, arrebatado pelo devaneio, é acordado pelo apito da locomotiva “penetrando a sua floresta como o grito de um falcão” (MARX, 2000, p. 15)¹⁴³.

A presença da máquina na natureza provoca um conflito entre a vida simples no campo e a ocupação desse espaço pelas tecnologias. Abbey foi imperativo ao se referir aos veículos motorizados no *wilderness*, porque a presença deles naquele espaço colocava em risco a existência das formas de vida naquela paragem. Esse autor se dedicou deveras em analisar as consequências negativas da permanência de motorizados nos parques:

O *Grand Canyon National Park*. A maior parte da margem sul desse parque é agora seguida por uma rodovia convencional de alta velocidade e interrompida em vários locais por grandes estacionamentos asfaltados. Não é mais simples, na margem sul, fugir do barulho do tráfego motorizado, exceto descendo para o cânion (ABBEY, s/d, p. 56)¹⁴⁴.

¹⁴¹ “It was then I heard the discordant note, the snarling whine of a jeep in low range and four-wheel-drive, coming from an unexpected direction, from the vicinity of the old foot and horse trail that leads from *Balanced Rock* down toward *Courthouse Wash* and on to park headquarters near Moab”.

¹⁴² “suddenly, the startling shriek of the train whistle bearing in upon him, forcing him to acknowledge the existence of a reality alien to the pastoral dream”.

¹⁴³ “penetrating his woods like the scream of a hawk”.

¹⁴⁴ “The *Grand Canyon National Park*. Most of the south rim of this parks is now closely followed by a conventional high-speed highway and interrupted at numerous places by large asphalt parking lots. It is no longer easy, on the South Rim, to get away from the roar of motor traffic, except by descending into the canyon”.

A existência da máquina nos parques nacionais suscitou a desfiguração geográfica e imprimiu, num espaço idílico, um ritmo e uma cultura dos grandes centros urbanos – a presença da tecnologia no espaço visitado. A frequência dos motorizados traduz o risco de morte dos animais e o barulho provocado pelo trânsito interrompe a fantasia prazerosa de poder compartilhar de momentos de paz redentora. A máquina levou para a natureza a interrupção da ordem, transformando-a no caos.

Conforme Marx, (2000, p. 26), “[d]esde a época de Jefferson, as forças do industrialismo [cujo símbolo moderno pode ser o carro] têm sido a principal ameaça à imagem bucólica da América”¹⁴⁵. A invasão das máquinas, em todos os espaços, é um sinal de que a vida moderna surgiu alterando a conjuntura natural. DS colaborou com observações e análises sobre as tensões provocadas pelo maquinário na natureza, conseqüentemente, fez críticas sobre a falta de políticas públicas eficientes que limitassem ou impedissem a depredação do *wilderness* pela presença da máquina:

O automóvel, que começou como uma conveniência de transporte, tornou-se um tirano sangrento (50.000 vidas por ano), e é de responsabilidade do Serviço de Parques, bem como de todo mundo que se preocupa em preservar tanto a natureza selvagem quanto a civilização, iniciar uma campanha de resistência. O monopólio automotivo quase conseguiu estrangular nossas cidades; não precisamos deixá-lo também destruir nossos parques nacionais (ABBEY, s/d, p. 64)¹⁴⁶.

Além de modificar a paisagem, desfigurando o que a natureza produziu em sua geografia, a máquina no *wilderness*, conforme Marx (2000, p. 16), “muda a textura de todo o caminho. Agora a tensão substitui o repouso: o barulho provoca uma sensação de deslocamento, conflito e ansiedade”¹⁴⁷. O que antes era local de felicidade rural torna-se uma extensão da modernidade urbana que se desejou abandonar, pelo menos por um período.

¹⁴⁵ “Since Jefferson's time the forces of industrialism have been the chief threat to the bucolic image of America”.

¹⁴⁶ “The automobile, which began as a transportation convenience, has become a bloody tyrant (50,000 lives a year), and it is the responsibility of the Park Service, as well as that the everyone else concerned with preserving both wilderness and civilization, to begin a campaign of resistance. The automotive combine has almost succeeded in strangling our cities; we need not let it also destroy our national parks”.

¹⁴⁷ “changes the texture of the entire passage. Now tension replaces repose: the noise arouses a sense of dislocation, conflict, and anxiety”.

O desenvolvimento industrial é, para W. W. Rostow, uma grande mudança na vida das sociedades modernas: “quando os velhos blocos e resistências ao desenvolvimento estável são superados, as forças do progresso econômico ‘expandem-se e passam a dominar a sociedade’” (apud MARX, 2000, p. 26-27)¹⁴⁸.

A visitação ao *Arches National Monument* acontecia aos sábados e domingos. A quantidade de campistas não era expressiva, quando Abbey esteve lá pela primeira vez, porque os turistas motorizados não frequentavam o lugar, devido às estradas não serem pavimentadas. Esse fato fazia com que o Parque ainda permanecesse pouco explorado e, conseqüentemente, pouco depredado. Mas Abbey já havia sido advertido que aquele fluxo de visitantes iria aumentar, em razão de um Plano Diretor de desenvolvimento e modernização, o que impactaria diretamente o equilíbrio natural do meio ambiente. A natureza, portanto, perderia espaço para um conglomerado turístico e para milhares de pessoas que passariam por ali, anualmente.

Abbey era consciente de que a modernização e o desenvolvimento afetariam a vida na natureza e se considerava um preservacionista, que deveria professar as ideias de preservação dos parques nacionais. Ele escreveu este relato autobiográfico com o intuito de revelar a natureza, as suas riquezas e a sua importância para a manutenção da “civilização”. É evidente que a sua escolha temática foi influenciada pelo período em que se ausentou do convívio citadino e mergulhou num espaço considerado *wild*.

O encantamento sentido por ele não era só pelo prazer de viver a quietude e o silêncio exultante, mas também, porque o coração do homem é tomado, primeiro, pelo que lhe agrada aos olhos. Segundo Luís Alberto Brandão (2013, p. 89), em *Teorias do espaço literário*, a imagem vem antes do pensamento e provoca o pacto de aceitação, afinidade entre o contemplador e o objeto contemplado, “[a]s imagens são ‘objetos-sujeitos’ e exigem, por parte do fruidor ou do fenomenólogo, uma relação de adesão”. Conforme Bachelard (1961, p. 17 apud BRANDÃO, 2013, p. 89, grifo do autor), o debate teórico, entre espaço e literatura, possibilita o diálogo de que a “imagem espacial” pressupõe a “topofilia”, ou seja, tal noção de descrição dos espaços felizes está subordinada ao *ideal de felicidade*. Em *DS*, Abbey cumpriu esse papel de descrever o espaço do deserto, retratando exatamente esse imaginário de puro deleite e a consciência de proteger esse espaço:

¹⁴⁸ “When the old blocks and resistances to steady development are overcome and the forces of economic progress “expand and come to dominate society”.

Outras considerações vêm à minha mente. O *Arches National Monument* pretende ser, entre outras coisas, um santuário para a vida selvagem – para todas as formas de vida selvagem. É meu dever como guarda-florestal proteger, preservar e defender todos os seres vivos dentro dos limites do parque, sem exceções. Mesmo que não seja esse o caso, tenho convicções pessoais para defender. Ideais, você poderia dizer. Eu prefiro não matar animais. Sou humanista. Eu prefiro matar um *homem* a uma cobra (ABBEY, s/d, p. 20, grifo do autor)¹⁴⁹.

A afeição de Abbey pelo espaço do deserto e o sentimento ecoativista podem ser explicados pelo que Yi-Fu Tuan (1980, p. 5) chamou de *topofilia*, que significa o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, partindo de uma experiência pessoal. Essa relação feliz é justificada pela valoração positiva que o homem atribui ao espaço.

Yi-Fu Tuan, em *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, apresenta três abordagens significativas sobre a relação do homem com o espaço, sobre as quais farei comentários e tentarei estabelecer relações com *DS*. A primeira proposição é a percepção, que está diretamente relacionada à cultura do homem, suas crenças, experiências, exposição a objetos, entre outros. Nesse sentido, duas pessoas não veem o espaço da mesma forma, devido a diferenças nas relações delas para com o mundo.

O contato do homem pela percepção dá a ele a sensação de compreender o mundo pelos sentidos humanos (visão, olfato, paladar, tato, audição), principalmente pela visão: “Os olhos explodem o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas” (TUAN, 1980, p. 12). Essa experiência da percepção pode, também, variar, dependendo de como as capacidades desses sentidos são exploradas, por se tratar de atributos desenvolvidos culturalmente. Mesmo num mundo predominantemente visual: “uma pessoa em determinada cultura pode desenvolver um olfato aguçado para perfumes, enquanto os de outra cultura adquirem profunda visão estereoscópica” (TUAN, 1980, p. 14).

¹⁴⁹ “Other considerations come to mind. Arches National Monument is meant to be among other things a sanctuary for wildlife - for all forms of wildlife. It is my duty as a park ranger to protect, preserve and defend all living things within the park boundaries, making no exceptions. Even if this were not the case I have personal convictions to uphold. Ideals, you might say. I prefer not kill animals. I'm a humanist; I'd rather kill a man than a snake”.

A experiência de Abbey ao relatar os elementos percebidos e descrever apaixonadamente a vista do deserto pode ser justificada devido ao campo visual do homem ser superior ao dos outros sentidos:

À primeira vista, tudo parece um caos geológico, mas há um método em funcionamento aqui, um método de ordem e perseverança fanática: cada sulco na rocha leva a algum tipo de canal natural, todo canal a um fosso, um cânion e um barranco, cada via fluvial maior até o fundo de um desfiladeiro ou um amplo charco levando, por sua vez, ao rio Colorado e ao mar (ABBEY, s/d, p. 11)¹⁵⁰.

O homem compreende o espaço por todos os sentidos, simultaneamente, como o gosto da água de Salt Creek, o perfume do junípero queimando, o calor emanado das rochas, o silêncio exultante: “Simplesmente respirar, num lugar como esse, desperta o apetite” (ABBEY, s/d, p. 7)¹⁵¹, mas, na verdade, esses sentidos agem como sensações.

A segunda abordagem descrita por Tuan é o valor atribuído ao meio ambiente, que se manifesta a partir de alguns laços entre o homem e a natureza:

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1980, p. 107).

Tuan (1980, p. 114-15) explica que a afeição pode provocar no homem amor ou desprezo e que a consciência do passado é um elemento importante na constituição do amor pelo lugar. Esse autor argumenta, também, que o amor pelo espaço é fortalecido pela história que ele agrega. Uma possível conjectura sobre o sentimento topofílico de Abbey pelo lugar é o fato de ele ter vivido um tempo no oeste, além de ter viajado por regiões desérticas na juventude. Assim, essa região ganhou o *status* de espaço de suas lembranças afetuosas:

Suponha que digamos que o deserto evoca a nostalgia, uma nostalgia justificada, não meramente sentimental, pela América que nossos

¹⁵⁰ “At first look it all seems like a geologic chaos, but there is method at work here, method of a fanatic order and perseverance: each groove in the rock leads to a natural channel of some kind, every channel to a ditch and gulch and ravine, each larger waterway to a canyon bottom or broad wash leading in turn to the Colorado River and the sea”.

¹⁵¹ “Simply breathing, in a place like this, arouses the appetite”.

antepassados conheciam. A palavra sugere o passado e o desconhecido, o tecido da terra de onde todos emergimos. Significa algo perdido e algo ainda presente, algo remoto e ao mesmo tempo íntimo, algo imerso em nosso sangue e nervos, algo além de nós e sem limites. Romance – mas não deve ser descartado por causa disso. A visão romântica, embora não seja toda a verdade, é uma parte necessária de toda a verdade (ABBEY, s/d, p. 208)¹⁵².

As experiências obtidas com o tempo e percebidas através dos sentidos e a história do lugar, de forma convergente, despertaram nele o sentimento de pertencimento ao *wilderness*.

Tuan (1980, p. 107-108) explicou que a afeição pela vista do lugar pode ser efêmera, mas ela pode se renovar à medida que o observador-usufruidor daquele espaço conhece a história do lugar. Essa característica reforça o diálogo deste autor com o relato de Abbey, o encantamento nunca se esgota, as experiências vividas, no deserto, serviram como combustível para que a atração que ele sentia nunca se exaurisse:

O que Kenneth Clark diz sobre a apreciação da arte é igualmente certo para a apreciação do cenário. Esta não importa quão intensa, é efêmera, a não ser que nossos olhos fiquem presos ao cenário por alguma outra razão, quer pela lembrança de fatos históricos que santificaram a cena, quer pela lembrança de sua subjacente realidade geológica e estrutural (apud TUAN, p. 108).

Assim acontece o sentimento topofílico de Abbey, pela história que ele carrega do oeste norte-americano, pelo simbolismo que o deserto representava para ele como lugar sacralizado, a sensação de beleza pela vista do lugar se renova a cada amanhecer, a cada visualização do *Delicate Arch*, do horizonte, e por causa da contemplação do céu estrelado. Também ocorre essa renovação pelo próprio ciclo natural: a cada movimento do ar, tempestade e animais se locomovendo pela planície ou região acidentada são elementos que reforçam essa ideia de topofilia.

Outro aspecto do sentimento topofílico provocado pela valoração espacial é a história que ele acumula, já mencionado. A familiaridade com o espaço vem das experiências vividas ali ou de histórias de seus ancestrais, responsáveis pela afeição ao lugar. Conforme Aranda, os elementos espaciais como riachos, montanhas, ar

¹⁵² “Suppose we say that wilderness invokes nostalgia, a justified not merely sentimental nostalgia for the los America our forefathers knew. The word suggests the past and the unknown, the womb of earth from which we all emerged. It means something lost and something still present, something remote and at the same time intimate, something buried in our blood and nerves, something beyond us and without limit. Romance – but not be dismissed on that account. The romantic view, while not the whole of truth, is a necessary part of the whole truth”.

puro, fontes, poços, são elementos cênicos fascinantes, verdadeiras obras dos antepassados:

Ele vê gravada na paisagem circundante a história antiga das vidas e as realizações dos seres imortais que ele venera; seres que por um curto tempo podem, uma vez mais, assumir forma humana, ele conheceu muitos deles, como seus pais, avós e irmãos, como suas mães e irmãs. O campo todo é uma milenar árvore genealógica (apud TUAN, 1980, p. 114).

Abbey herdou de seus pais o interesse e o fascínio pela natureza, em especial – o oeste. Ele se via nos elementos da natureza, como parte integrante, conseqüentemente, via também os seus antepassados, todos no mesmo Cosmo, que ele pretendia defender para deixar para seus herdeiros, para as futuras gerações:

O amor ao deserto é mais do que uma fome pelo que está sempre além do alcance; é também uma expressão de lealdade à terra, a terra que nos sustenta e sustenta o único paraíso que jamais conheceremos, o único paraíso de que precisaremos, se tivéssemos olhos para ver (ABBEY, s/s, 208)¹⁵³.

Abbey percebeu o deserto como o espaço de redenção e paz esmagadora, como o lar e o Paraíso na Terra. Pela linguagem, a felicidade de pertencer àquele lugar e vice-versa, como argumenta Brandão (2013, p. 89), pois que a imagem “efetua a fusão dos contrários”, ela estabelece “uma relação de adesão” entre homem e espaço. Mas importa ressaltar que as imagens não são exclusivamente responsáveis pelo sentimento topofílico do autor, mas o conjunto engendrado pela influência dos pais, as experiências vividas, a história do lugar e a relação com o passado, bem como a sensação de estar no lugar mais bonito da Terra, onde encontrou correspondência das suas virtudes e simplicidade.

Assim, a topofilia é construída pela relação íntima do sujeito com o espaço, algo que o turismo, por exemplo, não proporcionaria. Embora a consciência ecológica do turista seja importante, ela não ativa esse sentimento particular, porque essa relação entre turista e espaço não é uma relação íntima e rotineira. Conforme escreve Tuan (1980, p. 110):

¹⁵³ “But the love of wilderness is more than a hunger for what is always beyond reach; it is also an expression of loyalty to the earth, the earth which bore us and sustains us, the only paradise we shall ever know, the only paradise we ever need, if only we had the eyes to see”.

Muitos dos atuais circuitos turísticos parecem estar motivados pelo desejo de colecionar o máximo possível de etiquetas sobre Parques Nacionais. Para o turista é indispensável a máquina fotográfica, porque com ela pode provar a si mesmo e aos seus vizinhos que realmente esteve no lago Crater. O fracasso do instantâneo é lamentado como se o próprio lago tivesse deixado de existir. Tais contatos superficiais com a natureza, certamente pouco têm de autênticos. O turismo tem uma utilidade, é benéfica à economia, porém, não une o homem à natureza. A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos.

O que falta para o turista é uma sensação de pertencimento ao lugar. Essa sensação de pertencer, de prazer pela beleza da paisagem, pela visão do céu estrelado, pelo contato com a terra e com o ar, intensificaram em Abbey essa identificação positiva e o entusiasmo para conscientizar as pessoas sobre o valor daquele espaço:

qual é a qualidade ou o caráter peculiar do deserto que o distingue, em apelo espiritual, de outras formas de paisagem? Ao tentar isolar essa peculiaridade, se ela existe e não é simplesmente uma ilusão, devemos tomar cuidado com um perigo bem conhecido dos exploradores tanto do micro quanto do macrocósmico – o de confundir a coisa observada com a mente do observador, de construção, não uma imagem da realidade externa, mas simplesmente um espelho do pensador (ABBEY, s/d, p. 300)¹⁵⁴.

O *Arches National Monument* representou para Abbey esse conjunto de memórias positivas. O encantamento que ele sentiu, ao ver o primeiro nascer do sol e a soma de experiências dos prazeres percebidos, a partir do contato com a natureza, proporcionou a ele essa admiração por tudo aquilo que o *wilderness* representava. Respirar o ar puro, sentir o cheiro do junípero, admirar a beleza dos arcos etc. foram vivências positivas. A percepção do autor sobre o espaço fortificou o seu pensamento em protegê-lo e reforçou nele o seu amor pelo deserto, tomado por ele como lar:

Todo homem, toda mulher, carrega no coração e na mente a imagem do lugar ideal, o lugar certo, o único lar verdadeiro, conhecido ou desconhecido, real ou visionário. [...] Para mim, tomarei Moab, Utah. Não me refiro à cidade em si, é claro, mas à região circunjacente – as regiões rochosas. A superfície plana do deserto. O pó vermelho, os penhascos queimados e o céu solitário – tudo o que está além do fim das estradas (ABBEY, s/d, p. 1)¹⁵⁵.

¹⁵⁴ “what is the peculiar quality or character of the desert that distinguishes it, in spiritual appeal, from other forms of lanscape? In trying to isolate this peculiarity, if it exists at all and is not simply an illusion, we must beware of a danger well known to explorers of both the micro-and the macrocosmic - that of confusing the thing observed with the mind of the observer, of constructiong not a picture of external realitty but simply a mirror o the thinker”.

¹⁵⁵ “Every man, every woman, carries in heart and mind the image of the ideal place, the right place, the one true home, known or unknown, actual or visionary [...] For myself I'll take Moab, Utah. I don't mean

A terceira abordagem mencionada por Tuan é a atitude para com o meio ambiente. A relação do homem com a natureza é de caráter histórico-cultural. O significado, o valor e a demanda dos recursos naturais são desenvolvidos a partir da consciência das nações em seus tempos históricos: “Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época” (TUAN, 1980, p. 129).

A estas sociedades que produzem seus espaços de acordo com os seus costumes cabem também a atitude de criar formas de não esgotar os recursos que são a sua sobrevivência. A partir do aumento da população, expansão das cidades, cultivo do campo, houve a preocupação de preservar a natureza intocada do “oeste selvagem”, pois o movimento de expansão foi para aquela região. Conforme Tuan (1980, p. 127), escritores como John James Audubon, Tomas Cole, William Cule Bryan, que viajaram por essa região, nas década entre 1820 e 1840, alarmavam-se pela depredação que encontravam nas regiões selvagens do oeste: “Indivíduos sensíveis e eloquentes, especialmente Henry David Thoreau, exigiram a preservação. Esta exigência surtiu efeito”. O *Yellowstone National Park* (1872) e a Reserva Florestal de Adirondack (1885) tornaram-se áreas de preservação para interesses públicos, graças aos apelos desses literatos.

Abbey herdou essa preocupação com a preservação ambiental e um certo radicalismo, vislumbrado em Thoreau, que o influenciou como escritor ambiental, embora rejeitasse essa denominação, pois era livre o bastante para aceitar rótulos.

A atitude de Abbey como preservacionista foi propagada pela agenda de palestras, artigos, editoriais, entre outros, mas também se expandiu com a sua densa obra, que colaborou com a ecocrítica e como a voz da natureza, ecoando em defesa do deserto:

A nova barragem, é claro, vai melhorar as coisas. Se alguma vez estiver cheia, ela acomodará a água dentro dos limites da ponte, transformando o que antes era uma aventura em uma excursão de lancha em rotina. Aqueles que a veem, então, não entenderão que metade da beleza da *Rainbow Bridge* residia em seu afastamento, em sua relativa dificuldade de acesso e no deserto ao seu redor, do qual era parte integrante. Quando esses aspectos

the town itself, of course, but the country which surrounds it – the canyonlands. The slickrock desert. The red dust and the burnt cliffs and the lonely sky – all that which lies beyond the end of the roads”.

forem removidos, a ponte não passará de uma singularidade geológica isolada, uma extensão desse diorama semelhante a um museu ao qual o turismo industrial tende a reduzir o mundo natural (ABBEY, s/d, p. 241)¹⁵⁶.

A ação de Abbey para com a existência do deserto foi de confessar tudo de espetacular que a natureza oferece e fazer a defesa da preservação, por meio de seus livros, em especial *DS*.

Voltando a Tuan, esse autor afirma (1980, p. 66) que o espaço é uma necessidade biológica e psicológica, um requisito social e um atributo espiritual. De acordo com ele, no Antigo Testamento, as palavras que designam espaço e espaciosidade podiam significar “tamanho físico” ou “qualidades psicológicas e espirituais”, dependendo do contexto. Em uma outra interpretação, psicologicamente, espaço significava “escapar do perigo” e “livrar-se das restrições”, “[n]o plano espiritual, espaço conota libertação e salvação” (TUAN, 1980, p. 67). Abbey defendeu a preservação do deserto não apenas para fins de manutenção do homem. Ele afirmou que a natureza pode ser preservada pelo fato de ser um ecossistema rico em biodiversidades e sugeriu atitude humana altruísta para o bem de tudo que suscita a vida:

Um homem poderia ser amante e defensor do deserto sem nunca em sua vida, deixar os limites de asfalto, as linhas de alta tensão e as superfícies retas. Precisamos da natureza selvagem, quer tenhamos ou não pisado nela. Precisamos de um refúgio, mesmo que nunca precisemos ir até lá. Eu posso nunca em minha vida chegar ao Alasca, por exemplo, mas agradeço que ele esteja lá. Precisamos da possibilidade de escapar com tanta certeza quanto precisamos de esperança; sem isso, a vida das cidades levaria todos os homens ao crime, às drogas ou à psicanálise (ABBEY, s/d, p. 162)¹⁵⁷.

Na parte supracitada, o autor considera a natureza como refúgio necessário ao homem devido à agitação da vida urbana. Ele argumentou, ainda, sobre a importância de conservá-la para suprir a necessidade de se exilar nesse espaço de salvação:

¹⁵⁶ “The new dam, of course, will improve things. If ever filled it will back water to within sight of the Bridge, transforming what was formerly an adventure into a routine motorboat excursion. Those who see it then will not understand that half the beauty of Rainbow Bridge lay in its remoteness, its relative difficulty of access, and in the wilderness surrounding it, of which it was an integral part. When these aspects are removed the Bridge will be no more than an isolated geological oddity, an extension of that museumlike diorama to which industrial tourism tends to reduce the natural world”.

¹⁵⁷ “A man could be lover and defender of the wilderness without ever in his lifetime leaving the boundaries of asphalt, powerlines, and right-angled surfaces. We need wilderness whether or not we ever set foot in it. We need a refuge, even though we may never need to go there. I may never in my life get to Alaska, for example, but I am grateful that it's there. We need the possibility of escape as surely as we need hope; without it the life of the cities would drive all men into crime or drugs or psychoanalysis”.

“[p]odemos precisar disso algum dia, não apenas como refúgio do industrialismo excessivo, mas também como refúgio do governo autoritário, da opressão política” (ABBEY, s/d, p. 163)¹⁵⁸. O mundo natural pode acolher o homem perante o perigo iminente ou garantir-lhe a sensação de liberdade e plenitude.

A sociedade moderna tem buscado construir seu mundo ideal. Essa busca, de forma antitética, resulta na aproximação do homem com a natureza. A fim de curar as frustrações da vida tumultuada da cidade, o homem busca um local de descanso para renovar as energias. Conforme Tuan (1980, p. 286), “[a] geografia oferece necessariamente o conteúdo do sentimento topofílico”. Abbey experimentou e internalizou esse sentimento, percebeu o meio ambiente da forma singular que cada elemento pode despertar através do conhecimento e da percepção: “[o] odor do junípero em chamas é a mais doce fragrância na face da terra, no meu sincero julgamento; duvido que todos os incensários fumegantes do paraíso de Dante pudessem ser iguais” (ABBEY, s/d, p.14)¹⁵⁹. O *wilderness*, com todo o conjunto de valores e símbolos, tornou-se para o autor o local de encantamento, de mágica beleza, o lugar da experiência cósmica, da autodescoberta, da redenção, da purificação pela ideia do *fugere urbem*, é um espaço salutar, redentor, inspirador, restaurador e estimulante, o lugar para onde sempre se quer voltar, o Paraíso na Terra.

A sensação de pertencimento, resposta ao sentimento topofílico, explica o desejo do autor de estar ligado à sua origem primeira – a Natureza – onde o homem se sente em paz e mais perto do sagrado:

Mas o amor pelo deserto é mais do que uma ambição pelo que está sempre além do alcance; é também uma expressão de lealdade à terra, a terra que nos aborreceu e nos sustentou, o único lar que conheceremos, o único paraíso de que precisamos – se tivéssemos os olhos para ver. O pecado original, o verdadeiro pecado original, é a destruição cega por causa da ganância por este paraíso natural que está ao nosso redor – se é que fôssemos dignos dele (ABBEY, s/d, p. 208)¹⁶⁰.

¹⁵⁸ “We may need it someday not only as a refuge from excessive industrialism but also as a refuge from authoritarian government, from political oppression”.

¹⁵⁹ “The odor of burning juniper is the sweetest fragrance on the face of the earth, in my honest judgment; I doubt if all the smoking censers of Dante's paradise could be”.

¹⁶⁰ “But the love of wilderness is more than a hunger for what is always beyond reach; it is also an expression of loyalty to the earth, the earth which bore us and sustains us, the only home we shall ever know, the only paradise we ever need – if only we had the eyes to see. Original sin, the true original sin, is the blind destruction for the sake of greed of this natural paradise which lies all around us - if only we were worthy of it”.

A alusão de Abbey ao sagrado ou paraíso é um culto à natureza, pois para ele o céu, a terra, os animais, as tempestades são elementos do paraíso, portanto são sagrados: “Agora, quando escrevo sobre o paraíso, quero dizer *Paraíso*, não o banal Céu dos santos. Quando escrevo ‘paraíso’ quero dizer não apenas macieiras e mulheres valorosas, mas também escorpiões, tarântulas [...] tempestades de areia, vulcões e terremotos” (ABBEY, s/d, p. 208, grifo do autor)¹⁶¹. A perspectiva do autor preconiza que todos os seres são sagrados e a natureza é o paraíso que os encerra.

É possível fazer um diálogo entre Mircea Eliade (1992), citado anteriormente, sobre o espaço sagrado de Edward Abbey e o panteísmo. Mesmo o homem não religioso é capaz de perceber um espaço como sagrado pelo simbolismo que ele representa. O *wilderness* para Abbey é o que Eliade (1992, p. 25) chama de *Axis mundi* ou Centro do Mundo. Esse espaço homogêneo, que por meio da hierofania, efetuou uma ruptura de níveis, é considerado um lugar sacralizado, porque aproxima o homem do Céu: “Numa palavra, sejam quais forem as dimensões do espaço que lhe é familiar e no qual ele se sente situado – seu país, sua cidade, sua aldeia, sua casa – o homem religioso experimenta a necessidade de existir sempre num mundo total e organizado, num Cosmos” (ELIADE, 1992, p. 27). O mundo de Abbey, o seu Cosmos era o *wilderness*, conseqüentemente, ele o percebia como sagrado.

O sagrado para ele correspondia não a um contato entre o homem e a esfera divina, e sim o contato do homem com a natureza, pois a terra é sagrada porque foi ela que deu a vida a todas as criaturas que a habitam. O sagrado para Abbey não era a relação do homem com Deus, e sim do homem com a natureza, já que ele, pela concepção de Eliade, seria um homem profano, mas que nutria um sentimento hierofânico para determinados espaços que correspondiam à natureza, longe da presença do homem citadino (civilizado).

Abbey não via Deus, no sentido literal do termo, o Deus cristão na natureza, e sim a natureza como manifestação do sagrado, algo que percebo aproximá-lo de uma ideia panteísta da natureza. Se o panteísmo defende que tudo que existe é uma porção ou parte de Deus, ou seja, que tudo é sagrado, é possível dizer que Abbey acreditava numa sacralidade da natureza, ou melhor, tudo aquilo que compõe o deserto se caracteriza como uma manifestação do divino (não no sentido religioso),

¹⁶¹ “Now when I write of paradise I mean Paradise, not he banal Heaven of the saints. When I write "paradise" I mean not only apple trees and golden women but also scorpions and tarantulas [...] sandstorms, volcanos and earthquakes”.

que se materializa na natureza. Dessa forma, a terra era sagrada, porque foi ela que deu vida às criaturas. Assim, as criaturas e tudo que compõe o deserto (os animais, a geografia, o ar, o céu, as plantas, dentre outros) era uma manifestação dessa sacralidade telúrica.

Paul Harrison (2013), em *Elements of Pantheism: A Spirituality of Nature*, explica que o panteísmo, que tem origem no grego *pan* (tudo) e *theos* (Deus), literalmente significa “Tudo é Deus”. Já David Christopher Lane (2016, p. 6), em *Pantheism: A Natural History*, explica que a melhor definição de panteísmo é a que Baruch Espisoza defende, de que “apenas uma unidade real é Deus”¹⁶² ou seja, a universalidade dos elementos em sua totalidade é Deus.

Essencialmente, o panteísmo defende que o Universo e a Natureza são os únicos elementos dignos de deferência. Conforme Harrison,

[o] panteísmo acredita que todas as coisas estão ligadas em uma unidade profunda. Todas as coisas têm uma origem comum e um destino comum. Todas as coisas estão interconectadas e interdependentes. Na vida e na morte, nós, seres humanos, estamos na parte inseparável dessa unidade e, ao perceber isso, podemos encontrar nossa alegria e nossa paz (2013, p. 4)¹⁶³.

Abbey percebe uma conexão entre todos os elementos que compõem a natureza. Por esse motivo, acredito que a filosofia de Abbey é panteísta, pois para ele todos os elementos do mundo são integrados na figura do seu criador, Deus. No caso de Abbey, não seria Deus, mas a Mãe Terra. A ideia dele é de unidade entre todos os seres vivos, num grau de parentesco, já que temos uma origem em comum: nascemos da Terra, e todos os seres, humanos e não humanos, estão no mesmo nível e exercem relação de interdependência:

Somos parentes todos nós, assassinos e vítimas, predadores e presas, eu e o coioite astuto, o urubu, a elegante serpente do pacífico, o trépido coelho, os vermes imundos que se alimentam das nossas entranhas, todos eles, todos nós. Viva a diversidade, viva a Terra! (ABBEY, s/d, p. 42)¹⁶⁴.

¹⁶² “only real unity is God”.

¹⁶³ “Pantheism believes that all things are linked in a profound unity. All things have a common origin and a common destiny. All things are interconnected and interdependent. In life and in death we humans are in inseparable part of this unity, and in realizing this we can find our joy and our peace”.

¹⁶⁴ “We are kindred all of us, killer and victim, predator and prey, me and the sly coyote, the soaring buzzard, the elegant gopher snake, the trembling cottontail, the foul worms that feed on our entrails, all of them, all of us. Long live diversity, long live the earth!”

A ideia de unidade é expressa, também, por Roderick Nash (2014), em *Wilderness and the American Mind*, cuja premissa expressa o conceito de que todos os seres estão interconectados pela origem biológica:

A realidade, mas especialmente a ideia, da natureza selvagem desempenhou um papel importante no novo ambientalismo ecológico. Era um vestígio aguçado das origens biológicas do homem, seu parentesco com toda a vida e sua participação contínua e dependência na comunidade biótica (p. 255)¹⁶⁵.

A origem biológica do homem é o que Thoreau, Abbey e Whitman acreditam, quando expressam a concepção de buscar na natureza a essência original que se perdeu, e essa busca lembra o homem de que ele necessita voltar a uma compreensão de simplicidade para viver. A aproximação com a Mãe Terra expõe o homem à sua origem e condição de elemento equivalente aos demais seres, todos parte de uma unidade muito maior. Conforme Howard Zahniser,

[n]o deserto, [...] "nos sentimos membros dependentes de uma comunidade interdependente de criaturas vivas que, juntas, derivam sua existência do sol". De acordo com um observador de 1970, as áreas selvagens eram uma meca para uma "peregrinação ao passado de nossa espécie". Nesses "santuários de reorientação", podemos "reduzir a vida ao essencial de comida e abrigo". A partir dessa perspectiva de dependência do meio ambiente, surgiu uma visão do homem "como parte do sistema da natureza, não semideuses acima ou fora dele" (apud NASH, 2014, p. 255)¹⁶⁶.

O deserto carrega uma conotação historicamente cultural, mencionado anteriormente. Já foi considerado lugar de bestas e selvageria, bem como paraíso. O deserto é percebido por Abbey como lugar sagrado, sob uma perspectiva panteísta. O *Axis mundi*, que coloca o homem em contato direto com Deus, ou com o Universo, encontra respaldo nas palavras de Nash (2014), que afirma que a compreensão do deserto como lugar de adoração e encontro com Deus ajudou a popularizar esse espaço como sagrado, por um ponto de vista judaico-cristão:

¹⁶⁵ "The reality, but especially the idea, of wilderness played an important role in the new ecology-oriented environmentalism. It was a pointed reminder of man's biological origins, his kinship with all life, and his continued membership in and dependence on the biotic community".

¹⁶⁶ "In wilderness, [...] "we sense ourselves to be dependent members of an interdependent community of living creatures that together derive their existence from the sun." Wilderness areas, according to a 1970 observer, were meccas for a "pilgrimage into our species' past". In these "sanctuaries of reorientation" we can "reduce life to the essentials of food and shelter." From this perspective of dependency on the environment came a view of man "as part of the system of nature, not demigods above or outside it".

O conceito de deserto como igreja, como um lugar para encontrar e adorar a Deus, ajudou a lançar a revolução intelectual que levou à apreciação do deserto. A lógica era que, se a natureza incorpora a lei moral e a verdade espiritual, a natureza selvagem fornece o elo mais direto com a divindade (p. 268)¹⁶⁷.

Em *DS*, Abbey criticou a sociedade estadunidense pela dependência dos avanços tecnológicos, principalmente, o automóvel. Preconizou a preservação do deserto como refúgio para a humanidade, acreditando que a modernidade suprime o que realmente é importante na vida. O autor empreendeu o confronto entre o essencial e o dispensável, tentando encontrar a resposta para seus desejos antagônicos de solidão e coletividade. Buscou explicações para o sentido da existência e a melhor forma de se viver e sentir-se parte do Cosmos:

Quero ser capaz de olhar para o interior de um junípero, um pedaço de quartzo, um abutre, uma aranha e vê-la como é em si mesma, desprovida de todas as qualidades humanamente atribuídas, antikantianas, e até mesmo as categorias de descrição científica (ABBEY, s/d, p. 7)¹⁶⁸.

É possível considerar Abbey como alguém adepto do panteísmo como filosofia ou religião da natureza, pelo comportamento adotado para viver a realidade das coisas, pelo ecoativismo, pela busca da integração com a natureza, por considerar o homem e os elementos do deserto como integrantes da mesma origem, por perceber a sacralidade do espaço do deserto e pelas suas próprias palavras: “Eu não sou ateu, todavia o mais terreno. Seja fiel à terra” (ABBEY, 231)¹⁶⁹.

Perceber o deserto como espaço de redenção e paz restauradora confere ao autor o sentimento topofílico expresso na escolha vocabular, vertendo a felicidade de pertencer àquele lugar e vice-versa, como argumenta Brandão (2013, p. 89), a imagem “efetua a fusão dos contrários”, ela estabelece “uma relação de adesão” entre homem e espaço.

Essa valoração positiva dada pelo autor ao espaço traduz uma sensação de reconhecimento, de regresso ao lar, de aproximação do que é mais harmonioso:

¹⁶⁷ “The concept of wilderness as a church, as a place to find and worship God, helped launch the intellectual revolution that led to wilderness appreciation. The logic was that if nature embodies moral law and spiritual truth, then wild nature provides the most direct link to the deity”.

¹⁶⁸ “I want to be able to look at into a juniper tree, a piece of quartz, a vulture, a spider, and see it as it is in itself, devoid of all humanly ascribed qualities, anti-Kantian, even the categories of scientific description”.

¹⁶⁹ “I am not an atheist but an earthiest. Be true to the Earth”.

Eu prefiro o deserto. Por quê? Porque – há algo sobre o deserto. Não há muita resposta. Há homens da montanha, homens do mar e ratos do deserto. Eu sou um rato do deserto. Por quê? E por que, exatamente, de que maneira o deserto é mais atraente, mais desconcertante e mais fascinante do que as montanhas ou os oceanos? (ABBEY, s/d, p. 299)¹⁷⁰.

Abbey acreditava que o observador poderia tirar toda a grandiosidade, cor, poder do antigo, dos elementos da natureza como as montanhas altas, o mar agitado e o deserto, em tudo há algo supremo para compartilhar. Assim, escolheu o deserto, porque este não diz nada, é passivo, nunca age, jaz livre, escasso, convidando à contemplação. Ao mesmo tempo que é passivo, claro e simples é paradoxalmente misterioso. Suscita algo “desconhecido, incognoscível, prestes a ser revelado” (ABBEY, s/d, p. 301)¹⁷¹. O amor de Abbey pelo deserto pode ser explicado pelas suas reflexões quanto aos sentimentos que esse lugar despertava nele, a necessidade de descoberta que o mistério do lugar incitava, a afinidade pelo rústico e pelo insondável provocavam nesse autor a preferência pelo deserto como o lugar do coração: “O deserto fica do lado de fora, desolado e tranquilo, parece familiar e muitas vezes grotesco em suas formas e cores” (ABBEY, s/d, p. 302)¹⁷². Abbey acreditava que o deserto possui uma sensibilidade que a mente humana é incapaz de perceber e assimilar ou ainda não conseguiu perceber ou assimilar. Os arcos, os desfiladeiros, os pináculos, os labirintos, os terraços, tudo isso permanece lá, intocado pela mente humana.

Conforme Abbey, após anos de contato íntimo com o *wilderness* essa estranheza do lugar permanece inalterada, transparente e inatingível. Isso o fez entender o porquê homens continuam sendo atraídos pelo deserto para uma “busca fútil, mas fascinante, do grande e inimaginável tesouro que o deserto parece prometer” (ABBEY, s/d, p. 303)¹⁷³.

O autor demonstrou que o seu tempo no *wilderness* foi uma tentativa de se conectar com o mundo natural e tentar achar resposta para a sua busca espiritual de “enfrentar os ossos da existência” e descobrir a realidade sobre a base que nos sustenta: “paradoxo ou fundamento”. A solidão e o contato com a natureza deram a

¹⁷⁰ “I prefer the desert. Why? Because – there's something about the desert. Not much of an answer. There are mountain men, there are men of the sea, and there are desert rats. I am a desert rat. By why? And why in precisely what way, is the desert more alluring, more baffling, more fascinating than either the mountains or the oceans?”

¹⁷¹ “unknown, unknowable, about to be revealed”.

¹⁷² “The desert was outside, desolate and still and strange unfamiliar and often grotesque in its forms and colors”.

¹⁷³ “futile but fascinating quest for the great, unimaginable treasure which the desert seems to promise”.

ele a condição de compreender que ambos os mundos que ele conhecia, o urbano e a natureza se completavam. Ele amava o deserto, este foi o lugar onde ele se sentiu mais à vontade, mas amava a civilização também, visto que no final da temporada no Parque, ele já sentia a necessidade de estar entre pessoas, ouvir barulho e sentir toda a agitação da urbe:

Depois de vinte e seis semanas de sol e estrelas, vento, céu e areia dourada, quero ouvir mais uma vez o estalo de conchas no chão do bar na Clam Broth House em Hoboken. Anseio por ver rostos alegres e rosados da 42nd Street e as multidões animadas nas calçadas da Atlantic Avenue. Chega de Land's End, Dead Horse Point, Tukuhtnikivats e outras deliberações importantes; quero ver alguém pular de uma janela ou de um telhado. Eu me canso sem companhia de alguém além da minha – deixe-me ouvir a sagacidade e a sabedoria das multidões do metrô novamente, os aforismos astutos do taxista, a risada genial de um policial de Jersey City, o riso feliz de um milhão de filhos ilegítimos da Grande Nova York (ABBHEY, s/d, p. 331)¹⁷⁴.

O autor compreendeu que a simplicidade da vida poderia ser equilibrada com as necessidades do mundo urbano: “Equilíbrio, este é o segredo. Extremismo moderado. O melhor de dois mundos. Ao contrário de Thoreau, que insistiu em um mundo de cada vez, estou tentando fazer o melhor de dois.” (ABBHEY, s/d, p. 331)¹⁷⁵.

Abbey amava o deserto e a civilização, a qual ele voluntariamente defendia e venerava, uma vez que a existência do deserto é a permanência da civilização.

¹⁷⁴ “After twenty-six weeks of sunlight and stars, wind and sky and golden sand, I want to hear once more the crackle of clamshells on the floor of the ar in the Clam Broth House in Hoboken. I long for a view of the jolly, rosy faces on 42nd Street and the cheerful throngs on the sidewalks of Atlantic Avenue. Enough of Land's End, Dead Horse Point, Tukuhtnikivats and other high resolves; I want to see somebody jump out of a window or off a roof. I grow wery of nobody's company but my own – let me hear the wit and wisdom of the subway crowds again, the cabdriver's shrewd aphorisms, the genial chuckle of a Jersey City cop, the happy laughter of Greater New York's one million illegitimate children”.

¹⁷⁵ “Balance, that's the secret. Moderate extremism. The best of both worlds. Unlike Thoreau who insisted on the world at a time I am attempting to make the best of two”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi analisar a identidade ecológica de Edward Abbey, o ecoativismo praticado por ele e a sua relação topofílica com o deserto, sob o viés da ecocrítica.

A partir da análise desses três temas: identidade, ecoativismo e topofilia e de relacioná-los entre si e com o pensamento e atitudes do autor, compreendi que o espírito ecoativista de Edward Abbey foi moldado desde a infância pela vivência em lugares próximos à natureza, também pela influência dos pais e de seus antepassados paternos e pelo espírito anarquista que muito o impulsionou para a causa da defesa ambiental.

Observei que a identidade do autor se formou pela soma de experiências, pelos conteúdos fornecidos pela história, geografia, pela memória coletiva, por aparatos de poder e pelo que Castells chamou de identidade sociobiológica, ou seja, aquela que considera o ser humano como um componente da natureza. Portanto, é natural aos ambientalistas e ecologistas possuírem essa identidade por pensarem em todos os seres como pertencentes a uma única espécie, o que dialoga com o pensamento de Abbey sobre todos (animais, plantas, arcos, homens) serem aparentados. A resposta para a pergunta inicial, no capítulo 1, é positiva, pois a identidade *wilderness* se configura pelo extremo ativismo de Abbey, pela sua relação com o deserto, pelo seu panteísmo, pela aceitação da religião da natureza e da relação equivalente entre todos os seres, já que ele não se percebia como superior às outras espécies, por razão de ele reconhecer os elementos da natureza não espoliada como seres igualitários e integrantes desse tecido chamado Mãe Terra.

A natureza retratada científica e filosoficamente pelo autor é colocada como base do discurso literário e o deserto como a sustentação da vida, da civilização. O autor, por meio da linguagem literária, fez um relatório da vida do deserto, explicou como o *wilderness* fora há algumas décadas antes da escritura de *DS* e levantou as causas da degradação do deserto. Ele dissertou sobre o deserto em sua geografia, sua formação e transformação com a interferência do homem. Falou sobre a vegetação e os animais endêmicos como sua única companhia, na maior parte do tempo que esteve naquele lugar. Exaltou o silêncio e a paz que um homem pode alcançar estando em um espaço em que podia ser nomeado como o paraíso na terra

e explicou que a degradação e a modificação da paisagem se tornaram uma realidade, principalmente pela chegada do turismo industrial.

Abbey advertiu quanto ao aumento gradual das instalações modernas de hotéis, restaurantes e *resorts*, que poderiam abalar os monumentos rochosos, os arcos de arenito e matar os animais da região por atropelamento, devido ao aumento de veículos na região. Além disso, a poluição por fumaça, óleo, latas, papéis, pontas de cigarros, poderia contaminar o ar, os rios e matar animais que ingerissem algum tipo de embalagem deixada pelos turistas.

Apesar de a natureza ser considerada por algumas culturas como sagrada, e defendida por grupos de ambientalistas, ecoativistas e literatos pró-preservação, isso não impediu que ela fosse explorada de forma destrutiva, colocando em risco os recursos naturais, a vida selvagem, o habitat dos ecossistemas e a vida humana. A utilização destrutiva dos recursos da natureza fez com que governos criassem áreas de preservação protegidas por leis, a exemplo, o *Grand Staircase-Escalante*, monumento criado pelo presidente Bill Clinton, em 1996 e o *Bears Ears National Monument*, criado em 2016, pelo presidente Barack Obama. Esses atos foram o resultado de análises de ambientalistas, cientistas e pensadores que refletiram quanto aos efeitos nocivos da ação humana sobre a natureza, conseqüentemente, sobre o próprio homem.

A constatação de que o modelo de desenvolvimento global, fundamentado em uma expectativa de crescimento contínuo, que utiliza a natureza como fonte de recursos inesgotáveis e que ela existe para o benefício da humanidade, fez emergir vozes que defendem tanto a preservação do *wilderness* quanto a manutenção da humanidade, como a voz de Edward Abbey, que ainda “ecoa” no deserto, de forma consciente e poética, encantando pela descrição e análises sobre as paisagens e a vida daquele lugar, chamando outras vozes para se juntarem a essa causa.

Edward Abbey conheceu o deserto e deixou-se conhecer por meio dele. As incursões feitas, com o objetivo de se relacionar com a natureza no seu estado mais puro e não espoliado, levaram esse autor a perceber que a preservação do meio ambiente era urgente, que a vida moderna poderia provocar a destruição da natureza se o desenvolvimento não fosse controlado. O espírito anarquista e aguerrido desse autor foi ao encontro da influência que a natureza exercia sobre si, que deixou-se ser influenciado. Os trabalhos produzidos por Abbey postulam o seu ecoativismo por meio da literatura, que intenta engajar mais pessoas a debater e proteger o meio ambiente.

As aventuras empreendidas por Abbey e o seu hábito de fazer anotações e escrever sobre os lugares que percorria facilitaram o seu trabalho de escritor, mas também colaboraram para a elaboração de um trabalho que contemplou a literatura ambiental e os estudos ecocríticos pela relevância do conteúdo e do seu ativismo nos seus livros.

Pude constatar, no decorrer da pesquisa, a relação positiva e de cumplicidade de Edward Abbey com o *wilderness*, o que me inspirou a refletir acerca das observações sobre como a humanidade negligencia a natureza, por meio de um comportamento sem empatia. As reflexões provocadas influíram-me a pensar que *DS* é um livro que nos leva a uma profunda reflexão sobre o valor e a importância de todos os seres da Terra e que devemos descobrir a melhor forma de se viver. Ademais, é uma proposta de preservação, dos parques nacionais do oeste dos Estados Unidos, que pode ser considerada um projeto de preservação da natureza como um todo. Esse livro e o seu autor colaboram com o debate, em nível global, quanto à urgência em se preservar o meio ambiente e o que ainda resta dele, pelo diálogo ecocrítico com as outras ciências.

DS é um livro que apresenta, de forma poética e filosófica, a geografia e os elementos espaciais dos parques nacionais dos Estados Unidos. Além disso, ele faz importantes observações sobre as falhas de proteção ambiental desses parques em função do turismo industrial e da industrialização que desumanizaram as experiências na natureza, incentivando o desânimo e a apatia dos turistas e modificando permanentemente a paisagem dos parques. Esse livro é um tratado do ponto de vista cultural e geográfico que registrou um período de exploração saudável do autor no *Arches National Monument*, denunciou a negligência e a exploração destrutiva do Parque. O livro serve como uma denúncia quanto aos ataques que a natureza sofre em função do progresso não pensado de forma sustentável e é um texto literário que pode e deve ser trabalhado nas escolas e universidades para se estudar a poesia e a filosofia nele contidas e inspirar as pessoas à prática da leitura de textos literários, por razão de o texto apresentar uma escrita apaixonadamente poética e intensa e inspirar as pessoas a pensar de forma ecológica.

REFERÊNCIAS

ABBEY, Edward. A Letter To All Students And Faculty Members Holding Draft Cards. In: *FBI Records: The Vault*. 1947, p. 2. Disponível em: <https://vault.fbi.gov/Edward%20Abbey/Edward%20Abbey%20Part%2001%20of%2003/view> Acesso em 09-08-2019.

_____. *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness*. New York: Ballantine Book, s/d.

AUDI, Robert. *The Cambridge Dictionary of Philosophy*. 2nd edição. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CARDOSO, Irene. *A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 17, n. 2. 2005, p. 93-107. www.revistas.usp.br/ts/article/view/12472/14249

BARRY, Peter. *Beginning Theory: An Introduction to Literary and Cultural Theory*. New York: Manchester University Press, 2009.

BEATON, Charles Russ; MASER, Chris. *Economics and Ecology: United for a Sustainable World*. New York: CRC Press, 2012.

BEGON, Michael; TOWNSEND, Colin R.; HARPER, John L. *Ecology: From individuals to Ecosystems*. 4th edition. UK: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRASIL. *Constituição Federal*. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Artigo 225, 1º, inciso V. Brasília, DF, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm Acesso em: 14-04-2020.

BRYANT, Paul. The Structure and Unity of Desert Solitaire. In: *Western American Literature*, Volume 28, Number 1, Spring 1993, pp. 3-19 Published by University of Nebraska Press: Nebraska, 1993 <https://muse.jhu.edu/article/532558/pdf> Acesso em 10-06-2018.

BURROWS, Russell. Ontology vs. Epistemology: The Philosophical Dynamic Driving Edward Abbey's Desert Solitaire. In: *Western American Literature*, Volume 35, Number 3, Fall 2000, pp. 284-297, Published by University of Nebraska Press, 2000 <https://muse.jhu.edu/article/534706/pdf> Acesso em 10-06-2018.

CAHALAN, James M. *Edward Abbey: a life*. Tucson: The University of Arizona Press, 2001.

CASTELLS, Manuel. O "verdejar" do ser: o movimento ambientalista. In: *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1999.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução Tomás Rosa Bueno. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CLARKE, Timothy. *The Value of Ecocriticism*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2019.

ELIADE, Mircea. O espaço sagrado e a sacralização do mundo. In: *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 25-61.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, v 1.

EMERSON, Ralph Waldo. *Nature*. FreeEditorial, 2014. Disponível em: <https://freeditorial.com/en/books/nature> Acesso em 22-09-2019.

FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION. *Edward Abbey*. Disponível em: <https://vault.fbi.gov/Edward%20Abbey> Acesso em 23-09-2019.

FERREIRA. A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.

FREUD, Sigmund. O mal-estar da civilização. I: _____. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar da civilização e outros trabalhos*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 73-148.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.

GLEN CANYON INSTITUTE. *Why Glen Canyon?* Disponível em: https://web.archive.org/web/20160703042109/http://www.glencanyon.org/glen_canyon/why-glen-canyon Acesso em 24-01-2020.

GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold. *Ecocriticism Reader. Landmarks in Literary Ecology*. Georgia: University Georgia Press, 1996.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014

HARRISON, Paul. *Elements of Pantheism: a Spirituality of Nature and the Universe*. 3rd edition. pan@pantheism.net, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: EDA/FBN, 2012.

LANE, David Christopher. *Pantheism: A Natural History*. California: MSAC Philosophy Group, 2016.

LEFF, Enrique. *Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade Ambiental*. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2009.

LYON, Thomas J. A Taxonomy of Nature Writing. In: *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Georgia: University Georgia Press, 1996.

KOWALEWSKI, Michel. *Reading the West: New Essays on the Literature of the American West*. New York: Cambridge University Press, 1996.

MARX, Leo. *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York: Oxford, 2000.

MILLER, Jeremy. *A Trip to Drought-Wracked Lake Powell Reveals the Lost Wonder of the "Cathedral in the Desert"*. Earth Island Journal. Disponível em: https://www.earthisland.org/journal/index.php/magazine/entry/drowned_heart/ Acesso em 24-01-2020.

MONGILLO, John; BOOTH, Bibi. *Environmental Activists*. Westport, CT: Greenwood, 2001.

MORIN, Edgar; LEFORT, Claude; CASTORIADIS, Cornelius. *Maio de 68: a brecha*. Tradução Anderson Lima da Silva e Martha Coletto Costa. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

MORRIS, Desmond. *O contrato animal*. Tradução de Lúcia Simonini. Rio de Janeiro: Record, 1990.

MISHRA, Sandip Kumar. *Ecocriticism: a Study of Environmental Issues Literature*, BRICS Journal of Educational Research. 2016, p. 168-170.

NASH, Roderick Frazier. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 2014.

O'CORNOR, Jonh. The Balancing Act of Arches. The New York Times. New York, 02 jun. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/07/02/travel/arches-national-park-edward-abbey-desert-solitaire.html> Acesso em 22-05-19.

PENA-VEGA, Alfredo. *O despertar ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa*. Tradução Renato Carvalheira do Nascimento e Elimar Pinheiro do Nascimento. Rio de Janeiro: Garamond: 2003.

PETERSEN, David. *Confessions of a Barbarian: Selections From the Journals of Edward Abbey*. Colorado: Jhonson Books, 2003.

PORTEOUS, Douglas; SMITH, Sandra E. *Domicide: The Global Destruction of Home*. McGill-Queen's University Press, 2001.

RONALD, Ann. Edward Abbey. In: *A Literary History of the American West*. 4th edition. Texas Christian University Press, 1987.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SCHEESE, Don. *Nature Writing: The Pastoral Impulse in America*. New York: Routledge, 2002.

STORR, Anthony. *Solidão: a conexão com o eu*. Tradução Cláudia Gerpe Duarte. Benvirá, 2011. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-solidao-anthony-storr-em-pdf-epub-e-mobi/> Acesso em 13-04-2020.

THOREAU, Henry David. *The Succession of Forest Trees*. Good Readings, 2015.

_____. *Walden*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2019.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL I Difusão Editorial S. A, 1980.

WHITE, Rob; HECKENBERG, Diane. *Green Criminology*. New York: Routledge, 2014.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.